

J. Brandão - R. Brandão

Vida de Santos



COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA
PORTO

José M. ^{de} Rodrigues
Leilões nº. 3-2º vol.
nº. 2189

Res

4893



A VIRGEM MARIA

J. BRANDÃO — R. BRANDÃO

VIDA
DE
SANTOS

~~~~~  
VIRGEM MARIA

(MÃE DE DEUS)

E

SANTA ISABEL

(RAINHA DE PORTUGAL)

---

I VOLUME

---

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.<sup>a</sup>

EDITORES

119—Rua do Almada—123

—  
PORTO—1891



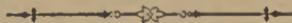
COMPRA

252790

Res  
4893

*Ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Senhor*

**Arcebispo Primaz das Hespanhas**



*Ao Emm.<sup>mo</sup>*

**Cardenal Bispo do Porto**

Offerecem respeitosamente,

*Os Auctores e os Editores.*



## Texto da approvação ecclesiastica:

Approvamos com a melhor vontade esta publicação da «**VIDA DE SANTOS**» e desde já recommendamos aos Fieis d'esta diocese a leitura do volume intitulado «Virgem Maria,» Mãe de Deus, e «Santa Isabel,» Rainha de Portugal, por conter doutrina orthodoxa, e instructiva e por forma amena.

Porto, Paço Episcopal, 10 de julho de 1891.

Americo, Cardeal Bispo de Porto.

## Approvação do snr. Arcebispo de Braga

Approvamos da melhor vontade esta publicação da «**VIDA DE SANTOS**», recommendando desde já aos Nossos Diocesanos a leitura do volume intitulado «Virgem Maria,» Mãe de Deus, e «Santa Isabel,» Rainha de Portugal, por nada conter contra a fé e bons costumes, sendo a sua doutrina orthodoxa, propria a fomentar os sentimentos religiosos e exposta em linguagem agradavel e attrahente.

Paço de Braga, 7 de agosto de 1891.

Antonio, Arcebispo Primaz.



DOUTÍSSIMOS PRELADOS:

*Respeitosamente vos vimos entregar este trabalho, que julgamos vos ha de ser agradavel, quanto conveniente n'uma epoca tumultuosa e embatida de paixões, de desequilibrios e de males. Não foi nosso intuito fazer uma obra nova, mas tão sómente passar para um estylo facil e amavel a pintura mimuciosa e veridica d'essas creaturas celestes, cuja vida se passou coroada do esplendor radiante d'aquelles que seguem continuamente sorrindo, sem uma duvida no olhar, pelo caminho do Bem e da Verdade, para chegarem á porta de oiro, dentro da qual uma aurora infinita e doce se abre e radia na apothose do triumpho.*

*Nós queremos apresentar, contando a sua historia repassada de soffrimentos e de poesia, essas figuras gloriosas dos martyres, essas imagens d'um suave aroma de pureza e graça, cuja vida foi um caminho de luz, tapetado de flôres, gorgeiado de aves, por onde passavam*

*immensamente castos e bemditos, os corpos sangrando de cilicios retalhantes, os peregrinos da Eterna Cidade, cujo habito puro e simples a Justiça polvilhou de diamantinas estrellas.*

*Pareceu-nos necessario que, n'uma epoca em que o espirito tem toda a necessidade de divagar e de estudar, se fizesse uma obra onde se gravasse bem claro e bem alto, dando-lhe uma fôrma transparente e poeticamente correntia, a interessar todos os que no coração encerram ainda germens de piedade e de grandeza, a amplitude de almas como aquellas, onde nunca medrou um sentimento impuro, a par de abnegações, de dôres e de generosas dedicações christãs.*

*A nossa obra, claramente, não é uma innovação: muitos são os trabalhos sobre Santos, muitissimos os illustres elaboradores de tão necesarios livros; mas parece-nos que a applicação do nosso processo, a maneira como resolvemos fazer todos estes volumes, é que é inédita, ou pelo menos completamente desconhecida para nós. No FLOS SANCTORUM, nas narrações esparsas de vidas de Santos, em tudo que diz respeito a tão alevantado objecto, encontramos apenas, mais ou menos amplificado, o facto, acompanhado aqui e ali, de curtas e sabias considerações. Não obstante, o estylo em geral, em fôrma de apontamentos, cortado e sem attracções de fôrma, por vezes sem a translucidez precisa para a geral comprehensão do publico, não nos parece de modo algum coadunar-se com uma obra de propagação, uma leitura ensinadora e amena, que deve ser agradavel e deslizando, profundamente estudada, o que não obsta a que vaga-*

*mente se romantise, sem um passo affastado da verdade, o que apenas acolá vem como ligeiro apontamento de chronista. O publico assim, parece-nos, ha de lêr com mais jubilo e com mais frequencia: e como é poderosa, inquestionavelmente, a acção dos livros lidos sobre os espiritos, não pôde deixar de ser proveitoso e nobre o resultado da nossa obra, onde apenas florescem virtudes e exemplos, e onde sempre esplende um clarão de paz, de desprendimento e nobreza, como um eterno sol illuminando as almas! Procuraremos compulsar tudo o que nos seja accessivel, para que o trabalho seja o mais completo e o mais são — e, se não aspiramos à gloria, confiamos contudo, na boa accettazione do nosso esforço e da nossa boa vontade.*

*Pondo em vossas mãos este volume, nós esperamos benevolencia — a benevolencia com que se conta de dois espiritos superiormente grandiosos e illustrados. Estes livros — tal a nossa fé — serão por vezes, não por certo devido a nós, mas à elevação do personagem que procuramos pôr em todo o relevo da sua poderosissima grandeza; devido ao perfume distante da sua vida, à limpidez do seu sorriso e da sua alma, à sequencia de tantas acções generosas e piedosas — serão, repetimos, guardados amavelmente pelas mães; lidos muitas vezes com as lagrimas nos olhos pelas filhas, e ficarão no seio das familias crentes, como ramos de açucenas nevadas, exhalando as suavissimas fragancias consoladoras, que nos fazem sonhar n'uma epoca distante, em que a via anciada do Cêu era mais povoada e seguida por caravanas de Puros e de Martyres...*

*Já demais são as obras infructíferas, que dia a dia estamos a vêr publicadas, umas levando apenas ao seio das famílias doutrinas erroneas e prejudiciaes, contribuindo poderosamente para uma forte dissolução dos bons costumes e para despenhar no abysmo tenebroso da duvida e da descrença muitos espiritos borboleteantes, sem firmeza, sem solidez no pensamento, que facilmente tomam voo em mil direcções. Todos os dias estamos a vêr, desditosamente, obras acclamadas e largamente applaudidas, que deveriam ter a reprovação de todos os que presam a moralidade e a honra, os que não querem vêr desfeitos os liames da família — liames de ouro fino, que prendem corações a corações, sentimentos a sentimentos, e até as proprias vidas unem por todo o sempre.*

*Em vez de livros edificantes, que nos illustrem ou nos contem, como estes, exemplos diamantinos de amor por tudo que é sublime de abnegação, de grandeza — são livros contando e esmiuçando torpezas e infancias, cheios do virus de almas, onde pouco e pouco se foram apagando os sentimentos puros, a suprema aspiração da verdade e do justo, para ficarem aprisionadas pelo egoismo, pela inveja, pela maldade, por tudo o que serve para a desgraça, para o anniquilamento das sociedades, como quem anda a espalhar uma semente maldicta, satisfazendo-se diabolicamente em vêr crescer as searas amaldiçoadas do Mal.*

*Um livro é um medicamento moral, que tanto pôde sarar e fortificar a alma, como infelizmente ainda debilitar-a e matar-a.... E ai d'aquelles que não saibam aproveitar o que ha de verdadeiro d'entre o falso, como as plan-*

*tas damminhas se arrancam para não prejudicarem as outras; ai d'aquelles que não discernem o muito que se escreve para preverter e desnortear os que seguem pelo caminho dos eastos com o immaculado manto alvissimo.— BEATUS VIR, QUI NON ABIT IN IMPIORUM CONSIPIO — é a abertura profundamente philosophica dos “Psalms,„. De feito um livro é una fonte, que tantissimas vezes mata a sede espirital! mas essa agua bebida pôde ser como a que Moysés fez rebentar da fraga, viva e crystallina, ou pôde servir apenas de fazer mais séde e de ir seccar todas as flôres celestes que vicejavam no nosso coração.*

*Não por nós, mas por todos os que intentam fazer ainda alguma obra, baseada em salutaes princípios, defendendo una salutar doutrina, quereríamos vêr impulsionados todos estes trabalhos fructuosos, quereríamos que não passassem despercebidos quaesquer esforços que se fizessem. A quasi indifferença como por vezes são recebidos, faz quebrantar frequentemente a esperança: e toda a aspiração do escriptor é ser accete, ser estimado e lido, para ter vontade, assim, de ir trabalhando sempre... D'outr'arte como elaborar planos, esboçar no espirito novos trabalhos a fazer?*

*N'esta obra, repetimos, se fôr bem accete, irá deslizar a procissão purissima dos sem macula,— monjas e ascetas, martyres, sacerdotes e virgens — d'aquelles para quem o mundo não foi mais do que um valle de pranto, por onde haviam de passar, chorando, para o Céu... Será, portanto, uma obra de profundo ensinamento. A par do amor divino, não deixa n'esses peitos de crescer florente a arvore do amor paternal, filial, do grande*

amor da Humanidade, que não lli'o merecia por certo, ella que se deixava arrastar na corrente impetuosa dos crimes, como um batel sem vélas e sem remos n'um grande mar tempestuoso, atravez do resfolegar sarcastico dos ventos. E' uma obra de suprema piedade e de altissima justiça; é uma epopeia de sentimento, em que os heroes são muito maiores que os dos grandes poemas epicos — e a que apenas faltarão os recursos d'um estylo grandiloquo, que nem estava na nossa modestissima alçada, nem na do geral do publico que o lê, nem continha por certo, á adoravel simplicidade d'esses Santos...

Ao canto da larcira, no inverno, aos serões; á fresca viração d'aragem, no verão, quando o céu impurplece, e as folhas das romanzeiras vão calindo, uma a uma — o espirito busca entretenimento e procura e aneeia, depois do trabalho rude, depois do labutar de cada dia — pelo goso ineffavel que a leitura dá, educando e ensinando.

Ó mães! dae a lêr este livro a vossos filhos na tenra idade em que as palavras ficam e se gravam nos corações! Em que livro, melhor do que n'este livro, encontrarão as creancinhas mais altos exemplos de dedicação, de amor a Deus e de amor pelo proximo? em que livro, melhor que n'este livro, onde se respira um ar mais puro que o das altas montanhas, que ao longe esmaecem e se azulam, se aprenderá o que a Deus se deve e como o devemos servir?... Pois que entardece e o dia é calmo e o céu é azul e no arvoredo trinam aves, chamae os vossos filhos para a vossa beira, affagae-os e beijai-os — abri este livro em qualquer pagina e lêde... Como de repente o grazinar

*das creanças cessou; como nos seus olhos se lê a ancia, o desejo de ser assim — como qualquer d'esses martyres, que atravez d'esta obra vem desfilando, — bellos, como é bella a luz; puros, como é pura a verdade!*

DOUTÍSSIMOS PRELADOS:

*Offerecendo-vos respeitosamente esta obra, queremos assim testemunhar a admiração que temos pelos vossos caracteres, pela vossa vida, cheia de dedicações, immaculada e nobre. Pouco vale a nossa parte n'este grande livro, muito, porém, pelos sacrificios que ali se narram, pelos martyrios dos que pelo Senhor alegremente soffreram — dedicando uma vida inteira a bem servir Aquelle em quem todos buscam refugio; Aquelle que é a unica confiança dos justos — o Consolador dos que choram; Aquelle que falla ás mães que perdem os seus filhos, e que as enche de esperança, dizendo-lhes: — Orae! mais tarde, ao fim d'uma vida temente — encontra-o-heis, sorrindo, abrindo-vos os braços, no Cén!... Aceitae, pois, bondosamente, o fructo do nosso trabalho modesto, — e possa elle estancar uma lagrima humilde de alguém que soffra; possa elle alentar e fazer seguir no caminho da virtude, alguém que desfalleça; possa elle pelo exemplo, mostrando á luz puríssima a vida santíssima dos martyres, confortar alguém que pelo Senhor padeça — que bem felizes, bem contentes, bem retribuidos dos nossos affans e das nossas vigílias, ficaremos.*

*Os auctores.*





A VIRGEM MARIA



# A VIRGEM MARIA

## I

### A Virgem.—A Anunciação.

**A** NOITECER da Judeia. A lua brilhava já pallidamente no céu como um grande lyrio doente, e as raparigas trigueiras de Nazareth, de cantaro ao hombro, passavam no carreiro para o poço, na suavidade sem fim da tarde avelludada — das tardes da Judeia, onde o palrar das aguas correntes tem o encanto d'um choro, onde os saltões grazinando nas folhas largas das figueiras, que parecem de bronze no azul, dizem velhas cantigas singelas d'amor.

Para casa já ia Maria — e assim bella, cheia d'uma penetrante suavidade, os olhos verdes, amoraveis, errando — de toda Ella sahia um encanto sem fim, o encanto da sua alma tão pura, da sua divina bondade. O seu burel ondulava levemente á briza ligeira da tarde.

A' beira do poço outras raparigas tinham ficado palrando, e, no cinzento do anoitecer, o linho puro dos

seus turbantes brilhava, enchia-se de frescura. Era do casamento da Virgem Maria com S. José que fallavam, e todas se admiravam de como aquelles esponsaes se tinham feito, e recordavam, quando no Templo, em Jerusalem, se tinham juntado as raparigas, ao sahirem d'alli para casar-se, de como Ella se recusara a sahir tambem. Tinham vindo de todas as bandas da Judeia, as virgens, vestidas de puro linho, umas offertando ao Senhor cordeirinhos alvos que balavam, outras, as pobres, pombas tão nevadas que pareciam de leite —e no Templo, entre canticos, esperavam cheias de alegria que o Summo Sacerdote as mandasse sahir para se casarem—como era de costume. Foi quando a Virgem Maria se recusou—e, como o Summo Sacerdote lhe perguntasse, n'um espanto, qual era o motivo porque não queria casar-se, quando todas as raparigas o desejavam—porque os prophetas haviam dito que d'aquelle povo sahiria um Messias, redemptor de todos, Ella respondera humildemente :

—Fiz voto de castidade, e offereci a Deus a minha virgindade.

Ajuntaram-se, então, o Summo Sacerdote, os letrados, os escribas e os phariseus, para resolver o que se faria, e, como nada deliberassem, aconteceu que a um d'elles foi revelado, que era a vontade de Deus que Maria se desposasse assim; *Que todos os varões solteiros da geração de David, d'onde Ella descendia, se ajuntassem no Templo n'um dia signalado, onde cada um tomasse uma vara na mão estando juntos, e que aquelle cuja vara florescesse, casasse com esta Senhora.*

Fôra então que, passados dias, se reunira no Templo toda a descendencia de David: tinham vindo pastores, envoltos em pelles de carneiro, bronzeados, bellos como estatuas; velhos e moços, uns pobres, outros ricamente vestidos—e então lentamente tremeu, subiu no Templo, que resplandecia, d'ouro puro, uma prece ao Senhor: canticos elevaram-se: os Sacerdotes, vestidos de linho purissimo, as longas barbas patriarchaes descendo em ondas de neve pelo peito, sacrificavam ao Senhor Deus de Israel: luzes esmaeciam, rosando-se: um carneiro tristemente balava: e a prece subia mais alta, suavissima... Vira-se então a vara de S. José florescer milagrosamente, cobrir-se de brancas assucenas, e uma pomba palpar no alto do Templo, descer, voejar sobre elle...

E ainda que ambos tivessem feito voto de virgindade perpetua, foram logo desposados—e já a Virgem sabia, por inspiração divina, que S. José havia feito o mesmo voto.

Era n'isto que as raparigas de Nazareth palravam á beira do poço—e o murmurio das suas vozes argentinas juntava-se docemente ao tilintar da agua cahindo, ao grazinar, cheio da alegria, dos saltões nas folhas largas das figueiras, que o luar prateava levemente... O crescente da lua ia rolando serenamente no céu, como uma foice de prata segando as papoulas do azul—as estrelas...

Fôra assim que a Virgem se desposára com S. José, e, n'essa tarde, voltando do poço, ao anoitecer, sentou-se á beira da janella, lendo e meditando a prophecia de

Isaias: *Uma virgem conceberá e parirá um filho e se chamará Deus connosco...* As romanzeiras em tlór aromatizavam o ar; uma rapariga ao longe dizia uma cantiga em voz purissima. A Virgem orava, pedia, cheia de modestia, erguendo ao ceu os olhos onde se lhe reflectia a alma, rogava a Deus que lhe permitisse vêr a virgem escolhida por Elle:

— Oh! quem me dêra vê-la! Como eu seria feliz se fosse sua scrva humilde. Bemaventurada a mulher escolhida pelo Senhor! Bemaventuradas as entranhas, virginaes e purissimas, onde Deus se fará homem! ditosos os peitos, alvos como o leite sem mácula, onde se suspender Aquelle que dá ser e alento ao Universo inteiro...

Então um Anjo appareceu-lhe. Todo elle resplandecia: a sua tunica parecia feita de luz: a sua fronte bella e veneravel irradiava, e ajoelhando, entre alegre e risonho, murmurou suavemente:

— Deus vos salve, cheia de graça; o Senhor é com-vosco; bendita sois vós entre as mulheres.

Turbou-se a Virgem, ruborizando-se, não por vêr o Anjo, que estava acostumada a vê-los, mas por elle lhe fallar e lhe chamar *cheia de graça*.

E o Anjo vendo-lhe os pensamentos, sempre de joelhos:

— Não temaes, Maria.

E depois de lhe dizer que não era um Anjo das Trevas, que não havia traição nem doblez nas suas palavras, e que era mandado de Deus—affirmou-lhe que conceberia e teria um filho a quem poria o dôce nome de Jesus

E prostrando-se mais, rogou-lhe que accedesse á vontade do Senhor:

—Accedei, Senhora, á vontade do Senhor. Pensae nos Justos desterrados no Paraizo, nos Patriarchas e nos Prophetas detidos no Limbo, e que esperam a alegria da vossa resposta, como o viandante perdido no deserto e morrendo sequioso, espera e aneia pela frescura do oasis. Fallae, Senhora, alegrae o Céu, pois que o proprio Deus está esperando...

E a Virgem convencida, *cheia de graça*, um divino fulgor nos seus grandes, amoraveis olhos verdes, verdes como o mar infinito, verdes como a esperança, humildemente murmurou:

—Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a sua vontade...

## II

### A Visitação. — Afflicção de S. José.

#### —Apparecimento do Anjo.

Logo partiu a Virgem para a região montanhosa, ao Hebron, a visitar a sua parenta Isabel, casada com o Sacerdote Zacharias, e mãe de S. João Baptista.

Era na primavera então—e o fertil paiz da Judeia cobria-se de verdura sob o céu azul. As amendoeiras, as romanzeiras, enchiam-se de flôr; claros cantavam os arroios, ao fundo das encostas cobertas de videiras. Os pastores gritavam ás rézes transviadas. Na volta d'um caminho, fresca, toda branca entre o verde, sorria a

casa d'um romano, o tumulto onde os seus repousavam resplandecendo ao sol, caído de novo. Velhos escravos negros, quasi nús, faziam rodar grandes mós de moinhos—e toda a amavel região da Galilea se cobria então amoravelmente de flôres e de verdura nova, se enchia da alegria jovial da primavera, do sussurramento saudoso d'abelhas que pareciam scintillas d'oiro faiscando ao sol, do cantar dos riachos palhetando-se de luz, das canções alegres dos ranchos que trabalhavam pelos campos.

Quando a viu, Izabel sentiu-se trespassada de graça —e, tocada do Espirito Santo, conhecendo que Ella era a Mãe de Deus, assim que a Virgem a salvou:

—Deus seja comvosco!

—cheia de commoção sentindo na alma uma luz suavissima, disse:

—Bem dita sois, Senhora, entre as mulheres, bem dito o fructo do vosso ventre.

Que merecimentos tenho eu para que a Mãe do meu Senhor venha visitar-me? Como se alegrou o menino que tenho em minhas entranhas, assim que cantou, assim que sorriu, suavissima, em meus ouvidos a vossa purissima voz. Bemaventurada sois Senhora, que por vossa grande fé se cumprirá em vós tudo que da parte de Deus vos foi dito?

Modesta ouviu a Virgem estes louvores — e sempre immáculada, offereceu-os ao Senhor n'um cantico onde ia toda a sua alma crystalina.

Quasi tres mezes se demorou a Virgem em casa de Izabel. As santas conversas que as duas teriam, n'es-

ses dias primaveris e macios em que erra no ar o perfume das amendoeiras, em que as romanzeiras se tocam de flores vermelhas, em que toda a natureza se alegre, festiva!...

Quando a Virgem partiu, depois de S. João Baptista ter nascido, e chegou a Nazareth, n'uma manhã aveludada e fria, em que a verdura se affogava no azul ineffavel do céu, S. José vendo o estado em que Ella lhe apparecia, affligiu-se, porque nada sabia ainda. Que faria? Accusal-a-hia de adultera—para que Ella fosse cruelmente apedrejada pelos caminhos, sem a piedade de ninguém, sem que as raparigas lhe dessem uma gota d'agua, quando morresse cheia de angustia?

Mas, como era um santo, arredou para longe aquelles máos pensamentos, e a alma torturada, n'uma dôr sem fim, pediu a Deus que lhe valesse. E a Virgem, tão pura, tão humilde, nada dizia que o esclarecesse: unicamente pedia ao Senhor que o illuminasse. A afflicção de S. José crescia, porque, ainda que tivesse a Virgem como virtuosissima, não podia adivinhar aquelle mysterio—até que um dia, quando orava, lhe appareceu um Anjo, que lhe disse:

—José, filho de David não temas... Ella é a tão celebrada donzella que Isaias cantou...

Quem poderá então descrever a alegria d'aquelle casal, o jubilo santo de S. José, que mais amava ainda a sua Esposa, por a ver tão humilde e tão pura, podendo á primeira palavra que dissesse desfazer-lhe as duvidas crueis, e não o fazendo modestamente, soffrendo cheia de bondade! Quem disséra o contentamento da

Virgem, a luz dos seus grandes olhos meigos, a sua ternura em perdoar, a sua paciencia em soffrer!...

S. José, então, cheio de arrependimento, pediu-lhe perdão por ter um instante duvidado d'Ella:

— Viste-me cheio de afflicção, e, sabendo a angustia que me devorava, porque me não socegaste? Porque não vos crêra, ó Rainha dos Anjos, eu que acreditei n'um Anjo?...

E a Virgem, com muito amor, respondeu assim:

— Meu Esposo só o Senhor sabe a dôr que eu sentia por vos vêr vivendo afficto... Mas como querieis que eu vos descobrisse um segredo que a Deus pertencia? Só elle é que o poderia descobrir, e assim eu esperei cheia de fé...

Depois d'isto, logo se celebraram alegremente as bodas, assim como o Anjo tinha dito a S. José que se fizesse.

### III

#### Nascimento de Jesus—Os Reis Magos

#### —Fuga para o Egypto—Herodes.

Era no outono já. Uma tarde S. José aplainava as suas taboinhas á fresca viração da aragem, que balouçava as folhas verdes das parreiras, e a Virgem trabalhava nos seus deveres domesticos — quando ouviram um soldado de Roma, que dizia o seguinte pregão:

*Que todos os varões que viviam em Nazareth fossem á cabeça e origem da sua ascendencia registrar-se, levan-*

*do seu nome por escripto e uma moeda em que estava a figura de Cesar e o seu nome.*

Forçoso foi pois a S. José deixar as alegrias caseiras, a adoravel serenidade da sua casinha, e partir para Belem, onde iam registrar-se os da geração de David. No entanto, como se approximava o tempo de Jesus nascer não quiz S. José deixar a Virgem sosinha—e forçoso foi leval-a. Partiram com um rancho que seguia egualmente para Belem — e a gente que viajava distrahia-se dos rigores da invernia cantando. Uma jumentinha levava a Virgem — e S. José, a pé, segurava, preso pelas pontas doiradas, um boi que serviria para pagar o tributo. Arduas foram essas trinta leguas debaixo de nevadas, sob o mau tempo, a chuva e a ventania revolta — e nem a Virgem perdeu nunca a sua divina paciencia, nem S. José a sua adoravel bondade. Os viajeiros arrastavam-se. A's vezes um pastor, com a sua rude voz, dizia um cantico ao Senhor Deus de Israel — e logo os outros, alentando-se, faziam côro, sob os chuveiros, na estrada cortando as planicies tão despidas então, quanto na outra viagem da Senhora se cobriam de papoulas, de verdes vinhedos trepando pelas encostas, risonhas da alegria dos pegueiros e do céu cruamente azul — então repassadas da tristeza infindavel do inverno. No alto, ás vezes, bandos de cegonhas emigravam, voando, voando, fugindo áquella desolação infinita. . .

Chegaram a Belem ao entardecer, ao mesmo tempo que uma multidão de forasteiros vindos de Jerusalem.

As estradas regorgitavam de gente apinhando-se, prendendo animaes que fugiam. Crianças acobreadas,

bellas como flores, perseguiram um cabrito que saltava por entre os campos; outros dançavam — e as manilhas de prata, as pulseiras das raparigas esbeltas tilintavam finamente como um crystal partindo-se.

Mercadores apregoavam estofos raros, tecidos alegres, de côres vivas, cantantes, e doces perfumes vindos do Oriente e dos paizes barbaros. Um velho ria, segurando pelas pontas um novillo — e de todas as bandas, sempre, vinham chegando n'uma alegria, ao som das buzinas e dos canticos ao Senhor, os forasteiros...

S. José procurou recolher-se a uma estalagem. Tudo, porem, estava cheio, apinhado de gente que berrava, mercadejando. Foi grande a sua afflicção, vendo que ninguem queria, ninguem o podia receber. E assim, não tendo onde se hospedasse, o Menino Jesus prestes a nascer, todos poderão conceber a grande angustia que o enchia. Sahiu da cidade então, e recolheu-se com a Virgem a uma gruta cavada na muralha da cidade e que servia de estrebaria—e ali nasceu Jesus.

Era de noite. Toda a natureza parecia attonita. No céu, sem uma nuvem, as estrellas luziam com mais brilho, e a lua nasceu, espalhando sobre a terra a serenidade infinita do seu manto azulado. Pararam as cigarras de grazinar — e um cantico suavissimo cahia do alto, banhando as almas dos justos de extasi. Era de inverno — e no entanto parecia que a primavera voltára com os seus fulgores, espalhando sobre a natureza inteira o seu encanto bemdito: fontes jorravam finamente: os arrosios tinham sussurros d'uma singeleza amavel. E então a Virgem, com o menino nos seus divi-

nos braços, murmurou, ao vêr-se assim n'aquella cova, sem confortos, entre os animaes que com elles tinham vindo de Nazareth:

— Ai meu Jesus, meu doce Jesus, e como vos abrigarei? Lá fóra a tempestade brame e o frio é cortante... Pois que determinaste fazer-vos homem, para que escolheste Mãe tão pobre e tão humilde como eu sou? Como eu te quero, meu Jesus!... Mas havia rainhas e princezas que vos cobrissem de seda e vos cobrissem d'ouro, como vós merecieis. Eu — triste de mim! — apezar do meu amor, que posso, meu Filho, senão cobrir-vos com pobres pannos?

E os Anjos desciam do céu, todos brancos, irradiando luz, dizendo um bello cantico de alegria.

Foi então que a Virgem, pousando o Menino no presepio, tornou a adoral-o. E suavemente dizia:

— Gloria se dê a Deus nos Céus.

E, em côro, os Anjos resplandecentes:

— E na terra paz aos homens que tem santa e bôa vontade.

D'alli partiram os Anjos a contar aos justos o nascimento do Menino — e, a uns pegureiros, que no alto d'um monte guardavam os rebanhos, appareceu S. Gabriel. Tremia aquella pobre gente ao ouvir a musica divina, ao ver os Anjos tão bellos — mas elles, fallando-lhes carinhosamente, os foram socegando e entre canticos os conduziram ao logar onde Jesus nascera. E foi uma estrella quem annunciou aos Reis Magos que o Messias tinha vindo ao mundo...

Ao terceiro dia do nascimento de Jesus a Virgem

ouviu estrondo, e, ainda que soubesse que os Reis do Oriente viriam adorar o Menino, temeu, porque não ignorava que Herodes perseguiria o seu Filho para o matar. . . . Mas logo faiscando, feitos de luz e feitos da aurora, dois Anjos appareceram-lhe, prevenindo-a de que os Reis do Oriente vinham perto — e, d’ahi a momentos, eis-os que chegavam, acompanhados pela estrella que pousou, tremeluziu, faiscou sobre a humilde cova onde Jesus nascera.

Entraram, e cheios de alegria, pediram á Virgem que lhes deixasse vêr e adorar o Thesouro que Ella sustinha nos seus braços — e logo que Nossa Senhora lhes mostrou o Menino cahiram por terra, illuminados pelo Espirito Santo. E era bello vêr aquelles Reis ricamente vestidos, faiscantes de pedraria e faiscantes d’oiro, ajoelhados diante de Jesus — n’aquella mais que humilde choupana, onde o Salvador da Humanidade quizera nascer.

Depois de conversarem com a Virgem, dando-lhe os parabens por ser Mãe de Deus, offereceram oiro a Jesus confessando-o Rei; incenso confessando-o Deus; e myrrha confessando-o por homem mortal.

Então a Virgem agradeceu-lhes a sua vinda e os seus presentes, dizendo-lhe boas palavras de alento, e pediu-lhes que não fossem por Jerusalem, onde Herodes os esperava, e que escolhessem outro caminho para se dirigirem ás suas terras.

No entanto, como todo o primogenito do sexo masculino se consagrava a Deus, e era uso resgatal-o a di-

nheiro em memoria da libertação do Egypto, lá partiu a Santa Família para Jerusalém. No dia calmo e azul, embalsamado e bello, foram andando, a Virgem com o Menino em seus braços, fallando-lhe, tendo como Elle divinos colloquios.

Chegaram ao Templo e juntamente com elles, levado da inspiração do Espirito Santo, um ancião, cheio de cans, um justo que se chamava Simeão, e a quem fora revelado que não morreria sem ter saudado Jesus — e logo que avistou o Menino, exclamou :

—Agora sim, meu Deus, que posso morrer em paz, pois viram estes meus pobres olhos, a salvação que de Vós vem, a luz que ha-de allumiar os justos, a redempção do povo d'Israel!...

E uma velha prophetisa, que passava os seus dias no Templo em orações e jejuns, tambem correu, assim que viu Jesus, louvando Deus.

E Simeão, cheio de lagrimas, todo branco de cans, pediu tremulo á Virgem que lhe consentisse ter o Menino em seus braços—e com Elle ao collo, entoou um cantico ao Senhor.

Parecia que se tinham por momentos acabado as penas e os trabalhos. A Santa Família tinha voltado a Nazareth — e parentes e amigos juntavam-se alegres e risinhos para dar as boas vindas e ver o Menino. A branca povoação sorria entre as palmeiras—e quem não julgaria que os dias d'outr'ora cheios das simples felicidades caseiras não tinham voltado?...

Mas um Anjo appareceu a S. José e disse-lhe:

—Levanta-te, toma o Menino em companhia de sua mãe e foge para o Egypto. Deixa-te ficar n'essa provincia, até que eu vos avise d'outra coisa, porque Herodes o busca para o matar.

No outro dia, manhâsinha, fugiram—e a Virgem chorava. Adeus branca, festiva Nazareth cheia de alegria e de sol! lá fica a alegre casinha, onde os dias correram repousados e cantantes, como arroio ignorado que murmura e canta e corre entre verdura!...

Lá foi, lá partiu a Santa Familia pelos caminhos batidos do sol, recolhendo pela noite onde calhava, ao vento, á chuva, ás intemperies. Feras de noite uivavam. Havia bandos de salteadores pelos caminhos—mas Deus no alto protegia os seus da aridez dos desertos e da maldade dos homens.

A esse tempo Herodes, irritado pelos Reis Magos o terem enganado, mandou matar todas as creanças—e um grito de horror alto, unisono, terrivel, resoou no ceu. Pelas ruas, pelas brancas estradas poeirentas, mães desgrenhadas iam clamando, e a instantes docemente chamavam pelos filhinhos. Em todas as casas havia rugidos de dor, almas que se despedaçavam, corações que se apunhalavam; em todas as consciencias rebentavam maldições contra o tyranno e todas as mãos se convulsionavam de horror. Gritos de innocentes tremiam no ar, e os vis sicarios, nem se commoviam com as lagrimas das mães que pediam a vida da sua vida, nem com as palavras das creanças que lhes sorriam e os acariciavam, sem saberem que iam morrer. Até um filho de Herodes foi despedaçado n'aquella matança—e elle ficou contente,

por vêr que as suas ordens tinham sido cumpridas á risca.

No entanto de nada lhe serviu a crueldade. — Ao contrario fez com que se soubesse no mundo inteiro que nascera um Menino Rei, a quem os Reis do Oriente tinham adorado, e que Herodes temia lhe tirasse o reino. Babujou o tyranno de raiva; crispavam-se-lhe as mãos, por vêr que lhe fugia Aquelle a quem elle intensamente odiava. Meditava talvez novos horrores, crueldades novas — mas o Senhor puniu-o, e elle morreu comido de bichos, apodrecendo-o em vida, — cheio de raiva e de nojo de si mesmo, gritando maldições e querendo varar-se com um punhal.

#### IV

##### Jornada.—A volta a Nazareth.—O Menino perdido

Foi a povoação de Matarieh, branca como um lyrio entre a verdura, a escolhida por Jesus para a Santa Familia viver. A' beira da pobre choupana canta, murmura, desfallece, o alegre arroio que o Menino fizera brotar, batendo no chão, um dia em que a Senhora e S. José se affligiam por lhes ser impossivel encontrar uma fonte onde bebessem: um grande sycomoro balança-se ao vento, cheio de avesinhas que trinam — e, tudo em volta, era cheio de repouso e de alegria. O Menino, bello como uma aurora, tendo nos seus divinos olhos um fulgor estranho, ajudava carinhosamente um velho todo nevado, patriarchal — e a Virgem, olhando-o amo-

rosamente, tecia essas rendas da Palestina com que as filhas trigueiras de Israel se enfeitavam. Allí socegados e eguaes, risonhos e amaveis, decorriam os dias, no aconchego adoravel da familia, na paz e na calma d'essa terra, onde a primavera é eterna, onde as rosas d'Alexandria esmaltam os prados.

A tarde cahira de todo. A Santa Familia recolhera a repousar. Tudo em volta socegara, e com a noite que estendia sobre a natureza o seu manto azul que as estrelas recamam, cahiu uma tranquillidade penetrante. S. José dormia já — quando um Anjo, Gabriel, lhe appareceu :

— Levanta-te José e toma o Menino e sua Mãe e vae para a terra de Israel, porque são mortos os que queriam matar o Menino.

E fôra assim que tinham voltado a Nazareth. E como a festa dos azimos chegasse — para Jerusalem todos partiram, e já voltavam pastores da Bethania, montanhezes do Libano e da Galilêa — e a cidade eterna, a perola da Palestina, ainda se enfeitava de palmas e myrtos, saudando-os. Resoavam as pandeiretas entre a alegria dos canticos — e os rabeis lançavam no ceu um som fino e cantante. Já voltavam para as suas casas as mulheres d'Israel, bellas, dançando, esbeltas como palmeiras, as suas longas tunicas fluctuando á brisa acariciadora. Montanhezes de Sion faziam palpitar as longas mantas d'um azul cobalto. D'uma banda vinham os homens, da outra banda as mulheres da Galilêa, bellas e morenas, porque o sol as beijou — e caminhavam separados para cumprir a lei do Senhor. Era bella entre todas,

Maria : era bella pela meiguice dos seus verdes olhos, era bella pela penetrante suavidade que d'Elle sahia — e todas a amavam e todas a queriam, porque todas sabiam qual era a sua bondade.

Chegada a noite, juntaram-se na choupana arruinada que os havia de abrigar, e ao verem-se, S. José e Maria, perguntaram-se onde estava o Menino, querendo ambos beijal-o, cada um calculando que Elle teria vindo com o outro.

Imaginem então a afflicção d'uma mãe que perdeu o seu filho, a angustia que lhe rasgou a alma. Ella ahi vae, perdida, perguntando a uns, perguntando a outros, se acaso o viram; Ella ahi vae errante, os seus olhos maviosissimos marejados de lagrimas, cuidando-o para sempre perdido julgando que nunca mais o veria. E interroga uns, e, dolorida, pergunta a outros :

—*Haveis, por ventura, visto Aquelle a quem tão de-vêras adora a minha alma?*

—*Para onde foi o teu Amado, ó tu que és a mais formosa de todas as mulheres? para onde se retirou o teu Amado? e nós o buscaremos contigo.*

—*O meu Amado é caudido e rubieundo escolhido entre milhares. A sua cabeça é o ouro mais subido; os seus cabellos são como os ramos novos das palmeiras negros como um corvo.*

*Os seus olhos são como as pombas que, tendo os seus ninhos ao pé dos regatos das aguas, estão lavadas em leite e se acham de assento junto das mais largas correntes dos rios.*

E no emtanto, enquanto a Virgem procurava an-

ciosamente o Menino, estava Elle entre os doutores e phariseus, que o escutavam maravilhados — e, assim que a Mãe o viu, correu para Elle dando um grito de alegria.

— Filho, porque obraste assim commosco? olha que teu pae e eu te procuravamos.

— Porque me procuraveis?... — respondeu Jesus. — Não sabeis que uas coisas que são de meu Pae me convém estar?

Pacificos decorreram novamente os dias para a Santa Familia. Jesus crescia, esperando a hora da peregrinação — e alegres e felizes decorreram esses annos, que só a morte de S. José, finando-se como um justo, veio toldar.

Doces e poeticas são as tradições recolhidas sobre a infancia de Jesus; cheios de ternura são esses milagres de um Deus menino ainda.

Um dia Jesus sosinho sahiu para fóra da povoação de Nazareth, e encontrando um recanto de verdura á beira da estrada, um ninho fôfo onde o sol não chegava, depois de brincar muito adormeceu, não sem salvar uma boa mulher de Nazareth que o amava muito, e que elle vira passar no caminho poeirento, dirigindo-se para os seus affaís do campo. De fora, do carreiro, era impossivel vel-o — e Jesus, socegadamente, á hora do calor adormeceu sorrindo, tão bello e tão rosado como o céu aos primeiros raios matutinos...

Passou-se tempo, uma, duas horas — e Jesus de repente acordou á bulha que na estrada se fazia, a sorrir espreitou por entre a verdura — e eis o que Elle viu:

Seis bandidos tinham agarrado a pobre mulher quando ella já voltava para a sua casinha, e um d'elles já erguia sobre ella o punhal.

Armas reluziam batidas do sol ardente. Em volta ninguem. As arvores, os tamarindeiros, erguiam-se immoveis no céu. Não bolia folha. Cahia uma serenidade enorme.

A mulher não dizia palavra atterrorisada: ficára quieta e muda — como a estatua do medo. Nas frontes dos bandidos, negras do sol ardente e da poeira dos caminhos, lia-se a ferocidade que as enchia. Um d'elles ria estrondosamente.

Afinal a mulher pode balbuciar:

— Nada tenho que vos dê... Sou uma pobre viuva que sustento com o meu trabalho duas creancinhas... Sede bons, sede compassivos e deixae-me ir em paz...

— Nada trazes — então vaes morrer! — dizia o que parecia commandar o bando.

— Deixae-me... Que será, sem mim, dos meus pobres filhos?

E ella, a bôa mulher, via já os seus filhos errantes pelos caminhos, pedindo esmola, vagueando, escorraçados e cheios de fome.

— Oh deixae-me — e que o Senhor Deus de Israel vos abençoe!... Eu não temo morrer senão por elles...

Mas o bandido, sem piedade, rindo ferozmente, baixava já o punhal, dizendo:

— Vaes morrer!...

Então Jesus, sahindo d'entre a verdura, bradou-lhes:

— Parae!...

Oh que risada acolheu o Menino que se atrevia, tão fraco e tão mimoso, a oppor-se a seis terríveis salteadores. — E correram para elle, dizendo chufas erguendo as armas — talvez promptos a matal-o tambem. A pobre viuva chorava então, dizendo :

— Fugi fugi, Menino!... Que podeis vós fazer contra a colera d'estes maus homens?...

Mas Jesus, avançando, disse ainda, estendendo os bracinhos:

— Parae!...

E uma força superior prendeu os bandidos no solo: as armas ficaram suspensas no ar: nas frentes, onde se lhes lia a dureza dos corações, havia um espanto enorme.

E Jesus, sorrindo, bello como um perfumado lyrio, bello como a luz, tomou a mão da pobre mulher, e socogando-a seguiu, andou sereno — enquanto os salteadores ficavam aterrorisados e immoveis.

D'outra vez, á beira d'uma fonte — um dia d'um azul amavel, em que a branca Nazareth parecia sorrir por entre as palmeiras esbeltas — Jesus brincava fazendo passarinhos de barro. Todo Elle sorria, e os seus grandes, os seus profundos olhos meigos, onde um raio d'azul puro brincava, pousavam-se em redor, na brancura das casas, nos rebanhos que recolhiam tilintando alegremente campainhas, em toda a ridente natureza embalsamada. E, sorrindo, lá ia dando mais um retoque nas avesinhas de barro, aperfeiçoando-as com as suas divinas mãos...

Era n'um sabbado. Um velho phariseu, que pelo caminho passava, tremulo, carregado de annos e de cans, indignando-se, perguntou-lhe :

—Porque trabalhas assim ao sabbado?...

Então o Menino levantou-se: um fulgor tremeu nos seus olhos azues, ondearam-lhe os cabellos castanhos:

—Não trabalho, eu crio. Avesinhas voae...

E os passarinhos, que Elle fizera de barro, tomaram vôo, cantando alegremente...

Assim lhe decorreu a infancia, acalentado pelo amor de Maria, que não deixava de pousar n'Elle os seus olhos, onde a par do extremo amor que lhe tinha, havia já a immensa, a profunda, a inegualavel tristeza, d'uma Mãe que sabe o soffrimento que espera o seu Filho.

Passaram, foram seguindo assim os dias, entre cuidados caseiros, ora Maria instruindo o seu adorado Filho nos livros sagrados, ora occupando-se dos seus deveres domesticos—atê que, um anno depois da morte de S. José, quando tinha trinta annos, Jesus, tomando o bordão dos peregrinos, lançando a tunica parda dos galileus sobre os hombros, sahiu da Galilea e encaminhou-se sereno para as margens do Jordão.

A aurora já havia rompido—e o sol ia agora lançar pelo mundo inteiro os seus purissimos raios. Os afflictos iam ser consolados, a esperança ia nascer para muitos —e os homens de boa vontade e os justos iam enfim ser remidos.

## V

**Jesus.—As Bemaventuranças.—A traição.**

Passou a Virgem o tempo da peregrinação de Jesus, ora cheia de alegria, ouvindo-lhe as santas palavras, vendo-o curar e salvar, aquelles que nem já esperança tinham de salvação; ora sentindo-se despedaçada pela dôr, ao vê-lo perseguido e calumniado pelos maus.

Dias doces e calmos deviam ser esses, d'uma alegria inarravel para Maria, em que Jesus fazia prodigios em favor dos miseraveis, consolava os afflictos—cheio de graça, de verdade e de doçura. Umaz vezes era aos pescadores, no areal d'ouro que Elle fallava—e a pobre gente tirava da agua azul, azul da côr do céu, as redes cheias de peixes, que saltavam prateados; outras, era sentado á beira dos caminhos, que ensinava a turba de humildes que o seguia. Havia um grave recolhimento. As creanças acobreadas abriam os grandes olhos avelludados; um mendigo, que se deitára ao comprido no chão, escutava, e uma a uma, silenciosamente, á voz penetrante de Deus, cahiam-lhe bemditas as lagrimas pelas faces resequidas. E Jesus dizia, dizia sob o céu azul que o parecia escutar, dizia enchendo de pacificação os pobres e os bons:

Bemaventurados são os pobres de espirito; porque d'elles é o Reino do Céu.

Bemaventurados são os mansos; porque elles possuirão a terra.

---

Bemaventurados são os que choram; porque elles serão consolados.

Bemaventurados são os que tem fome e sêde de justiça; porque elles serão fartos.

Bemaventurados são os que usam de misericórdia; porque elles alcançarão misericórdia.

Bemaventurados são os limpos do coração; porque elles verão a Deus, Nosso Senhor.

Bemaventurados são os pacíficos; porque elles serão chamados filhos de Deus.

Bemaventurados são os que padecem perseguição por amor da justiça; porque d'elles é o Reino do Céu.

D'outras vezes, em parabolos, dizia profundos ensinamentos — e os que a Elle se chegavam com fé, eram consolados. De todas as bandas vinham, corriam os bons para o vêr, para lhe beijar a fimbria da sua tunica — e para todos, Elle tinha uma boa palavra de conforto. E' espalhando a verdade, e espalhando a alegria, e curando os que soffriam, e fazendo bem, e ensinando — passaram, correram sob o céu profundamente azul, entre a verdura, dias e dias d'uma suavidade penetrante.

Mas depressa haviam de passar os dias felizes. Grande como o mar devia ser o soffrimento de Maria. Havia soado a hora do martyrio. O Senhor dispozera, mandára que fosse aquelle o tempo em que o doce Jesus morresse pelos homens; que fosse chegado o instante em que o coração da Mãe se despedaçasse n'um soffrimento terrível.

Estava a Virgem, com Martha e Maria Magdalena,

quando o Evangelista S. João lhes appareceu, cheio de afflicção, correndo, e a chorar e a gemer fallou :

—Ai quem me dêra, Senhora, dizer-vos alegres novas em vez de vos inundar de tristeza o coração... Se quereis vêr Jesus vivo ainda vinde, correi—que o prenderam os sacerdotes e vão mata-lo...

Romperam lagrimas dos verdes, dos amoveis olhos de Maria... Quem poderá descrever a dôr da Virgem n'esse momento? Quem poderá dizer a angustia que sentiu, quando, sahindo, ouviu nas ruas, os que a conheciam, dizendo: Aquella é a mãe do preso que hoje hão de justiça! E os motejos d'uns, e as lagrimas e as lastimas dos outros?... O' coração torturado que te não partiste n'esse momento!... O' Suavissima, ó Immaculada, que sentindo fugir-te a vida, foste cheia de coragem e não morreste de dôr!

E fallava a Virgem ao Padre Eterno, e soluçava e gemia, ainda que conformando-se em tudo com a Sua vontade.

Jesus tinha entrado na granja de Gethsemani. A noite estava medonha, d'uma escuridão terrivel. Nuvens negras rolavam n'um céu livido como um cadaver, contorcionando-se, em torvelinhos doidos. Em volta as arvores desenhavam-se na treva, desgrenhadas e tristes—e o soluçar e gemer da ventania revolta enchia as almas de pavor.

Jesus fallou assim aos seus discipulos:

—Assentai-vos aqui enquanto eu vou orar para

mais longe.—E, chamando Pedro e os dous filhos de Zebedeo, disse-lhes :

—Vinde.

A tristeza do Grande Martyr era então enorme, profunda como o mar. Via talvez, recordava-se da sua dôce peregrinação, dos dias d'um azul amavel em que consolava os simples e alentava os que soffriam, acariciando meigamente as creancinhas; via decerto Judas sahindo a essa hora com os soldados que o vinham prender; olhava para o seu martyrio que se seguiria bem depressa; lembrava-se da Virgem, do seu amor de Mãe tão santo, e d'aquelle suavissimo coração que se ia despedaçar n'uma dôr inegualavel—e a angustia, um soffrimento sem fim torturava-o.

—A minha alma está d'uma tristeza mortal: demorai-vos aqui e velae commigo—disse aos que o acompanhavam.

Adiantou-se então, e mais longe, prostrando-se por terra, orou.

—Meu Pae se é possivel fazei que passe de mim este calix; todavia que se não faça n'isto a minha vontade, mas sim a vossa.

Então, de repente, fez-se na noite medonha uma luz vivissima: tudo em volta serenou: uma paz ineffavel, uma grande tranquillidade sahia das coisas — e um Anjo appareceu a Jesus e confortou-o. Cheio de afflicção, Jesus de rojos orava ainda, orava com mais instancia: da sua bella fronte cahiam em suor gottas purissimas de sangue.

Por fim levantou-se, e foi ter com os seus discipulos

que dormiam. Novamente a ventania açoutava com mais furia as arvores, outra vez as nuvens negras corriam no céu, como manadas de monstros: — parecia que a natureza protestava contra a infame scena de traição que se ia alli passar. Jêsus disse a Pedro encontrando-o a repousar:

—Visto isso não podestes vigiar uma hora commigo. Velae e orae para que não entreis em tentação. O espirito em verdade está prompto, mas a carne é fraca.

Outra vez Jesus se prostrou orando, pedindo alento ao seu Pae para a dor, os soffrimentos terriveis porque ia passar, outras vezes fallou aos seus discipulos. O vento em volta gemia, dizia, ululava no arvoredos um lamento infindavel. Momentos passaram-se — e emfim Jesus murmurou:

—Eis aqui chegada a hora em que o Filho do Homem será entregue ás mãos dos peccadores.

Immediatamente, n'um tumulto, uma multidão de gente appareceu ao fim da granja. As luzes vermelhejavam, torcendo-se ao vento, fazendo brilhar as espadas, mostrando n'um clarão sangrento as frontes sinistras dos que vinham. Logo Judas, chegando-se a Jesus, beijou-o, dizendo:

—Deus te salve, Mestre.

E Jesus perguntou:

—Amigo, a que viestes?

Mas já os outros cahiam sobre Elle, prendendo-o, arrastando-o. Houve um reboliço. O vendaval torcia raivosamente as arvores. A lua apparecia n'um claro de nuvens. Então um dos discipulos de Jesus, cheio de in-

dignação, feriu com a espada um dos que prendiam o Mestre—um servo do Summo Pontifice. Gente fugiu na noite: outros gritavam: e Jesus serenamente murmurou:

—Mette a espada no seu logar, porque todos os que tomarem espada, morrerão á espada.

Então aquella gente arrastou Jesus a casa de Cai-faz, cuspiram-lhe, encheram de bofetadas o Salvador dos homens!

## VI

## Judas. — Pilatos.

Chegou a manhã. Do conselho retiravam já os Principes dos sacerdotes, e os Anciãos do Povo, e as suas tunicas do linho alvo como a lã dos cordeiros da Galilêa, tremiam, esvoaçavam brandamente á aragem. Dois iam a sahir discutindo.

— Em verdade este Homem deve morrer! dizia um.

Mas eis que Judas entrou n'um repellão, sacudindo o guarda que se lhe agarrava, vendo-o assim desfigurado. Toda a noite vagueou, torturado pelo remorso. Fugiu nos campos, na noite tenebrosa — e o vento que soluçava, e as nuvens negras que fugiam, diziam-lhe:

— Traidor!

Correu, allucinou-se, debalde procurou fugir — ó quem lhe déra fugir áquella maldicção que elle sentia sahir da natureza inteira!

— Traidor!

Desgrenharam-se-lhe os cabellos, atirou-se ao chão, chorou emfim — e as arvores, e monstros na sombra, ululavam-lhe.

— Traidor ! Traidor ! . . .

Na fronte livida, nos olhos esgazeando-se-lhe, raia-dos de vermelho, lia-se-lhe o remorso que lhe rasgava cruelmente a alma. A sua tunica estava enlameada, cahindo em pedaços — em todo elle se lia a noite horrivel que passára, e sentia o horror das que se haviam de seguir. Chegou — e, n'um arranco, atirou pelo chão as trinta moedas que retiniram, retiniram, e foram fugindo e foram rolando . . . Os sacerdotes olharam-no n'um espanto. E elle então em voz forte disse:

— Pequei entregando o innocente !

E um dos dois que iam sahindo, encolhendo os hombros, cheio de indiferença:

— E a nós que se nos dá, Judas? Visses lá tu o que fazias . . .

Mas já elle sahia, já elle fugia outra vez, quasi doido, errando a dizer :

— Entreguei o innocente !

O remorso agadanhava-o, rasgava-lhe a alma fibra a fibra — e via bem que para elle nunca mais haveria repouso, que para elle nunca mais haveria felicidade. Fugir ? fugir para onde ? — Se a propria natureza o repelle, se em toda a parte ouviria aquelle grito, aquella maldição pezando inexoravelmente sobre elle.

— Traidor ! Traidor ! . . .

Lançou os olhos em volta . . . Uma figueira torcia no céu os seus galhos sombrios . . . Elle tinha longe uma

velhinha que o adorava — a sua mãe. A sua mãe! — e arrazaram-se-lhe os olhos de lagrimas. Ella propria o desprezaria agora: julgava ouvil-a dizer-lhe tambem, implacavelmente:—Traidor! Chorou, chorou então. O arrependimento encheu-o — e, dirigindo-se para a figueira, n'uma resolução subita, dizia:

— Perdão Jesus, perdoa-me, meu Deus!...

Tirou o cinto, trepou á figueira — e deixou-se cahir, ficando suspenso a estrebuxar, medonho, injectados os olhos, os dentes n'um arreganho terrivel.

A essa hora era Jesus apresentado a Pilatos. Envolto na sua tunica o governador ia a interrogal-o — quando sua mulher, por uma serva, lhe mandou o seguinte recado: Não te embaraces com a causa d'esse justo, porque hoje em sonhos foi muito o que padecia por seu respeito. Pilatos ouvido o que a serva lhe dizia, olhou a multidão que se apinhava no tribunal. Era um largo pateo. Em cima apparecia um retalho de céu implacavelmente azul. Tinham vindo galileus, guardadores de gado, fortes e acobreados, que riam mostrando os dentes brancos; mulheres, os que vendiam no Templo e que Jesus açoutara, e lá estavam tambem alguns dos que criam n'Elle e que temiam pela sua sorte. Servos dos sacerdotes espalhavam-se pela multidão, instigando-a a que pedisse a morte de Jesus — e uma tunica brilhava, um turbante resplandecia ao sol.

Então Pilatos perguntou:

— Tu és o Rei dos Judeus?

— Tu o dizes, — respondeu Jesus.

E logo os Principes dos Sacerdotes e os Anciãos

romperam accusando-o n'uma furia, pedindo que Elle fosse condemnado a ser crucificado. E Christo ouvia aquellas palavras vãs, olhando-os bondosamente, comovido e piedoso.

Então Pilatos tornou :

— Tu não ouves de quantos crimes te fazem cargo?

Mas Jesus callou-se, olhando-o com piedade—e Pilatos cheio de admiração viu que Elle era mais do que um homem. Voltou-se para a multidão e perguntou então, porque era de costume n'esse dia soltar um preso escolhido pelo povo:

— Qual quereis que eu solte, Barrabás ou Jesus?

E, apesar de Barrabás ser um malfetor, um d'esses bandidos temiveis que corriam a Judêa devastando e roubando, o povo instigado pelos Sacerdotes berrou:

— Barrabás! Barrabás!..

— E que quereis que se faça a Jesus?

E a multidão babujou raivosamente, os Sacerdotes e os servos do Templo, levantando os bordões n'uma furia:

— Crucificado! crucificado!..

— Na verdade não vejo que mal tenha feito Jesus!

E mais alto erguendo os braços, n'uma desordem, o povo rugiu:

— Crucificado!..

Então Pilatos deu baixo uma ordem a um escravo, que lhe trouxe uma grande bacia de prata lavrada cheia de agua pura, e lavando as mãos á vista do povo, exclamou:

— Eu sou innocente do sangue d'este justo: vós lá vos avinde.

E a multidão, debaixo do retalho do céu azul, no grande pateo lageado, oscillou, gritando :

— Que o seu sangue cáia sobre nós e sobre nossos filhos. . .

E Pilatos depois de dar ordem para que Jesus fôsse açoutado e crucificado em seguida, retirou-se grave, por entre o povo que socegára.

Então o que se passou, a crueldade d'esse povo para o Justo foi tão grande que mal se comprehende. Uivando de alegria, o povileo viu vestir a Jesus um manto carmezim. E Aquelle que sempre disséra palavras de bondade; Aquelle que viéra ao mundo para remir os homens; Aquelle que consolára tantos afflictos, que estancára tantas lagrimas; Aquelle a quem a humanidade mais deve, foi escarnecido e açoutado como um ladrão. Rindo maldosamente teceram uma corôa de espinhos e cravaram-lh'a na cabeça. E o sangue de Jesus corria — e bondosamente Elle murmurava :

— Perdoai-lhe Senhor!..

Fizeram com que Elle segurasse uma canna; ajoelharam diante d'Elle, rindo de escarneo e dizendo:— Deus te salve, Rei dos Judeus; cuspiram-lhe nas faces, bateram-lhe na cabeça — e sempre bom, sempre piedoso, Christo dizia :

— Perdoai-lhe!

E, depois que assim o escarneceram, novamente lhe vestiram os seus habitos, e, carregando-o com a Cruz; fizeram-no caminhar para o Calvario — entre a multidão que o insultava.

## VII

## O Calvario. — A Virgem Maria

Foi assim que a Virgem Maria encontrou o seu divino Filho. De longe viu o tropel, faisçamento de lanças ao sol, ouviu o buzinar das trombetas e o pregão que dizia :

— Este é Jesus, condemnado á morte por amotinar os povos!..

N'um arranco lançou-se para aquella gente, sentindo partir-se-lhe o coração— e, ao vêr o seu Amado Filho, cheio de sangue e coberto de injurias, de rosto pisado, maltratado pelos que o rodeavam— sentiu na alma uma amargura, uma dôr incomparavel; Jesus, pallido, cahia, tropeçava ao peso da Cruz— e em volta ajudavam-no a levantar batendo-lhe, cuspiendo-lhe injurias, puxando-lhe pela corda que lhe tinham enrolado em volta da garganta. O Innocentissimo Cordeiro, levantava os olhos e dizia :

— Pedro onde estás que não vens ajudar-me n'este transe? João, meu querido, porque te não vejo? E vós minha Mãe, ó Mãe porque não vindes vêr-me— pois que a vossa vista me ajudaria e daria forças?

Então a Virgem Maria rompendo a multidão, abraçou Jesus.

— Ai quem me déra soffrer por vós, meu Jesus!

Mas já a gente em volta a tirava d'alli, respeitosa— porque até as feras acatam a dôr d'uma Mãe— e Ella foi seguindo atraz de Christo, com outras pobres

mulheres, que também vertiam piedosamente lagrimas abençoadas... E a Virgem olhava, com o coração desfeito pela dôr, o rasto de sangue que pelo chão ficava — sangue que os sicarios tinham feito n'Aquella, que fôra a doçura, o perdão, o amor personificado...

Assim chegaram ao Calvario, e bem depressa os algozes crucificaram Jesus, porque temiam que Pilatos, instado por sua mulher, lhe perdoasse.

O' mães que dôr poderá ser igualada á d'Aquella que viu pregar o seu Filho na cruz; que a cada martelada n'uns cravos trespassando a carne do seu Filho, sentiu o coração, a alma rasgada por uma angustia enorme; que o olhou pendendo do alto d'um madeiro, cheio de affrontas, escorrendo sangue; que assistiu aos seus gemidos, que, cheia de divina coragem, ouviu a turba enraivecida gritando improperios, babujando crueldades?

E nunca a Virgem desmaiou: antes teve sempre uma grave compostura — quando a alma se lhe dilacerava cheia de dôr. — Junto a Elle viu-o estremecer, viu rasgarem-se as carnes nos cravos ao peso do seu proprio corpo; viu-o piedosamente erguer os olhos ao céu e pedir ao seu Pae que perdoasse aos que o maltratavam; viu-o posto entre ladrões, para que maior fosse a injuria; viu-o pedir que lhe dêssem de beber, e os sicarios apresentarem-lhe vinho e fel; viu jogada a sua tunica, viu-o, desfallecendo, murmurar:—*Eli, Eli, lamma sabachthani* (\*) — e em volta a turba dizer com escarneo:— Olha eil-o que chama por Elias. Veremos se elle vem salvar-o. — Tudo viu corajosamente e só quando a alma pura de Jesus vôou, depois

(\*) Deus meu porque me desamparaste?

do Redemptor dizer: — Pae em vossas mãos encomendo o meu espirito — é que verteu livremente, abundantemente as suas lagrimas, é que deu expansão á sua dôr. E dizia:

— Ai de mim, pobre de mim que fiquei só. Porque me deixastes, meu Filho? Porque quizeste que ficasse, morrendo vós? Pois não era justo, ó meu doce Jesus, que eu fosse adiante, que eu morresse primeiro do que vós?

E no emtanto, á volta, tremia a terra, partiam-se as pedras—a alma da natureza parecia que estalava de dôr. Abriam-se as sepulturas: Santos resurgiam e appareciam aos justos. O céu, de limpido e sereno, fizera-se negro, como se a noite de repente cahisse.

A Virgem lamentava-se, contorsionada pela afflicção — e o Centurião e os soldados, cheios de pavor, cahiram por terra, dizendo:

— Na verdade este Homem era Filho de Deus!...

Levantando os olhos viu a Virgem a gente que chegava para sepultar Jesus — e novamente ao vêr descer o sagrado corpo da Cruz, a sua dôr rompeu mais forte: abraçava e beijava o seu Filho, enchia-se do seu divino sangue — e tão desfigurada ficou que parecia ter sido crucificada tambem.

Então José e Nicodemus lhe rogaram, vendo que chegava a noite e a solemnidade da Paschoa, lhes permitisse que sepultassem Jesus—ao que a Virgem accedeu chorando.

Depois de Jesus sepultado, levaram com elles á Virgem, que se recolhera na casa onde Christo ceara com

os seus apóstolos, e no caminho depararam com os soldados que iam guardar o Sepulchro, de mando de Pilatos.

Era um domingo. Nossa Senhora estava só — e n'esse instante, e sempre, recordava o seu Filho, as dôces tardes da sua infancia, os seus risos puros, a felicidade inarrível das manhãs de Nazareth. A sua alma anciava por vêr Jesus — quando ouviu uma musica suavissima, e logo Anjos, alvos como a neve pura das montanhas, lhe appareceram cantando, e ajoelhando em volta d'Elle lhe disseram:

—Rainha do Céu alegrae-vos, porque Aquelle que merecestes trazer em vossas entranhas e viste morrer na Cruz, já resuscitou.

E, entrando, vinham patriarchas e prophetas, os justos que atravez da Biblia — o livro d'oiro — vem desfilando, tementes ao Senhor e que Christo enfim remira.

Alvoraçada e alegre estava a Virgem — mas esperava, esperava ainda, ver Aquelle que era mais que tudo a Luz dos seus olhos. Então Jesus appareceu-lhe, cheio de alegria e bello, cheio de magestade e de graça, e logo Nossa Senhora correu para Elle, amorosamente abraçando-o:

—Ai meu Jesus sois vós?...

—Sou eu, minha Mãe. Que nunca mais os vossos olhos se marejem de lagrimas; que nunca mais a tristeza vos innunde o coração.

E a Virgem chorava, chorava então de alegria, abraçando-o e beijando-o, toda banhada de puro contentamento.

Depois fallou a Virgem com os Santos Padres, com o seu esposo S. José e com seus paes S. Joaquim e Sant'Anna, até que Jesus despedindo-se amoravelmente de sua Mãe, voltou ao Sepulchro e disfarçado em hortelão, appareceu á Magdalena, e depois ás outras Marias, a S. Pedro e aos dois discipulos que iam a Emaús.

Durante quarenta dias appareceu a muitos justos, e, enquanto esse tempo não passou, demorava-se ao pé da Virgem, communicando-lhe ineffaveis segredos, dizendo-lhe como os Apostolos e discipulos haviam de obrar, depois que Elle subisse ao Céu.

Afinal, depois de apparecer ao Cenaculo e de mandar aos Apostolos que fossem prégar o seu Evangelho a todos os homens, baptisando os que o recebessem em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo—sahiu de Jerusalem com todos, e, chegando ao monte Olivete, que fica ao pé de Bethania, alli se despediu da Virgem, abraçando-a brando e amorosamente. Deitando a benção a todos, levantou-se pouco e pouco da terra, e foi subindo docemente, até que uma nuvem resplandecente o rodeou, escondendo-o.

Ficou a Virgem—ficou para alentar e aconselhar os Apostolos; ficou continuando a sua vida simples e piedosa, consagrando os seus dias, ora a consolar quem precisava das suas santas palavras, ora a percorrer os logares onde Jesus pregára, onde Jesus vivera, onde Jesus morrera. Ia ao Calvario—e alli onde o sangue de Christo manchava ainda a terra, marejavam-se os olhos, os amoveis olhos verdes, de lagrimas; ia ao monte Olivete e olhava, beijando-os, os signaes dos pés de seu

Filho, que tinham ficado impressos n'uma pedra, quando Elle subira ao Céu; ia a Nazareth, ia a Belem—e os dias de outr'ora surgiam-lhe—dias risinhos para sempre perdidos, felicidade que não esqueceria nunca. Corria a dôce Galilea e os logares onde Jesus prégara, e, sob o céu profundamente azul, entre a verdura, parecia-lhe escutar ainda a mansa voz, que Ella tantas vezes ouvira consolando e perdoando. E o deserto arido, o areal d'oiro batido do sol radiante, lembrava-lhe ainda o seu Filho—e, em todos os logares que Elle alegrara outr'ora com a sua divina presença, ficavam, pousavam, os seus olhos cheios de lagrimas, ficava, demorava-se, a sua alma cheia de pezar.

Até que enfim chegou o dia do seu glorioso transito—e é crível que fosse aos sessenta e tres annos, que Ella deixou o mundo onde tanto soffrera, onde tantas lagrimas derramára, onde tantas afflicções consolára, para ir junto do seu Divino Filho, implorar, pedir ainda amoravelmente, por todos aquelles que oram com fervor.

Viu pois a Virgem, cheia de alegria, chegar a occasião em que tornaria a vêr Jesus, e foi o Archanjo S. Gabriel quem lhe deu tão alegre nova. E, como a Virgem pediu, assistiram á sua morte todos os Apostolos, que estavam espalhados pelo mundo ensinando o Evangelho e as santas, as consoladoras palavras de Jesus,—á excepção de S. Thomé—e que os Anjos trouxeram em tempo brevissimo, desde o logar onde se achavam, até alli. E almas de Patriarchas e Anjos desceram do Céu, para acompanhar a Virgem, a divina, a dôce Consoladora dos afflictos.

Choravam os Apostolos, pedindo-lhe que os não deixasse, mas Ella consolou-os ainda, cheia de bondade e cheia de graça. Ordenou que dêssem as suas tunicas a duas pobres viúvas suas visinhas, e recebendo o sagrado sacramento da Eucharistia, que S. João lhe administrou, como frequentes vezes fazia, assim como lhe dizia cada dia Missa—levantou a voz e disse aos Apostolos, deitando-lhes a benção:

—Filhos ficae-vos com Deus, ficae-vos com Deus, meus filhos; João, meu filho, fica-te com Deus; a benção de Deus e a minha, meus filhos, vos alcance.

Então os Apostolos começaram a cantar suavissimos hymnos—e Jesus Christo appareceu dizendo docemente á Virgem.

—Vinde, minha Mãe, á minha eterna gloria; eia, cheia de graça entre todas as mulheres, levantae-vos e appressae-vos. Vêde que já passou o inverno, já veio, já chegou, o tempo alegre e cheio de flores da primavera. Formosa sois, querida minha—não ha em voz macula.

E a Virgem suavemente, alegremente:

—Em vossas mãos, Filho e Deus eu encommendo o meu espirito.

E espirou—a sua alma pura como a neve como as pombas alvas, deixou, apartou-se do seu corpo virginal e limpo e casto.

Então, os Apostolos, cobriram o seu santo corpo com lençoes de linho immaculado, e entre canticos e entre psalmos e entre lagrimas, o levaram a um sepulchro no valle de Josaphat. E Anjos alvos e puros cantavam tam-

bem, e durante tres dias uma musica suavissima subiu, tremeu no céu limpido e azul...

Ao fim de tres dias chegou S. Thomé, juntando-se aos outros Apostolos, que tinham ficado ao redor do tumulo, e pediu-lhes encarecidamente que levantassem a pedra do sepulchro, pois queria vêr e adorar o corpo da Mãe de Deus.

— Assim se fez — mas só lá estavam já os seus vestidos, pois que a Virgem Maria subira ao Céu...

## VIII

### Milagres

Muitos são os milagres feitos pela Virgem. Todos os que com verdadeira fé se dirigem á Rainha dos Céus, encontram n'Ella, na Immaculada, na Suavissima, piedade infinita para o verdadeiro arrependimento, a bondade divina, o carinho ineffavel. O' mães! dizei, ó pobres mães, que tendes o filho amado no alto mar, n'uma noite de procella, dizei!... O' corações turturados! ó dores implacaveis — dizei!... Dizei vós almas justas e crentes, dizei!...

Conta-nos a historia de muitos — tantos! e tantos! — a quem Ella tem valido em occasiões de perigo, em que até os corações mais duros buscam um refugio em Deus; dizem volumes e volumes dos prodigios feitos por Ella; sabem todos um ou outro caso, e muitos são os que contam que a Santa das Santas lhes tem valido nas maguas.

Por isso quantos dedicaram a sua vida escrevendo em seu louvor! quantos a amaram extremosamente n'este mundo! quantos acharam breves os dias, breves os annos, para lhe render homenagem!...

Se quizessemos contar todos os milagres que Nossa Senhora tem feito, nem toda esta obra, nem toda a nossa vida, chegaria para dizermos a centessima parte. Limitamo-nos pois a contar meia duzia dos que nos pareceram mais bellos:

Toda a cidade de Constantinopla se banhava da luz doirada da manhã. O rio parecia d'ouro puro — e da outra banda a parte velha da cidade erguia-se resplandecendo, luminosa, toda em marmore: agulhas de minaretes brancas sob o céu implacavelmente azul. A' porta d'uma casa arruinada, berreiro — um judeu que açoutava e levava o filho — uma creança de dez annos — arrastando-o n'uma colera enorme. Gente apinhava-se. Turbantes coloridos, cantando na frescura da manhã um carregador parára, segurando pela arreata a alimaria impaciente.

— Que é? — perguntou uma velha.

— Um judeu que bate no filho por elle ter ido comungar...

Mas já o judeu fechava a porta irado — e, a gente que se ajuntara, se dispersava falando, n'um murmuro de folhas seccas que uma lufada arrastou. E tudo na rua voltou á serenidade habitual: um pregão retiniu no céu sem macula...

Assim fôra. Um velho judeu, como o filho se demo-

rasse, quando o tinha mandado a um recado, perguntou-lhe na volta onde estivera. A creança ingenuamente respondera:

—Fui commungar, meu pae!...

E descrevia a egreja que resplandecia de lumes, as bôas palavras que o sacerdote lhe dissera, como lá estavam outras creanças todas vestidas de branco...

—Ai tão lindas, meu pae!...

Mas ainda não tinha acabado de contar, quando o pae o esbofeteou cheio de raiva. A creança, surpreendida, gritou — e o velho judeu, apertando-lhe a garganta, levou-o p'ra dentro, fechando a porta na cara dos curiosos.

—Maldito! maldito tu sejas!...

Fechou-o n'um quarto, pensando no que lhe faria, quando subitamente uma ideia lhe veio que o fez sorrir. Devagar desceu á cosinha; espreitou a vêr se a sua mulher lá estava, e, como a não visse, murmurou alegremente:

—Bem, bem...

Accendeu o forno, ateou a labareda vermelha, cheio de contentamento — e, quando viu que a fogueira vermelhejava, capaz de assar um boi—foi ao quarto onde prendera o pequeno, agarrou-o, e sem se commover com as lagrimas que marejavam os olhos da creança, com os rogos que o pobre menino lhe fazia, atirou-o p'ra dentro do forno, tapando-o em seguida, tornando a pôr tudo nos seus logares.

—Maldito! maldito! — rosnava — Vaes pagal-as emfim!...

E sentou-se novamente, socegradamente, a trabalhar. Pouco tempo depois a mulher appareceu-lhe—e elle immediatamente, com um cynismo revoltante :

—Viste o rapaz? Foi a um recado, demorou-se e eu bati-lhe... Andou por ahi a brincar, e, ha-de haver uma hora, pediu-me p'ra ir alli abaixo e ainda não voltou... Estou com cuidado...

—Eu não vi!... Talvez ande a brincar com o filho da vizinha...

Mas o tempo passou — e, a pobre mãe, que amava o seu filho, começou a inquietar-se, pensando que teria succedido alguma desgraça á creança. Perguntou á vizinha — e ninguem, ninguem vira o rapaz. Do marido não desconfiava. E como desconfiaria ella, se o via affligindo-se e chorando, perguntar a todos pelo seu filho? Tres dias passaram — tres dias de inquietações, em que a pobre mulher chorou lagrimas de sangue, em que o seu pobre coração se despedaçou de amargura. Correu a cidade, perguntou aos conhecidos, inquietou os forasteiros — e a creança sem apparecer. Ao fim do terceiro dia já o julgava perdido — e como se lamentasse á porta do forno, chorando aquelle a quem ella amava mais que a ninguem na terra, clamando:

—Meu filho! meu filho onde estás?

Mas de repente... Não! não podia ser! que illusão a sua!... Parecera-lhe ter ouvido uma voz — dir-se-hia que era a voz do seu querido filho...

—Meu filho! ó meu filho!

Mas não! não havia duvida!

Não era illusão. Realmente ella ouvia, ouvia, chorando então de alegria, a voz da creança que dizia:

—Mãe aqui estou...

Sobresaltou-se a pobre mulher por não saber d'onde sahia a voz, até que afinal, abrindo a porta do forno, deu com a creança, que lhe estendia os braços sorrindo e sem lezão alguma.

— O meu filho que tanto te andamos procurando e tu aqui escondido!... Quem te deu de comer estes dias, meu filho?

Então a creança contou-lhe tudo, pedindo-lhe que não levantasse a voz para que o pae não ouvisse, e disse-lhe que uma Senhora muito linda, linda como elle nunca vira ninguem, lhe apparecera e o livrara do fogo; que essa Senhora se parecia com a que estava na Igreja, e que durante esses dias, lhe dera agua e de comer e o tratara com muito carinho.

Soube d'isto o Imperador Justiniano que então governava e fez baptisar a mãe e o filho, que muito o desejavam—e ao pae mandou-o enforcar, castigando-o assim da sua crueldade.

Santo Antonino, arcebispo de Florença, conta que tendo o imperador Juliano apostata, que combatia contra os persas, mandado pedir dinheiro e viveres para a sua gente a S. Basilio, e sendo-lhe por este respondido que não lhe podia valer, ameaçou-o de morte e a toda a gente que estava na cidade de Cesarea de Capadocia.

Todos os habitantes da cidade tremeram e se affligiram, vendo a cidade prestes a ser destruida e saquea-

da, e os horrores da guerra iminentes. Pensavam uns em fugir, outros rogavam a Deus que lhes valesse—e a todos persuadiu S. Basilio que fossem em romaria a um templo de Nossa Senhora, que estava junto da cidade, no qual fora sepultado S. Mercurio soldado e martyr.

Ahi, entre lagrimas, oraram fervorosamente á Virgem, pedindo-lhes que intercedesse junto de Deus por elles—e logo na outra noite, appareceu em sonhos S. Mercurio a S. Basilio e lhe prometteu que bem depressa o livraria do tyranno.

Levantou-se o santo no dia seguinte, admirado do sonho que tivera, e, na frescura da manhã, partiu para a capellinha, que sorria alvejando no alto do monte. Ahi procurou o tumulo de S. Mercurio—e, qual não foi o seu espanto, ao ver que nem o corpo do santo lá repousava inerte, nem as suas armas estavam no lugar do costume, fulgurando aos primeiros raios matutinos. Voltou a sua casa orando, orando sempre á Virgem, e, voltando no dia seguinte á ermida, lá deparou já com as brunidas armas e com o corpo inerte de S. Mercurio.—Unicamente a comprida lança que o santo usava escoria sangue rubro e ainda quente. Logo S. Basilio, voltando á cidade, socegou o povo, que passava os dias em temores, já orando, já perguntando novas da batalha, que o imperador feria então com os persas.

Eis, porém, que um soldado, cheio de poeira e de sangue, entra na cidade. Gente apinha-se á volta—e, o pobre homem, arquejando de fadiga, conta que no ardor da batalha, ao scintillar das espadas, ao fragor das armas, no mais acceso da peleja, se vira um bello caval-

leiro desconhecido cahir de repente sobre o imperador. Elle queria fugir—e não pôde; querem-no defender os seus, e uma força superior lhes sustem os braços. Então o desconhecido vasara-o com uma lançada e desaparecera em seguida.

A noite estava de tempestade. De quando em quando Theophilo arcediogo chegava á janella, olhando com impaciencia. Chovia a torrentes—e a instantes o céu abria-se, rasgava-se, vermelho, e o trovão ribombava, rugindo, atroando. Theophilo raivoso dizia:

—Hei-de ir ainda que tenha de morrer!...

Embuçou-se n'uma capa que o cobria inteiramente e abriu a porta. Um relampago fuzilou n'esse instante: dobraram-se-lhe as pernas, mas a raiva, o despeito que o enchia, alentava-o e sustinha-o.

Havia dias que o demonio o tentava. Como lhe tivessem tirado as honrarias e privado da sua dignidade de arcediogo—acceso em colera, blasphemou—e sabendo que havia na cidade um nigromante, que invocava Satanaz, para lá se dirigiu, prompto a pactuar com o Espirito das Trevas, prometendo-lhe que renegaria Christo e a sua Mãe, se lhe fosse restituído tudo o que perdera.

Caminhou pelas viellas negras como a tinta. Chovia torrencialmente; o tufão levantava-lhe, torcia-lhe o manto, mas elle, absorvido, andava, andava sempre. Ainda trovejava—e ás vezes, sangrenta, apparecia á luz dos relampagos uma parte da velha cidade.

Afinal entrou n'um beco.

—E' aqui—murmurou.

Pareceu indeciso diante da porta pequena e cheia de grades que tinha na frente. Depois ia a bater—mas já a porta se abria, sem que elle visse ninguem, e de dentro uma voz metallica, disse com uma risadinha immunda:

—E's tu Theophilo? Entra sem receio... Tens medo?...

Resolutamente elle entrou—e logo a porta se fechou com um estalido secco.

A sala era medonha. A um canto sobre o lume que luzia viam-se retortas, instrumentos estranhos. As paredes cobriam-se de grandes panos negros—e, uma caveira sobre a mesa, parecia rir o riso terrivel da morte. Uma figurinha sinistra, um homem a quem ninguem saberia dizer a idade, esqueletico e repugnante como um sapo, lia um velho livro, onde se viam caracteres incompreensiveis.

—Já sei ao que vens, Theophilo... —E ria, terrivelmente ria.—Se não tens medo, se estás completamente decidido a fazer o que te eu indicar, todas as tuas honorarias te serão restituídas.

Vacillando Theophilo disse:

—Estou prompto...

—Vê lá bem!

Outra vez, fortemente, o outro disse:

—Estou prompto!

Então uma escuridão terrivel se fez no quarto. Theophilo tremia. Pouco e pouco, n'um phosphorijamento azul, o nigromante appareceu, e lentamente dizia palavras estranhas, contorsionando a bocca, apontando

para a terra, e atirando os braços, depois, n'um arremetido para o céu. . . Um momento ululou mais forte, bateu com o pé no chão — e de repente o demonio appareceu. E os seus olhos lançavam fogo, e as suas garras aduncas dirigiam-se para Theophilo, que todo estremeia.

Então o nigromante, picando o braço de Theophilo, molhou uma penna, e apontando um pergaminho, exclamou :

— Escreve.

Theophilo escreveu, obrigando-se a renegar Christo e a Virgem. Então Satanaz, atrozamente, berrou :

— Assigna.

Theophilo assignou — e cahiu logo n'uma syncope, cheio de aflicção e de susto.

Quando sahio do desmaio estava em sua casa, sem saber como lá fôra ter, e á porta alguém batia desesperadamente. Foi vêr: era um servo que lhe vinha dizer, que tinha sido reintegrado em todas as suas dignidades.

— Bem.

Mas nem se alegrou. Já o arrependimento lhe nascia, já o remorso o torturava, não lhe deixando um instante de socego, um momento de calma. Instinctivamente, a sua alma elevou-se até a Deus, pedindo-lhe perdão, elevou-se até á Virgem, rogando que intercedesse por elle, e passados dias encerrava-se n'uma Igreja de Nossa Senhora — e, tantas foram as suas lagrimas, tão aspera penitencia fez, tanto supplicou á Virgem que fosse sua advogada junto a seu bemdito Filho — que, por intercessão

da Rainha dos Anjos, lhe foi restituído o escripto, que o demonio tinha em seu poder e a sua culpa perdoada.

Tão agradecido ficou, que o restante da sua vida preservou em serviço de Deus, morrendo santamente, como todos aquelles que procuram na Virgem patrocínio, como todos aquelles que lhe pedem com fé, allivio para os seus males, consolação para as suas lagrimas.

Caso egual a este se deu com fr. Gil de Santarem, illustre fidalgo portuguez, que partindo para Paris, onde ia estudar, foi tentado pelo demonio a aprender nigromancia n'uma cóva de Toledo, fazendo alli, por escripto tambem, um pacto com Satanaz, pelo qual lhe entregava a sua alma.

Arrepellido, sete annos rogou á Virgem que lhe valesse— até que Nossa Senhora lhe entregou o pacto. Tambem morreu perdoado, depois de consagrar o resto dos seus dias ao serviço de Deus.

Conta-se d'um clerigo devotissimo da Virgem Maria, que tendo passado a vida inteira a servir a Mãe de Deus, orando e ensinando pela terra, mostrando aos que soffriam, para que se alentassem, qual tinham sido os soffrimentos de Nossa Senhora; aos que choravam, que lagrimas Ella não teria derramado; e a todos dizendo que n'Ella buscassem allivio, pedindo-lhe e orando-lhe fervorosamente— conta-se d'esse bom clerigo, que, vindo a adoecer, padecia dôres de tal maneira terriveis, afflicções de tal fórma cruciantes, que um dia, n'um desespero, cortou a lingua com os dentes!

E as dôres horriveis augmentavam, cresciam a tal

ponto que o bom clérigo se via em termos de mais se mutilar.

Um dia, porém, em que gemia n'aquella medonha tortura—a cella illuminou-se cheia de branca luz, e elle viu junto a si um formoso mancebo, irradiando paz e irradiando doçura, e crendo ser o seu Anjo da guarda, sentidamente murmurou:

—O' Virgem Maria, fonte de piedade, ó misericordiosissima, como deixaes que tanto padeça quem nunca cessou de vos buscar? Como consentis que a lingua que sempre fallou para dizer aos homens quaes as vossas virtudes, quaes as vossas dôres, seja de tal maneira torturada?...

Mas, de repente, uma harmonia suavissima encheu a cella; mas, de repente, canticos consoladores fizeram-se ouvir; mas, de repente, Nossa Senhora appareceu-lhe e, sorrindo, bella e pura e sempre boa, rociou com leite dos seus sagrados peitos a bocca do enfermo—e, com aquelle celeste balsamo, a lingua foi restituída ao clérigo e ficou com inteira saude.

O resto da sua vida passou este bom homem—diz Vicencio Belovacense—prégando e orando, agradecido a Rainha dos Ceus pelos favores que d'Ella recebera.

Rompeu alegremente a manhã. D'oiro se tingiu o céu para a banda do oriente e o sol nasceu, inundou a terra de alegria.

Rebanhos iam descendo ao valle, guiados pelos guardadores. A verdura enchia-se da frescura da manhã, e gottas de orvalho tremiam nos ramos, brilhando como

perolas. Dois vaqueiros conversavam, os compridos agulhões ao hombro. Um era um mau homem, desordeiro e de más palavras, para quem nada era sagrado. O outro era um honesto trabalhador, simples e crente, que se indignava ás palavras do companheiro.

— E' o que te digo homem — dizia um — Só acreditam em imagens os parvalhões como tu... O céu é para todos e o mundo de quem mais pilha!...

— Não digas essas coisas, homem, que te perdes — affiançava o outro — Eu nem acredito que tu digas isso a sério, mas com coisas santas não se deve brincar.

O outro enfureceu-se. Passavam n'essa occasião diante d'uma ermida que os raios do sol rosavam — e antes que lh'o podessem impedir, o vaqueiro entrou n'uma raiva na capellinha, foi direito a uma imagem da Virgem Maria, e cravando-lhe o agulhão, pelo olho direito berrou :

— Para que está isto aqui!...

— Jesus! — exclamou o outro.

Triumphante veio o outro para fóra. O gado parára, pastando a herba verde e fresca do orvalho n'um campo proximo. Então, ainda tremulo da furia, o vaqueiro espicaçou um animal — mas de repente, o agulhão partiu-se e mettendo-se-lhe pelo olho direito, vasou-lho cegando-o. Era o castigo do desacato. Gritava cheio de dôres, cahido no chão, e o seu companheiro procurava estancar-lhe o sangue, pedindo a Nossa Senhora que lhe perdoasse.

Vicencio Bolavacense conta no seu Espelho Historial, liv. 7, cap. 83, o caso que em seguida narramos:

Um exercito poderoso cercava a cidade de Avinhão em França. Mal se podiam defender os habitantes tendo a lutar com maior numero e lavrando já a fome, pois que os sitiantes não deixavam que entrasse nada ás muralhas. Morria gente esfaimada pelas ruas, e era triste vêr creanças pedindo pão aos seus paes, que por não lhe poderem valer, se desesperavam.

Lembrou então alguém que fossem em romaria a um magnifico templo, que em melhores tempos, a população edificára e offerecera á Virgem Maria. Assim se fez—e alli um homem valente, fazendo oração, disse que se trouxessem a imagem de Nossa Senhora para uma das portas da cidade—elle se bateria sósinho com o exercito inimigo, pois cria que a Mãe de Deus lhe valeria.

Entre orações veio a imagem até ás muralhas—e, o homem de quem fallámos, escondendo-se atraz da Senhora, fazia grande damno ao inimigo, varando-o de pelouros.

Nas muralhas da cidade gente orava—e no outro campo alvoraçavam-se os soldados, ao verem os seus companheiros feridos de morte. Um então, aproveitando a occasião em que o corajoso homem se desviára da imagem, apontou-o e desfechou com elle, bradando:

—Veremos se te livra da morte a tua imagem!...

Mas a imagem da Virgem Nossa Senhora movendo-se milagrosamente aparou a setta em si.

Vendo isto os inimigos não só levantaram o cerco,

mas foram juntamente com os habitantes da cidade em romaria ao templo—engrinaldado de flôres, resplandecente de lumes e de alegria...

O imperador de Constantinopla, induzido por herejes, perseguiu as santas imagens, quebrando-as, mandando atear fogueiras com ellas, e maltratando-as. N'esse tempo estava em Damasco, S. João Damasceno, governando a cidade em nome do pagão a quem ella pertencia, e justamente indignado, escreveu contra o imperador, e por ser grande a sua auctoridade e fortissimas as razões que aduzia, convenceu muita gente, que continuou venerando as santas imagens.

Querendo vingar-se o imperador de Constantinopla escreveu, imitando a lettra de S. João Damasceno, uma carta em que o santo lhe offerecia a cidade que governava — e mandou um emmissario ao pagão que n'esse tempo mandava na cidade de Damasco.

Chegou o emmissario ao palacio do pagão, que logo mandou que o levassem á sua presença.

—Que mensagem trazes da parte do teu senhor?

Estendeu-lhe o emmissario o pergaminho e o pagão leu irado a carta em que o imperador imitava a lettra de S. João Damasceno nas linhas que se seguem: *Vede lá a quem confiaes a vossa cidade. A pessoa a quem investiste do cargo de governador atraiçoa-vos e trata de vos despojar do que vos pertence. Por ser vosso amigo e não querer ganhar terras traiçociramente vos aviso.*

—Ide-vos e agradecei da minha parte ao vosso amo. Eu farei justiça.

E mandou logo que os seus soldados fossem buscar S. João Damasceno.

Veio o santo, sem saber do que se tratava, e apenas chegou, logo o pagão irado lhe mostrou a carta que o imperador lhe mandára, perguntando-lhe :

—Conheceis esta carta?

Ao que o santo firmemente respondeu :

—Pela lettra minha parece, mas não fui eu que a escrevi.

Encolerisado, sem querer ouvir razões, mandou o santo que cortassem a mão direita a S. João Damasceno —e que a pregassem n'um pau a meio da praça. E disse-lhe que não o matava, por lhe dever muitos favores, e por ter ainda por elle um resto de amizade.

Soffreu S. João Damasceno a crueldade—e deveras se affligiu pela vergonha e pela dôr que soffrera—e encerrando-se n'um oratorio, onde estava a Santa Virgem, Mãe de Deus, supplicou-lhe que, milagrosamente o curasse, pois, como Ella muito bem sabia, era innocente do crime que lhe imputavam. E prometeu á Virgem, que se ella alcançasse do seu divino Filho aquelle milagre, consagraria o resto dos seus dias louvando-a e a Jesus.

Mal tinha orado cahiu n'um somno ligeiro durante o qual lhe appareceu Nossa Senhora que unindo-lhe a mão ao braço, que o pagão lhe mandára cortar, lhe disse :

—Já estás curado e agora cumpre o que prometteste.

Despertou Damasceno e viu-se curado, com a mão

pegada ao braço, e apenas com um ligeiro signal em volta do pulso, no sitio onde lhe tinha sido cortada.

Soube d'isto o tyranno e mandando-o chamar pediu-lhe perdão, e instou com elle para que fosse novamente governar a cidade.—mas S. João Damasceno recusou, e, deixando o mundo, entrou para o mosteiro de S. Sabbas, onde serviu até á morte Deus e a sua purissima Mãe.

Era no tempo em que os judeus pululavam em Hespanha.

Anoitecia. N'uma das ruellas da cidade da Segovia um judeu conversava na sombra d'um recanto com uma mulher nova e bonita, de olhos negros cheios de crueldade.

—Mata-a—disse ella.

—Tu bem sabes, Albina, que se eu a matar a justiça sentença-me... Eu só te amo a ti. Sabes como eu a trato. Todos os dias a espanco—e apezar, de ella ser minha mulher, odeio-a, odeio-a como nunca odiei ninguem.

A mulher ficou um momento pensativa. Depois levantando a cabeça, disse de repente.

—Se é verdade que me amas, deverás fazer o que eu te disser. Vou-te dizer o meio de te veres livre d'ella sem perigo.

E' bem simples... Accusa-a de adultera. O Tribunal decerto a condemnará á morte, e, livre d'ella, casarás commigo...

—Não me lembrava de tal!...

Ficaram conversando um instante, alegremente, dispondo o seu plano. Depois despediram-se, e o homem partiu rente as muralhas envoltas n'uma escuridão de tinta. Andou; depois ao fim d'um beco parou diante d'uma pobre casa—e bateu.

—Abre!—berrou.—Tu não ouves, Sara? Maldita!

E mal a pobre mulher abriu a porta cahiu sobre ella espancando-a cruelmente. A mulher chorava sem se debater, chorava humildemente, de certo acostumada aos maus tratos. Dentro os filhos gritavam, e o homem batia, batia sempre, sem piedade e sem tregoa, gritando.

—Maldita! Tu não morrerás?.. Maldita tu sejas!..

Apenas a manhã rompeu, agarrando-lhe n'um braço, o judeu arrastou-a pelas ruas até ao Tribunal. Gente agglomerava-se e aos que lhe perguntavam:

—Porque tratas assim essa mulher?

Elle respondia:

—Esta é uma adúltera...

Então o poviléo berrava:

—Morra! Morra!

Quando chegou deante dos que a haviam de julgar, a pobre Sara, falta de forças pelos maus tratos e atemorizada pela gritaria do povo, que pedia em grita que a condemnassem á morte, só com lagrimas respondeu ás accusações que o marido lhe fazia. Então, convencidos de que ella era na verdade uma adúltera, entregaram-na ao judeu, para que elle lhe desse a sorte que quizesse. Um sorriso cruel desenhou-se-lhe nos labios. Entre o povo andava Albina, dizendo, instigando as mulheres a que berrassem:

—A' morte! á morte!...

—Vae morrer! Esta maldita vae ser despenhada do Monte!... —gritou o judeu.

O Monte, de que o cume se erguia até ás nuvens, estava situado logo fóra da cidade—e para lá se dirigiu a turba, sempre avida de assistir a crueldades.

No entanto a innocente judia ia lentamente recuperando a energia que no tribunal lhe faltára. Mas de que lhe valia então a coragem, estando já condemnada e entregue á crueldade do seu marido que a odiava profundamente. Chorando, desgrenhada, lembrava-se dos seus filhinhos que nunca mais veria, da sua pobre casinha, e de instante a instante, dizia ao judeu:

—Perdoa-me... Que mal te fiz eu para assim me tratares?...

Mas elle rindo bestialmente:

—Vae morrer, maldita, vae morrer!...

E o povo em volta, n'um alarido, erguendo ao ar os paus e as lanças de que se tinha armado, gritava:

—Morra a adúltera!...

E a gente que acudia ás mortes seguia, juntava-se á multidão, para assistir á morte da innocente.

Sahiram da cidade, e a montanha appareceu coberta de neve no alto, de neve que o sol descendo no occidente, rosava. D'um lado a subida era doce, mas quem chegando ao pé olhasse p'ra baixo da banda do valle, tremia tão fundo, tão cheio de penedia aguda como navilhas, era o despenhadeiro. Ninguem que allí cahisse se salvaria.

Chegou lá acima o judeu com a mulher. A multidão

tinha-se apinhado em baixo, e olhava anciosa, esperando o momento em que a desgraçada viria cahindo.

—Vaes emfim morrer, maldita! . . . — berrou o judeo.

E chegou com ella até á beira do precipicio. Bastava empurrar-lhe, tocar-lhe com um dedo e a desgraçada rolaria no abysmo. Uns minutos olhou o judeu a fronte da sua pobre mulher, que empallidecia.

—Olha, olha onde te vaes despedaçar! murmurava raivosamente.

N'esse instante, no momento em que elle ia a atirar-a, a desgraçada lembrou-se, cheia de afflicção, de se encommendar á Mãe de Deus, de quem tinha ouvido dizer que livrara muitas pessoas de grandes perigos—e, tremendo, fervorosamente, prometteu que se faria christã, se a Virgem lhe valesse n'aquelle transe. . .

Empurrou-a afinal o malvado, casquinando uma risada preversa—e a turba que em baixo olhava anciosamente, viu Sara descendo suavemente como se fosse sustida, pousar em baixo sem lesão e sem o minimo perigo.

Houve um brado d'espanto e correndo para ella interrogaram-na. Tudo a pobre contou—a sua innocencia a prece que fizera á Mãe de Deus—e como ao cahir vira a Virgem Santissima tomal-o em seus braços, até a pousar no valle, onde d'outra forma era impossivel chegar senão feita em pedaços.

Indignou-se o poviléo—e logo alli fez prompta justiça, matando o judeu e Albina, a mulher que o induzira ao crime. Quanto a Sara, cumprindo a sua promessa, fez-se christã, sendo baptisada com o nome de Maria

Saltos, em allusão ao favor que da Virgem recebera—e santamente acabou os seus dias na igreja de Santa Maria Maior.

Era em 1755—anno terrivel, anno memoravel na historia.

Ha de tempos a tempos desgraças, catastrophes que são como marcos sangrentos na historia d'um povo, que ficam de pé sempre vivos, sempre inalteraveis na sua côr rubra, como dizendo-nos, como fallando-nos, como mostrando-nos, que nada é fixo na terra, que, d'um momento para o outro, tudo pôde desaparecer, perecer, finar-se, assim como a flor, que desponta n'um dia lindo, azul, sem nuvens no ceu—e que d'ahi a instantes o vendaval subito corta pela haste, sem vida, arrancadas as petalas, que ainda havia momentos as borboletas d'oiro, as borboletas de neve, beijavam, que ainda havia instantes a brisa perfumada acariciava e as abelhas scintillantes procuravam—cheia de vida, rubra de côr, procurando a luz—e depois morta, reduzida a pó, rolada no enchurro.

O que é a felicidade n'este mundo?...

Quantos, na manhã d'esse dia terrivel, faziam planos, concertavam felicidades, architectavam alegrias—e d'ahi a momentos jaziam sem vida, mutilados, informes, calcinados? Quantos não diriam:—D'aqui a dois dias—e d'ahi a dois minutos morriam no fogo ou sobre o palacio que se aluia?

De que valem as riquezas, as pompas, a mocidade, a alegria—se com nada d'isto podemos contar?...

E' por isso que mais vale possuir um coração limpo, a alma lavada e branca como a das creancinhas, a fé no Senhor e no seu divino poder—do que o oiro dos reis, do que o poderio dos grandes, do que o triumpho dos generaes.

Vivia em Lisboa n'esse tempo uma pobre viuva, crente e cheia de bondade, que poucas pessoas conheciam, por raras vezes sahir á rua, repartindo o seu tempo entre as orações que fazia a Nosso Senhor e á Virgem e os cuidados que tinha para bem educar um filhinho de doze annos, que seu marido ao morrer lhe deixára.

A's tardes, nos dias calmos de verão em que o azul do céu é intenso e o cheiro das flores enebria—ella descia ao seu jardim, e, abrindo um livro, onde se contava o martyrio d'algun santo, lia ao menino essas paginas d'oiro e de azul, onde perpassava, onde corria, brando como um arroio, suave como uma carícia, uma briza de pacificação e de enlevo.

Assim ia formando pouco e pouco, forte e crente, o character da creancinha. Mas o que ella quasi sempre lhe contava era a vida de Jesus, ou então uma d'essas tradições recolhidas sobre a Virgem, que têm o perfume e o encanto da violeta, que commovem e que murmuram até ao mais fundo da alma palavras de doçura, boas palavras de perdão e de bondade.

Crescia assim n'ella como no menino uma devoção fortissima á Virgem—e quantas vezes, na suavidade d'essas tardes, não lhes acontecia pousarem o livro e

derramarem abundantes lagrimas, um no outro abraçados—lagrimas dôces e que encantam, lagrimas que são como um dulcissimo balsamo! Quantas vezes não lhes acontecia acabarem a leitura por uma oração á Virgem, oração onde ia toda a alma d'ambos, almas purissimas como um crystal—uma a da creança ingenua e simples e pura, que o bafo do mundo não embaciára ainda, outra a da bôa senhora, forte, que soubera resistir a todas as impurezas de este mundo!

Quantas vezes a lua, que se erguia entre a verdura, os ia encontrar ainda, de mãos erguidas para o céu!...

Outras vezes era no oratorio, que a boa senhora possuia, que faziam as suas orações, diante d'uma imagem da Immaculada que parecia sorrir-lhes, que parecia abençoar aquellas duas creaturas que viviam amando-se, cheias de fé e cheias de nobres crenças, buscando no céu a alegria simples, o ineffavel contentamento—que nem em outra parte, por mais que procurêmos se encontrará.

No dia 1.º de novembro a mãe sahiu sosinha a orar n'uma igreja proxima, não a acompanhando o menino, porque adoecera com uma léve indisposição. No entanto antes de sahir a bôa senhora foi beijar o seu filho. A creança assim que a viu estendeu-lhe os bracinhos rosados e disse:

—Queria pedir-lhe uma coisa, mamã...

—Então dize o que é, meu filho...

—Eu fico em casa sosinho, sim? Eu bem sei que a Anna quer ir tambem á igreja resar ao Jesus, e não é justo que por minha causa fique em casa. A mamã e ella

pouco se demoram. Porque não ha-de ella ir?... Eu prometto-lhe que fico quietinho.

A mãe quiz recusar; mas leu no olhar da creança que ella seria capaz de cumprir a sua promessa...

—Tenho medo que te aconteça alguma coisa... Depois podes achar-te peor...

—Pois bem—disse a creança sorrindo e beijando a mãe—leve-me a mamã para o oratorio e recommende-me a Nossa Senhora... Depois já póde sahir socegada que nada me acontece... Eu fico no oratorio a resar, emquanto a mamá vae.

Accedeu a bôa senhora, e, conduzindo o seu filho ao oratorio, ambos oraram fervorosamente á Immaculada, que parecia sorrir, que parecia, entre flores, na alegria das luzes, prometter á mãe que protegeria o seu filho.

Sahiu a boa senhora e foi orar tranquillamente, sem presentir a desgraça enorme que d'ahi a momentos se iria dar, ensanguentando uma cidade, repercutindo-se n'um paiz inteiro, que estremeceria aos echos de tanta dôr...

A igreja regorgitava de gente que orava. De repente, porém, sentiu um abalo—e logo houve um grito enorme de pavor. Fugiu a multidão para as portas, atropellou-se, cahiu; outros, mais crentes, fervorosamente invocavam o Senhor. Conseguiu sahir a pobre mãe.

Cahiam as casas. Não havia gritos—havia um grito unico, enorme, terrivel que despedaçava a alma, que vibrava atroadoramente; não havia lamentos—havia um lamento unico, igual ao bramir do mar tempestuoso, que enchia de pavor; não havia soffrimentos—havia um

soffrimento, uma dôr inexplicavel que rasgava corações, que ia de alma a alma, que fazia derramar lagrimas a um povo inteiro.

Vão lá descrever uma scena d'estas! Vá um escriptor, por maior que seja o seu talento, dizer o estrondo das casas cahindo, despedaçando-se e despedaçando os que n'ellas habitavam; vão lá dizer as palavras das mães errantes pelas ruas, ora chamando docemente o filhinho perdido, ora erguendo as mãos n'uma supplica; vá lá contar-se o sangue derramado, a multidão correndo as ruas em tropel, fugindo para a praia, para a beira do rio, e fugindo do rio, porque o rio ameaçava tragal-os!... E a nuvem de poeira e de fumo enegrecendo o sol, de maneira que a noite succedeu ao dia! e os montões de cadaveres, e os membros decepados! e os que loucos de terror se precipitavam das janellas para a rua, e os ais, e as preces, e os clamores e os choros! e os ricos abraçando-se aos pobres e os plebeus aos fidalgos, tão certo é que o perigo a todos nivela!

Vão lá narrar, descrever, esmiuçar os mil dramas, o fogo ateando-se, os gemidos de quinze mil infelizes que n'esse dia morreram.

Scenas d'estas não se pintam, não se escrevem, não se dizem — sentem-se.

— Misericordia! misericordia! — dizia a turba.

Amigos, conhecidos, parentes, abraçavam-se despedindo-se. E a derrocada da casaria continuava, e então um novo flagello appareceu: — eram os incendiarios que corriam de facho em punho a incendiarem por maldade

ou por vingança as casas: eram os salteadores que pilhavam as casas, que despojavam os cadáveres!...

A cidade era uma fogueira e uma ruína.

E no meio d'aquella desolação a pobre mãe caminhava, corria... Perdeu-se da creada: em volta havia rugidos, havia lamentos, havia lagrimas, e ella lá ia, saltava os destroços, rodeiava o fogo, perdida, cheia de pranto, torturada pela dôr.

— Misericórdia! misericórdia!...

Chegou. Parte da sua casa estava ainda de pé: em volta tudo eram ruínas.

A esperança nasceu-lhe. Chamou:

— Filho! meu filho!

Ninguém respondeu. Oh morrera decerto, ia encontrar-o despedaçado entre as pedras; ia ver o seu cadáverzinho ensanguentado—oh para que o deixára ella sózinha? Para que sahira ella de casa, consentindo que elle ficasse? Se tivesse ficado talvez o pudesse salvar—e se não conseguisse arrancar-o aquella desgraça, morreria ao menos com elle!...

Subiu os restos das escadas que tinham ficado de pé, saltou a penedia, os escombros. Nada a impedia, nada era muralha ao seu amor de mãe, nada podia oppor um dique á sua vontade: nunca ella imaginára que teria forças para tanto!

—Filho! meu filho!...

Ia em cima já, passava o corredor... Alli era o oratorio... Abriu a porta e sorrindo, a resar á Virgem, que sorria entre as flores, viu o seu filho.

—Meu filho!...

—Não chore, mamã!...

Ella beijou-o sofregamente, murmurava palavras sem nexo, não se fartava de o ver.

—Não te aconteceu nada?...

Então a creança contou:

—A principio tive muito medo... Eu estava quietinho a resar, quando começou a casa a tremer... Eu não sabia o que era e chamei.

— Mamã! mamã! — Mas a casa tremia, ouviu-se um barulho e n'um grito muito grande. Eu ia a gritar...

—Conta, meu filho...

—Ia a gritar... O tecto abria-se, eu ia a morrer... As paredes iam a cahir sobre mim, fora o alarido era maior... Lembrei-me da mamã, pensei que nunca mais a veria... Ia a gritar, ia a fugir—mas de repente a imagem da Nossa Senhora cresceu, eu via-a que sorria para mim, mamã, que me dizia:—Não te afflijas, não tenhas medo... —Via-a estender os seus divinos braços como para me proteger, e o tecto uniu-se e as paredes não tremiram mais... Então, mamã, cahi de joelhos e resei: *Salvê, Rainha, Mãe de Misericordia, vida, doçura, esperança nossa; salvê.*

—Meu querido!...

—Tambem não tive medo que lhe acontecesse nada... Parecia-me que Nossa Senhora me dizia que era muito minha amiga, e que aprotecteria como me salvára tambem.

Então a mãe chorando, beijando o seu filho, apertando-o nos braços, murmurou:

— Resemos-lhe, meu filho, vamos agradecer-lhe o

nos ter salvado. Vamos pedir-lhe que proteja a creada que se perdeu de mim; vamos rogar-lhe por todos aquelles que morreram n'esta terrivel catastrophe; vamos orar-lhe para que Ella dê valor, e dê alento a todos aquelles que perderam alguém amado, aos que sentem o coração despedaçado, soffrendo como eu soffri; que perdoe e interceda junto do seu Divino Filho, por todos aquelles que morreram sem ter tempo de se arrependere dos seus peccados... Resemos!...

—Resemos, mamá!...

Muito tempo no oratorio se ouviu o murmúrio suave de preces; muito tempo dois corações compadecidos elevaram até aos pés da Virgem Maria todo a gratidão que sentiam na alma...

D'ahi a momentos ouviram que alguém andava no corredor e uma voz conhecida que chamava :

—Senhora! minha senhora!

Era a velha creada. Tinha-se salvado tambem. Tudo lhe contaram—e todos tres cahiram de novo ao pé da Immaculada, que parecia sorrir-lhes, na alegria das luzes, entre flores, contente de certo ao vêr-lhes as almas tão cheias de ingenuidade e de crença...

Houve no mosteiro de S. Bertin um monge, chamado Jonio, santo homem, que costumava rezar depois de matinas cinco Psalmos, em louvor da Virgem Maria, os quaes formavam com as primeiras lettras o nome suavissimo e santo de Nossa Senhora: *Magnificat; Ad Dominum cum tribulet; Retribue servo tuo Domine; In convertendo Dominus; Ad te levavi oculos meos.*

Depois de dizer estes Psalmos rezava ainda o monge no fim de cada um uma Ave-Maria.

Um dia este santo monge morreu—e quando o foram buscar á sua cella—o irmão que primeiro entrára, gritou :

—Milagre! milagre!

Reuniram-se todos. Estendido no seu pobre catre estava o monge—e a sua fronte era cheia de serenidade. Na bocca nascera-lhe uma rosa, alva como uma pomba, onde estava escripto o bemdito nome de Maria—e dos olhos e dos seus ouvidos brotavam-lhe tambem rosas, magnificas rosas que enchiam a cella de aromas purissimos.

Fóra o sol radiava, pondo toques d'ouro na vidraça, o monge parecia dormir um somno cheio de bellos sonhos, tanta era a suavidade que se lhe lia na fronte—e os que viam, ajoelhando-se, oravam á Virgem, murmurando :

—Milagre! milagre!

Entre outros foi testemunha d'este successo o bispo de Raz—e muitas pessoas foram durante dias visitar á sua pobre cella, dando graças á Virgem—aquelle justo que tanto amára e tanto venerára a Rainha dos Céus—e a quem Ella, além de lhe agradecer de certo d'outra maneira, escolhera para mostrar aos peccadores, quanto lhe são agradaveis as boas acções, e como amavelmente escuta os que a Ella se dirigem, quer buscando allivio para soffrimentos, quer consolação para lagrimas.

---



*Santa Isabel Rainha de Portugal.*





SANTA ISABEL

---

4 DE JULHO

---

# SANTA ISABEL

(RAINHA DE PORTUGAL)

## I

Origem. — Primeiros passos.

**E**M Saragoça, na Hespanha, foi que, pelo anno de 1271 nasceu a Infanta D. Isabel, que mais tarde haveria de ser a esposa de D. Diniz. Seus paes foram D. Pedro e D. Constança — elle filho de el-rei D. Jayme d'Aragão, ella de Manfredo da Sicilia, e é fama que vira a luz n'um lendario palacio de reis mouros, então habitação de monarchas catholicos. Educada por el-rei Jacobo, cujas virtudes diamantinas quasi que santificam, esta creança veio harmonisar com o nascimento este seu avô com o pae, em desavenças causadas pelo enlace inoportuno d'este. E assim, esta menina pura como um lyrio mal aberto ao sol, entrou no mundo cruel e fragil, coberto de insidias, de lodo e de traições, como um signal de pacificação e concordia, como uma pomba que atravessasse pura um céu brumoso, a presagiar que em breve rasgões de azul se veriam, e uma luz adoçante cobriria os seus reinos. Seu avô dizia:

— Ha de ser a mulher mais honrada de Aragão... — e a prophesia cumpriu-se religiosamente, porque essa creança que em si encerrava já tanta bondade e humildade, d'um discernimento tão lucido, d'um coração tão profundamente humano, foi primeiro a filha inegualavel de candura, foi depois a esposa intemerata e irreprehensivel, a mãe exemplar, para dar como epilogo de luz — o epilogo fulgoroso da historia das Santas — a ultima estancia da sua vida de viuva entre benções e canticos, eternamente coberta de agradecimentos, eternamente coberta de flôres.

Menina ainda, a sua devoção pelo mystico padre S. Francisco e pela sua religião foi crescente, e quando um dia appareceu em Saragoça o ministro geral d'ella, fr. Jeronymo de Asculi, recebido com mil honrarias por el-rei D. Jayme, e levantando-a nos braços a abençoou em nome d'esse patriarcha austero e doce, — d'então essa benção parece ter coberto toda a sua existencia, todos os seus dias, todas as suas horas, como se fosse uma luz sagrada que no seu coração resplandecesse no futuro, como se fosse um pallio de pureza que a cobrisse, uma recordação de paz que a doirasse...

Parece que vinha como um anjo do Senhor, esta Infanta. A sua vida, casta e doce como um poente, foi um caminho sympathico de allianças. Na estrada de crenças e perdões seguida, a sua figura religiosa e esbelta apparece sempre como um ramo de oliveira. Era sobrinha de Santa Isabel da Hungria. E assim, nascendo e crescendo n'uma terra catholica, entre canções de combates e glorificações de martyres, sonhando na existen-

cia abençoada da tia, mystica e erguendo os olhos verdes como esperanças ao azul d'essa vida distante, Santa Isabel começou a apaixonar-se pelas historias que a Lenda repassára e cobrira d'um veu de pureza, bondade e christã abnegação. Cresceu, portanto, infinitamente religiosa e amavel. Nos seus olhos lêr-se-ia, grandes e luminosos, um poema de consolações infindavel. Caridosa e formosa a sua primeira idade foi correndo entre bençãos e orações: ciliciada e penitente a sua vida passa longe do fragil mundo, na elevação balsamica da prece, nos extasis e nas visões do martyrologio e do Ceu. E assim lhe deslisou a infancia, radiosa e simples, toucada de esplendores e de graça, abençoada e doirada...

## II

## Casamento

Varios reis a pediram em casamento, mas é afinal a D. Diniz, o rei trovadoresco e namorado, que é dada a mão d'esta virtuosa infanta, loira como as creações castissimas de Lippi. Custa sempre a um pae abandonar os filhos, demais se são como Isabel. D'ahi a reluctancia n'este casamento. Mas afinal, cedendo, cheio de saudade a acompanhou até Castella, despedindo-se n'uma scena tocante de lagrimas e abraços. El-rei via-se detido em Trancoso. Motivos politicos o obrigavam a permanecer ali, onde esperava anciosamente a esposa. A fina flor da lusitana nobreza, acompanhando o rei, esperava a rainha: e foi grande o extasi de D. Diniz, tocado da

formosura illuminada d'aquella que formaria um laço para toda a sua vida alvoroçada de guerreiro e de poeta.

Era dia de S. João. A natureza em festa dir-se-ia tocar-se de esplendor e caricias para a recepção festiva da Santa. O verão de 1282 corria ardente e languido: cantavam aves, e as flores das moitas tostavam-se ao calor intenso. Posto que desposados por procuração em Barcellona, os regios noivos receberam as benções na egreja de S. Bartholomeu, segundo resa a chronica. O entusiasmo fervido fez de Trancoso uma cidade populosa e enorme. A fama aureal de Isabel trouxe alli milhares de pessoas avidas de a verem, de assistirem ao enlace auspicioso, talvez de lhe ouvirem uma palavra doce—e n'aquelle mez de calma, n'esse dia consagrado a um santo popular e querido dos portuguezes, os corações alegres e os olhos avidos, uniu-se para sempre uma alma a outra alma, e um coração a outro coração. Era uma aurora que abria recamada de purissimo amor. Demorou-se el-rei algum tempo em Trancoso, entre festas e aclamações frementes, ao ruido dos applausos, e, em fins de julho, partiu para Coimbra, passando por Guarda e Vizeu. Ahi a recepção foi radiosa de gala; houve uma inundação de flores, um fremito entusiastico de palmas: já pelos caminhos o povo das aldeias viera em chusma vêr a Rainha querida que passava: e a Rainha tinha sempre um sorriso, sempre tinha uma benção, uma palavra celeste. Depois permaneceu em Coimbra; e era de vél-a religiosa e pura, esmoler e caridosa, passar uma vida absorvida nas resas, todo o seu ideal, toda a sua aspiração voando pelo ceu. Nas contendias intestinas a

Rainha era a fada ethérea da harmonia e do bem; a sua figura era como a lua que se ergue no verão, enchendo de perdão e de crença, de luar e de sonho, os crepusculos melancolicos e placidos. E muita vez as suas lagrimas demoveram batalhas, as suas supplicas afastaram lutas, a sua intervenção cariciosa e terna apasigoou tormentas. A vida do reino anda fundamente ligada á vida de Santa Isabel. Se quizessemos relatar factos da nação, do rei, dos principes de Aragão, etc., em que Santa Isabel teve interferencia e onde foi um poderoso auxilio, muito extensa houvera de ser a nossa historia; mas tam sómente a factos que vão directamente á vida da Rainha é a que nos referimos, desejando mostrar, tal qual nol-a apresentam as narrações de então, a sua vida pura como um veio de crystal correndo sempre immaculado e santificado. Vejamos os seus milagres.

### III

#### A Rainha anjo de paz—Milagres

Um dia Santa Isabel partiu para Ciudad Rodrigo, com el-rei e alguns fidalgos e açafatas. Partiram cedo, uma deliciosa madrugada limpida, muito luminosa de tons de oiro. A viagem seguiu com pequenas peripecias risonhas, e a comitiva, que era aliás pequena, expandia-se ao azul claro e doce da manhã. A rainha ia alegre: no seu rosto passava a aragem matutina purpurisando-o de leve—no ceu errava uma pacificação profunda e D. Diniz improvisava canções.

N'uma jornada, D. Urraca Vasques, a quem a rainha confiava muitos dos seus segredos, achou-se doente com um mal que lhe dava, em que se estorcia, se debatia desesperadamente, sendo mister atar-lhe os pés e as mãos para se não ferir. O caminho era ainda longo: a Rainha soffria e desesperava-se vendo o tormento da bondosa amiga. Não havia remedios, que posto sempre tivessem sido applicados debalde, são ainda assim uma esperança por vezes: a Rainha ajoelhou. Nos seus olhos baços de lagrimas errava a nuvem da piedade e do martyrio: a oração voou dos seus labios como uma ave santissima e doirada—e enquanto que a doente se debatia, a mão piedosa da Rainha fazendo-lhe primeiro uma cruz sobre o corpo, appoiou-se levemente sobre a fronte. E immediatamente as dores desapareceram, e nos olhos molhados da doente a gratidão fulgia. Alguma coisa de tocante abalara a comitiva. Todos tinham a Soberana como eleita do ceu, o que mais uma vez se confirmava, e uma mesma crença os percorria a todos exclamando—bem dita seja a Rainha!

Isabel era muito esmoler, caritativa em extremo e fazia distribuir muitas vezes as suas esmolas por um pagem bondoso e crente, que se entregava do coração ao seu serviço, apenas por ver n'ella dedicação e bondade. Mas nas côrtes, infelizmente, a intriga aninha-se, e, como a venenosa serpente de que fala a Biblia, remorde os corações ainda os mais confiados e faz desviar-se do caminho do dever por vezes ainda os mais acostumados em seguil-o. Ora havia outro pagem, que invejoso de ver o seu egual preferido pela Soberana, e não

lhe attentando nas altas qualidades de coração e alma, foi intrigar este com el-rei, deixando adivinhar perfidiosamente que havia em Santa Izabel por elle alguma coisa mais do que uma leve sympathia. O rei estava n'uma camara do paço, quando o pagem lhe disse:

—Senhor! perdoae-me, mas mal avisado andais, se não tendes em vista a particular estima da Rainha e do seu pagem...

—Uma calumnia! murmurou el-rei, e uma onda de sangue incendiou-lhe o rosto.

—Espero que V. Magestade me não comprometta, arriscou o pagem.

—Vae-te, por Satanaz, e deixa-me—que em muito mais tenho que pensar.

O covarde, envenenado o coração do esposo, partiu satisfeito com a sua obra, porque se vingava da Rainha innocente, que não lhe dispensava attenção, visto o seu character ignominioso e perverso. Mas no rei, como em qualquer coração humano e mormente no coração do principe que era facil em amores de toda a especie, a baba da calumnia alguma coisa deixou de doloroso e de duvidoso, e em breve, visivelmente preocupado pela nuvem que lhe cobria o rosto sympathico, viram-no sahir, como quem leva alguma coisa fixa e terrivel. Conduziu-se a uns fornos de cal, e dirigindo-se ao forneiro, chamou-o de parte.

—Mestre, disse-lhe. Ha de vir aqui um creado do paço perguntar—“se está cumprida a ordem de el-rei,” —lançae-o no forno para que morra como elle merece sem causar tumulto nem má lingua. Entendido e segredo.

—Cumpridas serão as ordens de Vossa Magestade.

O rei dirigiu-se ao paço, e disse ao pagem injustamente accusado.

—Vae a tal parte, e pergunta se “estão cumpridas as ordens de el-rei,” —

O pagem partiu, respeitosamente; mas no caminho deu-lhe um toque no coração, como um receio infundado e inexplicado, e passando n’uma igreja de S. Francisco, onde se dizia missa, levado pelo impulso religioso, que a Rainha tantas vezes lhe incutira, entrou a resar. Ouviu toda uma missa e parte de outra, e enquanto resava, o rei, que já lhe parecia tempo, e desejava saber o resultado das suas ordens, enviou ao forneiro o outro pagem, que partiu satisfeito e depressa. Chegando ao forno, e perguntando «se estavam cumpridas as ordens de el-rei»—imediatamente foi lançado no fogo. De modo que quando o pagem da rainha, puro e tranquillo, chegou lá, perguntando o regio mandado, a resposto foi:

—Que tudo estava feito como S. M. o determinára.

O pagem voltou ao paço, com a fronte illuminada de innocencia, e dizendo ao rei aquella resposta, o rei ficou admirado e receioso:

—Mas tu foste direito d’aqui lá?

—Não, Senhor! é justo que eu fale a verdade: entrei na igreja de S. Francisco onde ouvi uma missa...

Tocou então el-rei uma luz celeste, e vendo claramente a innocencia na resposta, e a mão de Deus, afastando-o da morte, para n’ella estrebuchar o vil calumniador, ficou profundamente convicto da pureza santissima da Esposa.

—Vae-te em paz,—e que o Senhor me perdoe — murmurou baixo el-rei.

Nunca mais uma duvida apenas, passageira e leve, obumbrou o coração de D. Diniz. Santa Isabel era tam bondosa, tam caritativa e meiga, que os pobres da cidade e circumvizinhanças vinham matar a fome na prodigiosa liberalidade da Rainha. E era um côro de bençãos, de saudações, de preces, exaltando aquella que tambem sabia cumprir num mundo de falsidade e de injustiça os preceitos magnanimos do christianismo, desfolhando no seu caminho de piedade as mysteriosas flores perfumadas da esmola. Não só aos pobres, aos rotos mendigos que se arrastam pallidos de porta em porta, mas ainda a pessoas a quem o pedir envergonhava, a Rainha abençoada soccorria. «Para esses era a esmola ainda maior lenitivo» ouviram-lhe muitas vezes murmurar magoada... O tempo, no entretanto, era de luctas continuadas. As batalhas com os mouros, as desavenças internas, continuaram de affligir a gente portugueza. O duque D. Affonso, filho de D. Diniz, voluntarioso e não attentando nos deveres filiaes, ter-se-ia batido com o pae, por causa da posse de algumas terras, se não fosse a intervenção ce-leste da Rainha, que lhe disse, banhada de lagrimas:

— Que um estranho nos offenda, perdoa-se; mas que um filho venha desafiar um pae para uma lucta donde lhe pode vir a morte, além da deshounra, é bem triste, em verdade. Vêde que Deus perscruta o mortal coração; sede bondoso e humano. E como D. Affonso, abrandado, objectasse, accrescentou:

—O egoismo é como estas flores que viçam nas ruínas: só florecem quando o predio vae cair...

E applacando a colera do duque, com pensamentos d'um profundo conhecimento stoico, cede por fim algumas terras que lhe pertenciam de dote, com o desprendimento d'aquelles cuja alma voa, em circulos de luz, por bem mais alto que a terra. E assim serenou a desordem no palacio. Mas por este motivo, pois que as controversias regias transmittem-se electricamente á nação, rebentou, conta-se, uma sublevação em Lisboa entre o povo e a nobreza. Os dois partidos acharam-se em campo, promptos a bater-se, promptos a derramar sangue de que viriam males, de que viria fome e traições e ruína.

Já de lado a lado corria a fremito da batalha. Já de lado a lado os elmos coruscavam. Diz-se que a Rainha apparecera na sua mula branca, poenta do caminho, e que, entrando por meio dos revoltosos, doce como estas visões extraordinarias e fulgurantes que ficam aureoladas nas paginas diamantinas da Historia, que lhes dissera, n'uma voz que os consternou a todos, esfriando o calor da peleja, que começava a accender-se, esbravejando em lava.

— Como! pois será preciso que a rainha venha pedir em nome de Deus socego ao seu povo, quando no paço tudo está em paz!

Os braços musculosos deixaram pender os fulvos gladios combatentes: a voz de Santa Isabel trazia áquelles peitos d'aço, como vinda do céu, tocada na harpa d'ouro de Santa Cecilia, as palavras consoladoras da Esperança e da Paz — e o tumulto desfez-se como uma

nuvem de verão que se desfaz, se estarrapa e vôa, aos raios loiros do sol...

E a contar scenas d'estas, viagens a Aragão, a varias terras da Hespanha, no intuito unico de abrandar animos, de proporcionar o bem estar d'um povo que se devia dar como irmãos e não como inimigos, seria um enumerar incessante, um nunca acabar de factos que exornam e enfloram a fronte eburnea d'esta pacificadora Rainha Santa. Entretanto isto incommodou Santa Isabel. Apaziguado, D. Affonso não deixou comtudo de ser rebelde, ebrio de gloria, de luta e de reino, na idade em que o sangue estuda dentro em nós. A Rainha affligia-se; e prevendo para o reino desgraças futuras, em Lisboa, caiu um dia de joelhos diante d'um Christo crucificado, o rosto em lagrimas e o coração batendo, pedindo ao apparecido de Ourique a ventura do reino que ella tanto amava. Então desenrolou-se uma visão miraculosa: — um menino assentado n'uma roda, significando o renascimento do reino; de repente um leão surgiu raivoso, querendo despedaçar o infante, e ao passo que ella, afflictiva, querendo acudir, se contorsia desesperada e anciada, uma voz lenta e tranquilla, como se se espalhasse uma musica jámais ouvida na terra, disse a Santa Isabel que a escutava absorta, os olhos e o peito plenos de alegria, no infindavel extasi dos corações profundamente puros: — “Isabel, por ti livrarei este teu descendente e n'elle se cumprirá a minha misericordia..”

Casando, D. Affonso, que não queria esperar pela morte paterna para empunhar as redeas governativas, causou graves conflictos no reino. Debalde a Rainha ten-

tava harmonisar os espiritos revoltos; debalde queria introduzir nas almas tranquillidade, que não obstou a que o infante querendo ficar senhor de Lisboa, foi re-tido pelo pae em Cintra, ao passo que Santa Isabel ficava em Lumiar, ignorando esta ultima occorrença, que a golpeava deveras se a soubesse; mas sendo avisada a tempo, afflictiva, mandou dizer ao filho que se acautelasse, emquanto resava a pedir a Deus que el-rei se abrandasse e se não desse a desastrosa guerra. E o caso é que o infante retirou-se a tempo.

A Rainha, porém, aos olhos do marido, que desconfiara da sua protecção ao filho, quando a protecção era a ambos; vendo além d'isso o rei que o infante se apoderou de Leiria, que era da Rainha; receioso de não poder fazer nada sem que D. Affonso soubesse por intermedio da consorte, apartou-a de si para Alemquer, donde não poderia sair sem sua ordem, e confiscou-lhe todas as suas rendas, temendo que ellas fossem auxiliar o infante. Não vira el-rei, cego de iracundia, ferido no seu orgulho porventura, que os passos seguros da Rainha nada mais tinham que a manutenção da paz, do bem nacional, da felicidade do paço. Claro é que Isabel foi, sem uma queixa, sem uma accusação: e n'essa villa, afastada do que mais amava, longe da sua cidade querida que o Mondego banha, da sua camara quasi prisão para ella, a historia conta que a sua vida se passava em jejuns, em preces, pedindo ao ceu concordia, pedindo um raio de sol a Deus para aquella noite que se fazia nas almas. O infante queixava-se do grande affecto do rei a D. Affonso Sanches, seu primeiro filho bastardo e mordomo,

receioso, infundadamente talvez, de ser desherdado no futuro. As luctas continuavam. Alguns fidalgos, compadecidos da Rainha offereceram-lhe os seus castellos para que se armasse contra o rei; todavia ella não só não accitou o que era uma prova e infidelidade e de perjurio, — ella que só queria a paz! — como os advertiu de que a obrigação do vassallo era ser eternamente affecto ao seu soberano. As discordias, mau grado seu, continuavam ainda. Em Coimbra pae e filho tinham se vindo ás mãos, com estrago e mortes, — e então a Rainha rompeu a prisão e, fazendo viagem por Santarem, fez uma porcição de preces com Santissimo Sacramento, acompanhando-o ella descalça, a cabeça coberta de cinza, uma corda ao pescoço, rogando ao céu por elles... Chegada a Coimbra, tanto D. Diniz ficou commovido com isto, com mais esta prova irrecusavel de amor, de bondade e de perdão, que uma vez ainda se harmonisou a pugna, e a Rainha foi reconduzida e entregue das suas rendas. Em 1323, em Loures, de novo se incendiava a lucta civil. Ahi seria mais formidavel a guerra, mais sanguinolento o capricho. Mas logo a Rainha appareceu, com um escudeiro apenas, á pressa, vinda de Santarem e a paz foi com todos.

#### IV

### Novos milagres

Um dia Santa Isabel vinha de Santarem para Lisboa. Perto de Azambuja appareceu-lhe um ermitão des-

conhecido que lhe disse: «Senhora, vossa filha, a rainha de Castella D. Constança, me appareceu em sonhos, pedindo-me que vos diga que está no purgatorio: quer que a soccorraes, ajudando-a a sair d'aquelle tormento por meio d'uma missa, que um sacerdote virtuoso diga durante um anno.» E dizendo isto o ermitão retirou-se. Causou grande espanto esta apparição extraordinaria, n'um lugar solitario e agreste, onde não havia sitio para o eremita se recolher. E quando, desejosos de o encontrarem, ainda alguns fidalgos o foram procurar, alongando a vista em todo o horisonte, percorrendo os brejos nos fogosos cavallos, o religioso vulto tinha já desaparecido. O ceu estava d'um azul muito limpo e muito alto: o milagre era palpavel e indiscutivel. A saudade da filha soffrendo, levou a Rainha o resto do caminho como abstracta e perdida em varios pensamentos que voavam: por outro lado um sorriso lhe passava nos labios vendo a bondade do Senhor e a esperanza de a salvar...

As missas foram encommendadas a Fernão Mendes, honesto e probo capellão real, e um anno se passára quando a Rainha, estando já em Coimbra, teve uma visão magnifica em sonhos: era a filha, toda de branco, n'um resplendor cegante de luz, n'um clarão nunca visto na terra. Na cabeça fina uma corôa de flores brancas perfumava o ar; havia um riso de infinita ventura no seu rosto que se cortava na luz, como d'uma estatua de marmore purissimo, e uma orchestra invisivel d'uma harmonia suave como a dos Anjos, resoando violinos e citharas, enchia o mundo de um hymno...

«Mãe, vou fazendo o trajecto da Gloria—quer o Senhor que o saibaes...»

Ah! como a rainha despertou contente, louca de júbilo e de amor! Em todo o paço diziam: que tem a rainha? Meu Deus!

O sacerdote disse então a Santa Isabel que um dia antes tinham terminado as missas—e era de vêr como ella exultante, agradecendo aquelle favor ao ceu, se prostrou de joelhos, chamando os pobres ao paço, como se em toda a sua alma amantissima de mãe se fizesse o côro harmonioso das Virgens celebrando o advento de Constança ás longinhas praias do infinito, lá onde abre eternamente um sol de purpura e de oiro, e onde eternamente corre a harmonia da harpa de Santa Cecilia, resoante de supplicas infindas.

D'uma vez—cahia a tarde, uma bella tarde de primavera, em que Santa Isabel passava n'uma estrada, absorta em pensamentos santos, a alma voando nas regiões do alto, pensando nos milagres christãos, tão repassados de poesia e aonde a alma se retempera como n'um diluvio de luar e de perfume. Meditava talvez (e o seu rosto ia cheio d'um reflexo de poente, d'uma aureola flava) nas aparições de Jesus a alguns santos, das praticas do Nazareno, ora disfarçado, ora descendo em sonhos, nimbado em luz, ás cellas socegadas dos mosteiros, adormecidos no silencio das quebradas. Parecia-lhe que o ouvia perguntar a Santo Agostinho se o amava, perguntar a Santa Rita se não teria lagrimas, vendo mortos os filhos que ella adorava tanto. E a sua alma divagava no azul como uma pomba purissima que

vôa: e perdia-se em aspirações mysteriosas, puras e suaves, emquanto a tarde ia cahindo vagarosa e luminosa. A' borda da estrada um pobre pedia esmola: estava andrajoso e triste, desprezível para a turba impiedosa, mas que a Rainha já tinha avistado solitario, a quem já se dirigia para proteger, esmoler.

O pobre, leproso e esfarrapado, disse que o seu mal não tinha cura; que de nada lhe serviriam thesouros, e que só ficaria bom se a Rainha consentisse em que elle dormisse uma noite no rico thalamo de el-rei. A Rainha consentiu, cheia de piedade, ignorando quem fosse esse mendigo, a quem só cuidava de fazer feliz; mas no paço disseram ao rei, o qual, indo furioso ao leito, encontrou n'elle Jesus Christo, que logo desapareceu, miraculosamente.

Ficou a rainha, assim que o soube, com o coração palpitante de alegria por esta summa graça do Salvador do mundo; ficou el-rei admirando ainda mais a esposa, que merecia aquella divina apparição, que é concedida apenas áquelles em cujo coração abrem flores que só perfumam rarissimas almas, mais brancas e puras do que a neve, o arminho e as açucenas.

Para os pobres, sobretudo, a Rainha era ineffavel. E' immensuravel o dinheiro gasto em esmolos por ella distribuidas; já para os pobres propriamente dictos, já para obras religiosas, conventos, egrejas, familias que necessitavam... Na quinta-feira da ceia do Senhor mandava a abençoada Santa que varios pobres se lhe apresentassem, vindo tambem o sacerdote mais necessitado e um leproso repugnante da redondeza.

Lavava-lhes primeiro os pés, humilde como o Christo;—dava-lhes depois de comer, servindo-os á mesa; vestia-os todo de novo, e não era pequena a esmola em dinheiro que levavam. Ora d'uma d'estas occasiões, uma das pobres que mal se presume como arrastava o tormento da grande dôr que a lacerava, coberta de andrajos, mas de alma sã e crystallina, não queria dar a lavar um pé.

—O outro pé agora, disse Santa Isabel.

—Senhora! não se póde vér nem está em modo de lhe tocardes.

—Não tem duvida, mostrae o vosso pé, que não me horrorisa.

Ao pedido da Rainha—porque ella pedia sempre, mesmo podendo ordenar—a mendiga apresentou o pé. Um cancro appareceu então, horrivel a ponto que todos os outros pobres voltaram o rosto de enojados. A Rainha, essa não. Ajoelhada, toda entregue á sua tarefa, tanto mais amada por ella, quanto parecesse mais onerosa aos outros, lavou-lh'o, enxugou-lhe a materia fetida—e pôs-lhe em cima um beijo dos seus purissimos labios.

—Oh! minha Santa Rainha! Oh! minha Santa Rainha! dizia a pobre, convulsiva de jubilo, banhada em lagrimas de fundo agradecimento,—ao passo que em todos os rostos se gravava um pasmo indescritivel, porque todo o mal ia desapparecendo, ia desapparecendo, e em breve o pé ficava completamente são.

—Que é isto?! disse el-rei que entrava.

E contado minuciosamente o acontecido, D. Diniz sahiu pensando no céu, na abençoada apparição de Ou-

rique, e aos seus olhos a Rainha levantava-se como uma imagem, diante de quem elle cahia em adoração, tocado do mais profundo respeito, d'este respeito que nos causa tudo que é sagrado, e que só nos é dado contemplar e adorar de joelhos...

—Bem dita seja a Rainha! —murmurava descendo para o jardim do palacio.

—Bem dita seja a Rainha! —parece que murmuravam as flores...

Tudo que fosse acto de caridade, partindo espontaneamente do coração, era a ventura appetecida d'esta Rainha, que deixou o seu nome escripto em paginas perfumadas, d'um doce e subtil enternecimento christão. Que se guiassem por ella os outros potentados do mundo, em cujo coração apenas medra a flor envenenada do mal, de acre fragrancia embriagadora e estonteante. Todo o seu gosto era ter praticas com pessoas religiosas, procurando assistir a festas ainda que fossem longe, para onde se dirigia sem a menor pompa, para cahir de joelhos diante dos altares cheios de flores e de prendas, onde Santa Isabel juntava as suas offertas, porque o seu coração de ha muito que estava offerecido ao céu. Resava muito, lia a vida dos Santos, embebendo-se n'aquelles exemplos edificantes de bondade, de humildade, de perdão e de soffrimento, sem adivinhar talvez que lhe estava traçado um egual caminho de canticos e palmas, e que um dia mais tarde o povo christão em globo iria lançar aos seus pés as bençãos e as supplicas, cobrindo-lhes o tumulo de rosas,—a doce flor da Rainha. Não julguem, porem, que absorvida n'este grande sentimento,

abstracta, os olhos divagantes pelo azul do céu, que Santa Isabel não era uma dona de casa exemplar, tratando do lar que Deus lhe escolheu com a mais louvável actividade, com a maxima virtude e com o maximo zelo, do marido, do palacio, dos filhos,—dos filhos ás vezes illegitimos, porque a Rainha, prova convincente da amplitude excepcional da sua alma, tratava d'estes com carinho verdadeiramente maternal, sem uma queixa, uma exprobação apenas, que fosse melindrar o rei infiel e alegre, levado no vento dos desvarios febris da mocidade cavalheirosa e louca. Jejuava quatro quaresmas no anno:—a que a Egreja nos ordena; os quarenta dias antes de 15 de agosto, assumpção da Virgem; a dos Anjos, que são quarenta dias antes do S. Miguel; e todo o advento que se inicia na festa de Todos os Santos e finda no dia de Natal. Durante o anno, jejuava no dia dos Santos da sua maior devoção, os jejuns e vigílias ordenados pela Egreja e tres dias na semana a pão e agoa, com que em extremo se ia enfraquecendo. Chamados os medicos, na norma a seguir da Rainha, ordenaram que lhe dessem vinho, para auxilio digestivo e alguma força que por elle adviesse; ella entretanto negou-se a bebel-o, para mais se martyrisar ainda—mas quiz Deus que muitas vezes ao levar a agoa aos labios, a agoa se transformasse de repente em vinho... Os seus padres cantavam-lhe missa logo ao alvorecer; de tarde cantavam-lhe vespersas; e no tempo do offertorio, descendo da tribuna para beijar a mão do sacerdote, levava as suas plenas de dadivas, segundo a solemnidade do dia.



No paço, pois que a Rainha dizia «que não convinha comer o pão ociosamente» as açafatas eram empregadas em simples trabalhos de costura e bordados para o culto divino — e tudo era ordem n'esse palacio ditoso onde existia crença e onde formigava o labor.

Em Santarem, em 20 de outubro de 1295, encontrara-se a Rainha para assistir ás festas de Santa Iria. Todo o seu desejo era visitar o sepulchro da Virgem, cujo sitio, como estava coberto pelo Tejo, já mal se atinaria por certo.—Em annos muito longiquos já tinha ali sido sepultada a poetica martyr cuja lenda é um encanto: era um tumulo marmoreo e simples, onde o seu corpo glaciado repousava. O Tejo, espraiaando-se aos poucos, fôra cobrindo esse religioso cofre—e embalde se procurava o seu logar. Mostrou Santa Isabel um desejo intenso de vêr esse sepulchro adoravel, mas em vão os seus olhos se estendiam procurando; muita gente que soube a vontade da Rainha acompanhou-a á margem, bem convencida de que não seria d'esta vez satisfeita a sua vontade, posto que todos desejassem servil-a. Chegou a amada Rainha á borda do rio. As agoas corriam serenas, sob um ceu vasto e alto, d'um azul purissimo e casto; aves cantavam em torno; reinava um silencio religioso e profundo. De repente o rio — coisa admiravel de vêr-se! — bem como outrora o Jordão o o Mar Vermelho, que fazem admiração na Historia antiga, abriu-se reverente para dar passagem a Santa Isabel até ao sitio onde estava o tumulo escondido. Correu por toda a gente um fremito de milagre. Ao fundo, alagado, enlodado e já difficil de encontrar-se, estava a sepultura de Santa Iria.

A Rainha caiu de joelhos, no extasi, no pasmo, no agradecimento profundo ao Ceu que lhe quiz mostrar aquella maravilha ainda. Em volta, no povo que vira, havia preces e lagrimas em muitos olhos. Então a Rainha quiz abrir a sepultura; quiz trazer o mausoleu para terra. Foram baldados os seus esforços. Conhecendo claramente que não era vontade divina que fosse afastada d'aquelle logar a sepultura sagrada de Santa Iria, Santa Isabel ordenou que fosse depressa collocado um pilar de granito sobre o tumulo, a assignalar nas eras por vir esse sitio abençoado, onde dormia a santa cuja lenda florida é triste por vezes como crepes que se arrastam, sempre pura e perfumada como um ramo fresco de violetas.

O milagre extraordinario correra electricamente pela cidade. Ao povo ajuntado agglomera-se toda uma população anciosa, frenetica de contemplar esse phenomeno unico. Chegava gente das aldeias—e em todos os labios a mesma benção murmura, em todos os corações e mesmo affecto pulsa. A Rainha chorava de jubilo, dando graças, distribuindo esmolas. Mas eram horas de retirar, ainda que a vontade fosse ficar ali, perto d'esse coração que a entendia, apartada do bulicio mesquinho da côrte eternamente calumniadora e ingrata. Eram horas. Santa Isabel a chegar á margem, e o Tejo a fechar-se repentinamente, miraculosamente. Tudo aquillo passou como um scenario phantástico de visão: algumas mulheres do povo ajoelhavam—todos queriam beijar a mão de Santa Isabel... Bem assim no paiz doce de Bethania o povo se ajoelhava a Jesus que passava, de tunica ao vento, a pregar e a sorrir... De subito, uma mulher afflicta, com

os cabellos desgrenhados, as mãos erguidas, os olhos ensanguentados de lagrimas, caiu aos pés da Rainha, murmurando, chorando, arrancando os cabellos de afflicção. Santa Isabel parára estupefacta. Ella abraçava-a, molhando-lhe os vestidos de pranto...

—O' minha Santa Rainha, salvae o meu filho—dizia ella—Salvae o meu filho, que morreu afogado quando o rio se uniu—minha Santa Rainha!

E era tal a sua dôr, via-se tão clara e tão sincera a magoa profundissima da mãe, que todos imploravam, em côro, levados no mesmo sentimento, arripiados no mesmo desespero:

—Salvae! salvae-lhe o filho!

Santa Isabel ajoelhou—e a sua boca e o seu coração murmuraram uma prece que se perdeu no ar. Pediu ao Senhor, pediu a Santa Iria: e a sua voz velludosa e harmoniosa era como um fio de agoa correndo em bocas esbrazeadas de sede, era como um fio de mel passando em bocas cheias de amargura e travo. N'isto (e embalde eu quizera poder narrar o effeito,—as expansões, as bocas hiantes de pasmo, os olhos marejados de alegria de todos!) surgiu á tona, vindo parar á borda, são e salvo, sorrindo de innocencia, a pobre creancinha afogada, doce como o Moysés boiando no cesto de verga sobre as agoas fecundas e azuladas do Nilo.

E eram vivas, acclamações, applausos retumbando por longe, salvas estrondeantes e prolongadas de palmas! Era o triumpho da virtude, da piedade, da compaixão e da pureza, entre um povo agradecido e espan-

tado, prompto a rojar-se ante a Soberana, prompto a sacrificar tudo e tudo por ella! Era o echo estridulo d'uma nação valente, poderosa e briosa, o echo de milhares de corações exprimindo o prazer, o agradecimento intimo, o respeito filial por essa Rainha nimbada no resplendor das santas e no fulgor rutilantissimo das mães!

—Viva! Viva a Rainha!

Era a maior das acclamações regias e a mais sincera; partia espontaneamente, partia entusiasticamente, e Santarem por certo, nem Portugal inteiro ouviram nunca um estridor mais sincero de vivas, nem mesmo depois das batalhas fumegantes, levando toucados de louros e de benções os reis victoriosos nos combates. E' que era muito mais humana e muito mais christã a effusão geral do sentir,—e por isso muito mais commovente e muito mais grandiosa.

## V

### Regresso a Coimbra.—Milagre das rosas

Voltando a Coimbra seguiu Santa Isabel a estrada encetada desde a sua infancia, coberta de flores que ella por vezes transformava em espinhos para que na sua vida houvesse mais martyrios que venturas. Ahi continuou a sua vida de esmola, de resa, de jejum, vestindo-se de panno grosseiro para assistir aos officios religiosos, assistindo na Paixão ás exequias divinas, com os olhos clementes esmaltadas de choro. Era um sem nunca terminar de bem fazer:—aos pobres mais neces-

sitados ou os mandava vir de novo para os vestir de alto a baixo, ou lhes dava dinheiro que chegasse para isso. Indagava quaes as donzellas pobres, e receiando que a necessidade não fosse o caminho doloroso para o crime, era um amparo celeste que ellas tinham, era um manto virginal que as cobria e guardava. A virgindade e uma arvore em flor que o vento n'um instante pode levar nas azas! E ella, que era pura como a neve, bem sabia que a neve uma vez maculada, jámais conserva a transparencia e o brilho. Trazia para o paço filhos de subditos sem meios, a quem educava no caminho do bem, da religião e da justiça; dotava annualmente orphãs, e era de ver o cuidado e a graça com que ella lhes dava os seus vestidos para o noivado, emmoldurando-lhes o rosto innocente e côr de rosa na grinalda gentil das flores de laranjeira. Conventos, captivos a quem resgatava, enfermos por quem velava cuidadosa e boa, todos, todos lhe deviam, uns a liberdade ambicionada nas masmorras lobregas, outros a desvelada protecção quasi maternal e infatigavel. Nos hospitaes e nas casas particulares onde havia enfermos os seus passos resoavam como um cantico de esperanza: os doentes, ouvindo-os, como que eram chamados á vida, radiando-lhes nos olhos um fulgor de jubilo. E ella lá ia levar-lhes conforto na doçura bemdita das suas preces, resignação na brandura melodiosa das suas palavras, saude, quantas vezes! só com a sua apparição banhada n'uma aureola de que estava rodeada a sua figura santissima. E quando lhe obtemperavam que a uma soberana não convinha esta humildade constante, esta ininterrupta subjeição christã,

que da sua promiscuidade com o povo—povo que a adorava, que a trazia no peito como uma imagem de luz!—só lhe podiam advir dissabores e amarguras, ella tinha um movimento de perdão pelo que lhe diziam, e perguntava-lhes qual era a obrigação da rainha para com seus vassallos, que não a suprema abnegação, a maxima protecção e coadjuvação na vida.

—Ora se os mais pobres são os que mais necessitam; se as camadas inferiores são precisamente as mais fracas, mister é que se lhes empreste força e auxilio. E não julgueis que menos vale de feito, aquelle que, por que se consagra ao allivio dos que padecem, lhes ouve as queixas e lhes enxuga o pranto. Ha muita virtude ali, como dentro d'uma capella arruinada e triste póde haver mais pureza e crença do que n'um templo enorme. E Christo apostolisou com doze pescadores da Galiléa...

Não obstante, por vezes, chegaram aos ouvidos de D. Diniz murmurações crueis ácerca d'este procedimento da Rainha. E elle, que facilmente se deixava levar por accusações e intrigas, que facilmente deixava o veneno da duvida empeçonhar a sua alma leviana e heroica, cavalheirosa e frivola a momentos, uma vez que a Esposa descia do palacio levando no regaço esmolos para a sua tarefa de piedade, saiu-lhe ao encontro e perguntou-lhe d'um modo sacudido, onde a rainha adivinhou o mau humor causado pelas picuinhas envenenadas do paço:

Que levas ahi, podeis dizer-m'o, Isabel?

A Rainha teve uma onda rapida de sangue que a cobriu. Sentiu-se vexada, quando a sua missão era digna

de appoio e de applausos — mas retomando uma serenidade paradisiaca, pensando em Deus, erguendo os olhos cheios de paciencia e de supplica, a voz murmurou-lhe n'um cicio brando, como a aragem de maio passando e cantando nas flores rosadas d'uma amendoeira:—«Rosas!»

Rosas! era a resposta simples e doce, orvalhada de innocencia e receio; rosas! era a resposta que fez sorrir o rei, porque não viçavam n'esse tempo ainda. Mas ao vêr a naturalidade da Rainha, a graça ineffável do seu rosto, a linha adoravel e pura da sua boca, que faltava á verdade n'um momento em que não era crime mentir, não pôde furtar-se a dizer-lhe, meio zombeteiro e meio confuso, porque mais d'uma vez Santa Isabel o confundira:

—Não pôde vêr o vosso esposo as rosas que levas?

Doce, a Rainha patenteou-lhe, sorridente, o regaço, e uma moita de rosas appareceu, de rosas frescas, como se tivessem sido cortadas n'aquelle momento d'algum rosal do ceu. Era um novo triumpho de Santa Isabel perante o rei que a quizera humilhar. O perfume enchia o ambiente—um aroma leve e subtil e delicioso, fino como uma essencia oriental, embalsamando tudo em roda. E que extraordinario quadro a pintar, se houvesse artista cuja paleta desse o céu alegre e azul cobrindo-os, ao fundo Coimbra, o Mondego azul, e destacando na luminosidade meiga, a Rainha, simples, mostrando flores, abrindo-lhe nos olhos uma restia de contentamento indizível, e o rei surprezo, abatido no seu orgulho, espesinhado pela sua propria audacia, fitando alheiado a Consorte, nascida para benções e prodigios infinitos. El-rei

partiu sem dizer palavra. E' d'estes momentos em que a phrase nos morre, porque nos falta a força para a pronunciar; mas partiu resolvido intimamente a nunca mais se intrometter nas obras de caridade, e a castigar com severidade e justiça os accusadores envilecidos e rasteiros. Não disse nada; mas o seu coração, a alma, iam-lhe cheios de perfumes e caricias, como quem desperta de um sonho de innocencia, como quem se aparta d'um jardim encantado, onde as flores ondulam ás virações da tarde. Um grande amor lhe renasceu por ella: e contemplando a distancia que vae d'uma alma alada, da transparencia impeccavel do ether, á profundeza d'uma alma com sombras, peccaminosa e mundana, el-rei, recordando ainda a scena das rosas, via por vezes no fundo coruscante de gloria o vulto abençoador da Rainha, como antigas visões de santas côm de cera, ascendendo á eterna patria distante, onde nunca se extingue a primavera e o extasi, e o espirito se embala na fragrancia de flores nunca vistas e na cadencia de musicas sonhadas.

## VI

### O Espirito Santo—Edificação d'um templo

A' vista d'este milagre, da incontestavel protecção celestial, Santa Isabel continuou as suas obras caritativas, fundando mosteiros, concluindo obras pias iniciadas, a que qualquer difficuldade impedia a continuação. A ella, á sua coadjuvação poderosa se deve o convento de Santa Clara, de Coimbra, principiado a fundar-se pela religiosa

D. Maior Dias, a quem por sua vez cabem os elogios que se devem aos generosos corações christãos. Para este convento, que ella chamava *Sua alma* pelo muito que lhe queria, mandou vir religiosas de Çamora, que foram recebidas galhardamente por quasi toda a população, indo á frente a Rainha e o principe seu filho, começando Santa Isabel por dar logo um exemplo frisante de caridade e humildade, servindo-as á mesa com sua nora, a quem deveras queria.

Lisboa, Leiria, Santarem, Almoester, e tantissimas terras, devem ao zelo d'esta virtuosissima Santa auxilios inqualificaveis, prendando-os com vasos de oiro, onde as pedras preciosas se engastavam, ornamentos, varias peças de prata, adornos d'um gosto finissimo, d'um valor verdadeiramente real. Mandou edificar hospicios para mulheres honestas, recolhimentos para mulheres envergonhadas, que sustentava a expensas suas, que ella ia encaminhando para o bem, a quem ia guiando na rotina piedosa, arrancando os seus pensamentos do mundo onde se tinham rojado, para as divagações celestes, onde tudo é impecaminoso e radioso.

Depois de tantas obras, de tantos sacrificios, pois que a Rainha sacrificava-se muitas vezes para levar a cabo as suas intenções sublimes, appareceu-lhe o Espirito Santo em sonhos, dizendo-lhe:

—Isabel, edifica uma igreja em Alemquer, que me seja consagrada.

A Rainha despertou sobresaltada, morta que a manhã rompesse, anciosa por ver o primeiro reflexo pallido de alva para dar começo áquella obra, com cujo pe-

dido se alvoroçára tanto. De manhã, feita a oração primeira, saiu Santa Isabel para perto do rio, local onde tinha deliberado erguer o templo. Mas á chegada dos artifices, foi o pasmo immenso, ao verem-se riscados á flor da terra os alicerces da construcção esboçada no espirito intelligente e lucido da Rainha. Quem viria traçar na calada melancolica da noite o plano adivinhado da Rainha? Quem, a não ser de muito longe, das raias esplendentes do Intangivel, poderia realisar o que momentos antes só uma vontade e um coração sabiam?

A obra fazia-se com uma rapidez magnifica. De dia eram homens que a continuavam, mas de noite alguém tambem vinha silencioso, qué o templo de manhã encontrava-se sempre mais adiantado. Os Anjos, dizem os que narram o facto; os Anjos, não duvidamos nós, mas parece-nos bem que apenas a vontade celeste, d'um Deus que tudo póde e tudo ordena, poderia causar este milagre physico. O caso e o certo é que a obra crescia a olhos vistos, devido a um poder que não era humano, —e ninguem se encontrava a demover as pedras.

O templo proseguia e proseguia depressa, d'uma construcção elegante para a epocha, sendo uma consolação crescente de Santa Isabel ver realisar-se um pedido que lhe tinha sido feito, no embriagamento d'um sonho, por uma voz suave como um cantico, como não eram as terrenas vozes.

Certa manhã, os trabalhadores laboravam cantando, porque em todos os serviços da Santa reinava uma ventura sagrada, um bem-estar de paraizo, a grande paz das consciencias sem macula. Uma rapariguinha ia pas-

sando com um ramo de rosas, pelo caminho proximo, uma d'estas creaturinhas campestres, onde floria ainda a idade da candura, a singeleza dos costumes, a côr púrpura das faces virginaes. Santa Isabel sympathisou com ella, porque lhe leu toda a inteireza da alma ingenuamente aberta ao sol nascente.

—Minha filha, ouve, dás-me as tuas flores?

A pequenita ficou louca de poder prestar esse obsequio á Santa, e graciosamente deu-lhe o ramo, perguntando-lhe se queria mais, que as ia buscar perto. . .

—Não, chegam para o que é o meu desejo, e agradecida com um beijo, a pequenita lá foi cheia de deleite, como todos quando veem uma pessoa que se adora, a quem podem ser agradaveis um momento apenas que seja. Depois a Rainha distribuiu pelos operarios as flores. . .

—São o salario d'uma semana, disse, guardem-nas, que estas flores são muito bonitas e levam muito tempo a murchar. . .

Elles acceitaram respeitosamente, crendo que a Rainha gracejava, que certamente o seu jornal não era uma flor. . . Mas levadas para as mansardas, queridas como prendas que eram d'uma Rainha tam querida e tam Santa, de manhã as encontraram convertidas em moedas de oiro, que fizeram a ventura e o goso dos pobres lares onde não mingoaria o pão nas arcas, nem a alegria nos peitos, nem as teias de linho. . .

D'um apenas se conta que em casa despresára a rosa, arremessando-a desdenhoso para um canto, e que chamado no dia a seguir para o trabalho dissera que não

trabalhava por flores; mas avisado, vendo o prodigio, pediu perdão a Santa Isabel da sua duvida, continuando a trabalhar e rogando ao Ceu que a Rainha sempre lhes desse rosas,—rosas puras, fragrantes, rosas abençoadas!

Terminado o templo, el-rei que tinha querido auxiliar a Rainha, sem que esta consentisse, na sua construção, sabendo da conversão milagrosa—outra vez uma conversão milagrosa de rosas!—commumente com Santa Isabel quiz prover a igreja de imagens, a sacristia de paramentos, assentando o dia das festas que principiavam em domingo de Paschoa, com a grandiosa procissão do *Imperio*, em honra do Espirito Santo. A Rainha, sabendo da transformação das flores, pediu aos operarios que nada divulgassem do succedido, e para isto chamára ao caminho, ao recolher ao lar na hora doce do poente, os seus servos agradecidos e que a amavam.

El-rei que vira isto, desconfiado de algum novo prodigio, perguntou-lhes depois o que tinha havido, e como elles tentassem occultar, visto ser essa a vontade da Rainha, foram ameaçados, e obrigados a confessar o facto, que mais uma vez espantou D. Diniz. E foi assim que toda Alemquer soube da maravilha, e que a fama de Santa Isabel foi crescendo e illuminando tudo, como o sol quando nasce e vae subindo, doirando as searas fer-teis, e fazendo crescer as vinhas.

Um retabulo, representando o Espirito Santo, foi posto no templo, sumptuoso e bello; calix vieram de prata e ouro puro—e com a assistencia da côrte resou-se a primeira missa, d'uma solemnidade extraordinaria e então unica.

A *Representação do Imperio* e a procissão da *Can-deia* consistia em que no dia da Ressurreição de Jesus Christo, um homem acompanhado de toda a nobreza e povo da villa iã á igreja de S. Francisco. Este homem, representando o papel de *imperador*, era acompanhado de dois representando o papel de reis, com mais tres pagens moços, que lhes levavam as coroas. Chegados ao templo, diante do altar florescente e luminoso, as coroas eram offerecidas a Deus: depois um sacerdote vinha pôl-as nas cabeças do imperador e reis: e era assim que de manhã, no mesmo convento de S. Francisco, entre o tumulto do povo em fremito, elles faziam a procissão. De tarde sahia da igreja do Espirito Santo, ao som glorioso das charamelas, entre o enthusiasmo hilariante do povo, fechando o prestito, o mesmo imperador e os dois pagens. Um levava a coroa do rei, outro a vara da Justiça. Nas janellas, nas ruas, a povoação em massa dava ao aspecto geral uma alegria louca; acclamações festivas voavam, — e atravessando as ruas floridas, de novo se dirigiam ao convento, onde nova coroação se fazia. Então, ahi, são dados ramalhetes aos nobres, que dansam com as donzellas do prestito, imaginarias damas do imperador, a quem é distribuido dinheiro, como parte do dote para o casamento. O aspecto era gracioso, original: e ao som das musicas e do revolver das dansas, o povo robusto e crente, meridional e em festa, parece que rejuvenescia, em seara, compacto, ao sol doirado da primavera fecundante. D'alli, concluida a cerimonia, caminhava de novo o imperador ficticio á igreja do Espirito Santo, e, offerecendo a coroa ao altar,

novamente a recebe das mãos d'um sacerdote, tomando logar n'um throno, sob um docel rico, onde os fidalgos o iam saudar, attentiosamente, como se em verdade fosse imperador. Todos os domingos, até ao do Espirito Santo, o *Imperio* continua; e na vespera sae o imperador com toda a pompa do mesmo convento, com um homem que traz cera benta em rolo na mão, ficando uma extremidade ardendo no altar-mor da mesma egreja, indo a outra accender-se no altar de Nossa Senhora da Triana, onde ficava a arder um anno inteiro. Depois toda a procissão seguia á santa casa do Espirito Santo, e n'ella era benzido o pão e a carne, que ao outro dia seria comida n'um bodo immenso, onde se gastavam, segundo as chronicas, sete vaccas e cerca de 130 alqueires de trigo pelo menos.

Em todas estas disposições, Santa Isabel, pois fôra ella como se disse que erigira o templo do Espirito Santo, tinha uma acção immediata e valiosa. Foi por isso que relatamos fugitivamente esta curiosa procissão, em virtude da qual a villa era quasi rodeada de rolo de cera, a que se attribuiram, como ás supplicas de Santa Isabel, varias maravilhas que admiravam o reino, e que o Espirito Santo fazia.

Com a edificação d'esta egreja, muitos milagres se realisaram :

Depois da procissão, com a cera benzida se atalhou a muitos males irremediaveis. No bodo que se dava no fim, varios acontecimentos se apresentam, que só poderiam ser motivados por um poder recondito e supremo; e assim foi de vêr-se n'um anno em que Alemquer foi

atacada pela peste, na horrivel mortandade e na horrivel desgraça, fazendo passar nas ruas a *candeia* que servira na procissão, que bastou a cera, mesmo apagada, para que a peste desapparecesse, e não houvesse maior numero de mortes a chorar. Pois era bem triste e bem comprimente a desolação da terra, a afflicção lacerante das mães, chamando pelos filhos que lhes morriam; dos filhos estendendo os braços á procura d'um amparo, de um ultimo abraço, inutilmente, porque lá iam levadas as suas esperanças, o seu orgulho e o seu conforto. Mas á ideia de Santa Isabel, quando o seu nome foi pronunciado por centenas de bocas; quando era o refugio e o remedio unico, e a palavra misericordia! misericordia! correu pela villa, elevando-se ao ceu como um incenso das almas, como a palavra suprema do desespero, a Rainha ainda mais uma vez foi compadecida, e o contagio funesto desapareceu, fugiu! Mais tarde, a nobreza de Lisboa, veio memorar esta festa com dextros jogos, animando com a sua presença garbosa e luzida a grande massa publica, que alli concorria de mil partes; e certa occasião, um cosinheiro de D. Duarte, o rei eloquente e cavalleiro, pondo em duvida os milagres acontecidos alli, no lar humido, apagado e triste, onde não havia uma restia de lume, linguas de fogo silvaram como gladios, como um protesto rutilo do Ceu.

El-rei D. Diniz, como mais d'uma vez se tem dito, deu á Rainha motivos de desgosto bem acre com as suas infidelidades, com todos os seus insanos desvarios; e se não fosse a paciencia e abnegação, tocando por vezes o sublime, que adornaram esta Esposa exemplar e

compassiva, continuamente o paço, em vez d'um porto tranquillo de bonança, seria um tumulto intermino e lamentavel. Mas a maneira submissa, delicada e subtil, sem nunca tombar n'um impeto, n'uma palavra mais alta, n'uma imprecação violenta, envergonhavam e domavam muito mais o rei, e muitas vezes o dirigiam imperceptivelmente pelo caminho do dever, d'onde irreflectido se transviára. A Rainha simulava ignorar, perdoando-lhe mas soffrendo, as irregularidades ininterruptas, que a dilaceravam; e se alludia, vexada em extremo, espesinhada quasi e despresada no seu profundo amor de esposa e mãe, era d'um modo conceituoso e amavel, despertando apenas um clarão de consciencia. Um exemplo frisante. Em Leiria, onde estava a côrte, el-rei affeiçoara-se em Amor, freguezia proxima, por uma camponeza. Todas as noites, tarde, el-rei deslisava nos corredores do paço, a pluma do chapéu agitando na sombra um reflexo phantastico e fugitivo de aza... E embuçado, a dextra nos copos da espada, duvidoso e esconso, sua magestade perdia-se na bruma que se levantava vaporosa do Liz. O vulto fôra visto. Contava-se em murmurio na cidade e no palacio a aventura do rei, e fidalgos para se certificarem, na calada da noite mysteriosa, adivinharam pelo passo a mancha escura do poetico conquistador. A Rainha soube-o. Quasi divulgando o que até alli era segredo de poucos, o coração comprimiu-se-lhe de vergonha, e duas lagrimas ennublaram-lhe os olhos. E todas as noites D. Diniz continuava a percorrer esse caminho, sob a abobada infinita e azul onde as estrellas pareciam lagrimas choradas. Podia

crescer e divulgar-se tudo; Santa Isabel recebeu-o, meditando no meio de o corrigir, sorrindo. Oh! flor branca dos ceus, o que na tua alma se passava de doloroso, como apontava á flor dos labios n'um sorriso de piedade e de perdão!—Mandou chamar alguns dos seus criados mais fieis.

—Ouvi, lhes disse ella, e fazei em segredo o que vos peço. Pela galleria que leva á camara de El-rei, todas as noites um homem passa embuçado e a deshoras. Esperae-o na curva do corredor com candelabros accesos; dizei-lhe que fui eu quem mandou.

Os criados sahiram, promettendo cumprir as ordens da Rainha, e guardar segredo sobre o acontecido. Foram. A's costumadas horas, el-rei embuçou-se, e cauteloso deslisou no corredor. Subito, como por encanto, a sua vista encontrou-se com a dos criados curiosos, que, sem o reconhecerem, admirados e investigando o personagem, seguravam lanternas que illuminavam tudo. El-rei parou; teve um fremito de raiva, e a mão tremeu-lhe em crispções terriveis nos copos aureos da espada. Desembuçou-se, e o seu rosto sympathico, batido da luz, tinha a lividez do marfim pollido. Nos criados correu um tremor de susto...

—El-rei!

—Sim, el-rei!—murmurou a voz cava de D. Diniz.  
—Que ousadia demente vos trouxe a allumiarm-me, rafeiros? Quem vos disse que eu passava aqui a estas horas?  
—Dizei! Já!

A espada, que instinctivamente levantára, tremia espalhando scintillações fulvas.

—Foi Sua Magestade, que nos pediu segredo... e que viessemos...

O coração de el-rei palpitou apressado — a Rainha sabia-o! e teve quasi vergonha de si, que tantas vezes tinha jurado ser leal. A Rainha sabia-o — e tinha-o soffrido em silencio, sem um suspiro magoado, sem uma palavra unica de desconforto! Alguma coisa vaga e doce lhe passou no coração: talvez alguma prece da Rainha, quem sabe?...

—Retirae-vos. Não me sois precisos.

Os criados afastaram-se, apagando as luzes, ainda recordando pavidos a transfiguração repentina no rosto pallido de el-rei.

Claramente, o processo da Rainha deu o resultado ambicionado... D. Diniz retrocedeu, e pouco depois entrava na camara onde Santa Isabel velava, serena e triste como as martyres antigas. Um silencio fez-se.

De novo correu el-rei um impulso odioso, que pres-tes se desfez, nuvem negra que passa. E' que a bondade alheia, suavisa e abranda os corações revoltos muitas vezes. Depois, em voz tranquilla, cruzando os braços, perguntou:

—Que ideia foi a vossa, Senhora, de mandardes criados alumiar-me, quando eu saia em segredo?...

A Rainha olhou, e lentamente, banhada toda n'um sorriso doirado, murmurou melodiosa como uma harpa pendurada ao vento:

— É que andaveis tam cego d'amores que era necessario allumiar-vos...

N'essa resposta, d'uma delicadeza inultrapassavel,

onde ia toda a correcção pedida pelos tresvarios do esposo, el-rei sentiu todo o castigo do seu crime, como se sobre o coração leviano lhe acabassem de pousar um ferro em braza. E' que a summa bondade faz-nos ser bons ainda, e a consciencia falla mais alto e mais diamantinamente que os paus da forza erguidos entre a turba famelica dos estrebuchamentos, ou do que o azorrague ensanguentado do verdugo. El-rei ajoelhou-se:

— Perdoae! — e a voz tremia-lhe de commoção profunda.

Santa Isabel não pôde responder. Ella mais se commovera ainda, a sua alma alada e azul estava como se a cobrissem de luar e lagrimas.

— Sim, perdoava-lhe! e que se regenerasse.

... E nunca mais, sob as estrellas de oiro, no mysterio da noite, el-rei D. Diniz saiu do palacio...

O amor profundo da Rainha nunca resfriára um momento. Ludibriada muitas vezes no seu affecto, se o pranto lhe marejava os olhos e o soffrimento lhe comprimia o peito, o seu grande amor, que ella sabia distribuir pelo ceu e pelo mundo, ficava sempre intacto e puro, como uma rara flôr aberta, enchendo a sua vida de caricias e de suaves perfumes. Contribuindo para o bem dos seus vassallos, para a harmonia tantas vezes alterada do paço, estendendo o seu manto de perdão e de bondade por todos, mil factos poderiam narrar-se para mostrar irrefutavelmente a magnanimidade, e tantas e tantas vezes o anjo que obstava com as suas palavras, com as suas obras e com a sua apparição celeste — como se viu nas luctas civis, nos desvarios do esposo,

na infidelidade de D. Affonso — a um desmoronamento d'um reinado, ao sangue com que se ia regar uma planície, onde os montantes despediam fogo. El-rei deveu-lhe, além d'um aureo exemplo de bondade christã e de piedade, além do seu conselho inegualavel de senso e inspiração divina, a vida que elle tam frequentemente arriscava nos perigos, incendido nos fogachos varonis e briosos de cavalleiro e de poeta. Ao contrario de Santa Isabel, que detestava os hymnos e as canções profanas para se entregar do coração aos psalmos e ás melodias divinas, que no mundo apenas representava uma figura suprema e altissima de piedade e de desprendimento, D. Diniz era mundano e galante: nunca cedera um passo na peleja; nunca se esquivára a uma empreza de risco; adorava as caçadas onde latejasse uma fera occulta onde na ponta d'uma flexa podesse voar a sua propria vida. A Rainha docemente o admoestava: elle ouvia submisso, mas nunca se corrigira. Certa vez o coração de Santa Isabel tinha alguma nuvem que o obumbrava e o affligia. E' que os corações das amantissimas esposas e das mães como aquella parece que adivinham; e além de tudo isso a Rainha era Santa.

Santa Isabel estava sobresaltada, espreitando das janellas do palacio a chegada de el-rei. O dia era lento, brumoso e frio, que mais entristecia e apertava o peito. Nuvens pesadas rolavam no occidente, como manadas de feras, como alcateias famulentas de lobos enormes. O vento uivava, sacudindo os ramos: em tudo um pre-nuncio de catastrophe, uma recordação de desgraça funesta. Santa Isabel tremia; sem saber porquê vinham-

lhe lagrimas aos olhos, a voz estrangulava-se-lhe na garganta ao perguntar no paço se sua magestade tinha vindo.

— Sua magestade não viera ainda...

Eil-a de novo á janella; o seu rosto tinha a expressão do martyrio; nos seus olhos verdes como o mar e como a esperança errava uma nuvem de receio indefinivel...

Começava de chuveisar, a nevoa engrossava, o ceu pesava como de chumbo. Cada vez mais vento, cada vez mais tristeza e mais duvida. De quando a quando a Rainha ajoelhava resando...

— Sua magestade não chegava; tinha partido para uma caçada aos gamos, de manhã...

Coimbra escurecia; a doce Coimbra onde o Mondego é poetico, eternamente balouçada na musica das aves, tomava n'este dia hiemal um aspecto acaçapado, esfumando-se no manto pardacento e espesso do nevoeiro. As casas desoladas tinham calamentos de tumulo e as ruas estavam desertas. Chovia. De frente dos Santos ardiam velas de cêra; flôres pendiam nas jarras, e a Virgem das Dôres, cravada de gladios, com um manto azul de innocencia cobrindo-a, tinha, quando Santa Isabel lhe pedia ajcelhada, de mãos postas, chorando, que salvasse o esposo de algum perigo, um sorriso—e á Rainha parecia-lhe que a cabeça da Virgem lhe acenava que sim... Um relampago illuminou, azulou cegantemente a camara. A chuva era torrencial e contínua, e os trovões rolavam no infinito como uma marcha de mil tambores rufados por gigantes.

— Para que lado tinha ido D. Diniz? tinham-no visto? Ninguém sabia: tinha abalado ao nascer da aurora, sem atavios e sem comitiva.

Santa Isabel não pôde resistir mais — e como se um poder, uma força sobrenatural lhe conduzisse os passos para um sitio, eil-a dolorida, debaixo da chuva, fustigada pelo vento rispido do sul, entre as illuminações electricas da trovoada, offegante, procurando alguém. Indubitavelmente tinha tido um toque no coração, — alguma mão invisivel a conduzia, emquanto na camara do palacio, entre ramos de flores e clarões pallidos de luzes, a Senhora das Dôres sorria abençoada — protectora ineffavel dos tristes!

Santa Isabel chegára a uma matta onde el-rei costumava ir caçar. Era espessa e profunda, e n'aquelle dia estava escura, mal a baça luz atravessava as brenhas. As arvores ramalhavam lugubrememente. Santa Isabel ia toda molhada — a que a levava o amor, a summa commiseracão! — respirando a custo de cansaço, extenuada do caminho corrido a chorar. Do emmaranhado do pinhal obscurecido vinha um cansado gemido oppresso...; a momentos um rugido atroava, feroz e cavo, os ouvidos attentos, perscrutadores de Santa Isabel... Que seria?!

Levada por aquelle som brando, quasi apagado no ruido da tempestade, Santa Isabel ouvia ganir a ventania, agitando as franças crespas e batidas do arvoredó. Um guerreiro intemerato não atravessaria áquella hora a selva negra, medonha como um crime; entretanto atravessava-a uma mulher indefensa, levando em vez de armaduras e lanças, a sua pureza, o seu amor, o seu marty-

rio! Nos intervallos em que o tufão abrandava, o bramido erguia-se já mais perto no concavo da floresta... Ao mesmo tempo que um relampago brilhava, a Rainha teve um grito desesperado, retalhante. Entre matto, n'aquelle fundo terrivel, o vestuario roto e a face cadaverisada, o cabello desgrenhado, el-rei gemia, tendo sobre o peito arfante e prestes a vê-lo abandonar a vida as patas d'um urso que rugia, furioso, farejando os ares. El-rei cerrára os olhos, sem uma esperança; mas um grito convulsivo e patetico acordara-o d'aquelle espasmo tenebroso...

—A Rainha! ah! mas de que servia aquella abençoada martyr, senão para lhe dar o ultimo adeus e para morrer tambem no seio escuro da floresta, onde os mesmos rugidos da fera brava eram abafados na orchestra infernal das arvores aos ventos?

Em torno, nem mais um vulto apenas: alguem que servisse de defeza, alguem que desse animo para a lucta. Sem embargo, viu-se Santa Isabel caminhar resoluta e grandiosa em direcção á fera. O urso atroou os ares —em roda dansavam mysterios de sombras...

El-rei, sacudido por um sentimento de profundissimo agradecimento, d'estes instantes em que a gente não sabe como ha de pagar tantas e tantas abnegações, murmurou, sempre subjugado pela fera:

—Ide-vos, Senhora, que a morte vos espera como a mim. Levae comvosco o meu coração, toda a minha alma, que vos não paga tanto affecto e tanta dedicação... Fugi, e mandae gente de palacio, que já não chega a tempo... e adeus, Isabel!

Mas não! Santa Isabel não recuava um passo. Essa

creatura franzina e tímida tinha n'este momento a aureola das martyres, a grandeza fulgida das heroínas sagradas, que a Historia cobriu de louros e de flores. Avançou, com a impavidez stoica, desprendida e sublime, tendo por armas aquelle grande amor d'um peito heroico e raro, combatendo pela Verdade e pelo Bem. Uma restea de luz pallida e doce, fendendo a floresta, fazia brilhar o orvalho das folhas: dir-se-hia um gladio do Ceu a protegê-la... Santa Isabel ia avançando para a fera... Então a voz velludosa e branda da Rainha murmurou serena e magestosamente uma oração ao Ceu. Pediu á Virgem das Dores que a protegesse, que a livrasse do imminente perigo—da morte da pessoa que ella mais amava no mundo, d'uma desgraça para o reino e quem sabia se da sua propria morte! «*Salvè, Rainha, Mãe de misericordia, vida, doçura...*»—A suavissima oração não tinha terminado ainda: a Rainha dera um grito; a fera abandonando el-rei caminhou para ella...—mas logo, sem um rugido e meigamente estendeu-se-lhe aos pés, como um lebreu submisso, affagando-a e lambendo-lhe amigamente as mãos...

El-rei ergueu-se pallido e esfarrapado, como se despertasse d'um pesadello horrivel para acordar n'um delicioso encanto. Oh! suprema ventura dos corações piedosos! oh! manto celeste e azul que te estendes por sobre todos os que são bons e que são castos!

E assim quiz o ceu que a Rainha Santa Isabel fosse glorificada na vida uma vez mais ainda. Parece que a fera, subjugando el-rei, esperava que elle visse uma vez mais, de novo, todo o oiro que existia n'aquelle coração.

E quantas esposas passando por entre a furia dos ventos, entre o fulgor dos coriscos e o estridor dos trovões, extenuas, os olhos marejados como os d'ella, iriam procurar, entregando a sua vida, a vida dos maridos por acaso perdidos sem se saber por onde? Que almas teriam aquelle rasgo heroico e humano, aquelle amor intemerato e radioso por quem tantas vezes a desgostára com as suas leviandades e inconstancias?... Mas a estes paga a Providencia bem: mais uma vez patenteando-se ao mundo a sublimidade inegalavel da Santa, mais uma vez ainda mostrou que á sua apparição até as proprias feras se rojavam tranquillias, submissas e doces para lambe-lhe as mãos! Já lhe tinha salvado a vida em batalhas;—mas jamais D. Diniz vira a morte mais perto, mais demoradamente sobre si; por isso jamais lhe agradecera tanto.

No paço foi um ruido de felicidade, um festim onde as saudações romperam ao saberem do acontecimento admiravel. Não tinha sido maior Santa Maria do Egypto fazendo ajoelhar os leões fulvos, que lhe foram depois guardar a campa simples... E assim ensinava a humanidade inteira á dedicação, ao martyrio, ao supremo perdão e á piedade suprema! Defronte da Senhora das Dores, Santa Isabel ajoelhou, dando graças, ao lado de el-rei verdadeiramente commovido. As luzes ainda ardião entre moitas de flores: o dia continuava chuvoso e triste:—só n'aquelles corações abria e resplendia uma luz siderea, n'aquelles ouvidos resoavam melodias infundaveis que jamais se ouviram!

A vida foi-lhes correndo por largo espaço d'uma

doçura sagrada de lar onde duas almas se entendem e amam, em que dois corações um pelo outro pulsam.

El-rei, entretanto, ferido de desgostos, cansado d'uma vida expansiva, tinha por unico allivio as palavras da Rainha, suaves como uma harpa eolea que se agitasse resoando entre aromas de nardo, ao cair d'um poente: — e agora quasi no termo d'uma existencia batida de insidias, de certamens e desvarios, é que elle via quanto devêra a essa cuja alma transparente como crystal sem macula, tinha sido sempre o escriptorio valioso das suas queixas. Exangue, el-rei adoeecera em Santarem; e vista a idade, os trabalhos e o character rebelde da doença, todos perderam a esperanza de o verem de novo erguer-se do leito que infelizmente mais tarde seria um tumulo. A Rainha foi desvelada e unica! Nunca ninguem attingiu a suavidade das suas phrases animadoras; nunca esposa alguma mostrou mais amor, mais resignação e mais piedade; ministrando ao rei meio moribundo esperanças e crenças, o coração tantas vezes sangrando de saudades, anjo collocado á cabeceira, para ensinar ainda o ultimo caminho para longe, para receber ainda o derradeiro olhar! O' enfermeira grandiosa, alma que todas as almas adoram e que deixaste um rasto inapagavel de brilho como se fosse um astro acceso que passasse! alma que era como um calix de oiro cheio de agoa pura, onde as outras iam apagar a sede para sair cantando!

— Adeus, e que o Senhor te pague tanto amor, Anjo da minha vida e da minha morte! E ditas estas palavras, n'um murmurio brando, uma lagrima caiu pela face de D. Diniz—e um minuto depois expirava esse rei

sympathico e intelligente, de quem Santa Isabel recebia o ultimo suspiro.

Tinha a Rainha um habito preparado de Santa Clara, ou para a sua mortalha ou para a sua viuvez. Immediatamente retirando-se aos seus aposentos se despojou das vestes reaes, signal de quem queria afogar tudo que fosse gala, n'um momento que trazia para a sua vida tanto lucto e tanta magoa: e chamadas as suas aias, ordenou que lhe cortassem o cabello, o que não foi feito sem que lagrimas cobrissem os olhos e que se comprimissem os peitos que a adoravam. E vestida com aquelle habito, cingida com um cordão e com o veu branco na cabeça, saiu á camara onde el-rei tranquillo tinha um sorriso esboçado nos labios—que era um reflexo pallido da consciencia. . .

Assistiu a Rainha ás exequias, distribuiu profusamente esmolos, mandou dizer innumeraveis missas, solicitando orações de toda a gente devota—testemunho do amor que não se apaga, da profunda saudade que rivive.

Dentro em muito pouco tempo fez uma romagem a S. Thiago da Galliza por alma do esposo. Ia simplesmente, sem comitiva, acompanhada por suas servas, esmolando pelo caminho, o que não obstava a que viesse povo em chusma saudar a imagem já sanctificada da Rainha. Em Arrifana de Santa Maria uma mulher chorando, apertando contra o seio uma creança cega, pedia, implorava de joelhos a Santa Isabel que lhe pozesse os dedos sobre os olhos, que a creança certamente veria. A Rainha deu-lhe esmola, seguindo, cheia de tristeza, e

de joelhos, na estrada pedregosa e estreita, a desventurada mãe ficava clamando:

—O' Rainha Sancta! Vós que já convertestes o dinheiro em flores, que tendes sido o allivio de tanto desgraçado, compadecei-vos de mim e do meu filho! Senhora, que Deus vos abençõe e vos dê sempre mel para a vossa amargura.

Santa Isabel retrogradou, e beijando a creança, poz-lhe a mão sobre as palpebras—e a innocente sorria toda banhada em luz, abrindo os olhos eternamente cerrados para o mundo...

Mais adiante uma velhinha triste vinha correndo ao encontro da Rainha, e em seus olhos vermelhos do choro via-se bem claro a profunda magoa que a banhava. Vinha offegante, cansada de atravessar prados, para não deixar de encontrar a unica pessoa que lhe podia servir de allivio e de conforto. A sua face era da côr de pergaminho, onde o esforço da corrida avivára uma petala de rosa; os seus cabellos eram todos brancos, de prata desfiada,—a sua alma devia ser da côr dos seus cabellos...

—Senhora, vós sois Mãe, compadecei-vos d'uma mãe que chora! O unico filho que me ajudava, o meu arrimo e o meu amor, está tam doente que nem falla... e o meu lar vae ficar tam só como uma ruina! Dae-lhe saude, minha boa Rainha, e dae-me paz!

Santa Isabel viu toda a desolação, toda a angustia que lhe ia no peito. Viu a pobre mãe, sem oppoio e sem pão, se o filho expirasse no catre miseravel, e teve com-

paixão, como sempre tinha, d'essa desventurosa mulher que vinha de longe, atrás d'uma esperança que lhe doirava o futuro em sombras.

— Ide-vos em paz! Que o Senhor vos proteja, sem o que nada vale a minha protecção. Correi ao vosso casal, que o filho doente ha de esperar-vos cantando...

A boa velhinha beijou a mão da Rainha que orava, cobriu-lh'a de lagrimas de agradecimento intimo, e partiu apressada pelos atalhos e varzeas, onde as papoulas alegremente ondulavam, sob a musica limpida dos ninhos.

Ao avistar a pequena casa onde vivia, simples e serena entre a verdura das folhas, veio-lhe ao coração uma alegria louca, trasbordando em riso nos labios esmaeados.

Entrou; pressurosa correu ao leito do moribundo filho, e em vez de o encontrar como d'antes, foi achal-o sentado no leito, como se a molestia se desvanecesse n'um instante, trauteando uma caução que tinha ouvido a pastores...

A mãe contou-lhe o succedido, o encontro que havia tido com Santa Isabel, as palavras confortativas que lhe escutára—e foi então uma scena tocante de abraços que trocaram, de beijos que se deram, o filho que tinha visto a morte a um passo, e que via agora a vida povoada de saude e canções, de mocidade e esperança; a mãe, que via todo o seu orgulho e todo o seu affecto, e uma restia de sol brilhando no caminho a pisar pela existencia fóra.

—Resemos, meu filho!

A prece evolou-se, commovida e sincera. A velha mãe ajoelhára ao pé do leito, as mãos erguidas, agradecendo a Deus e a Santa Isabel—e o quadro era tam fundamente tocante, tam sublime, tam bello de grandemente humano, que abalava mais intensamente que todas as pinturas das façanhas epicas, onde o sangue corre, e onde brilham espadas. Era d'estes quadros supremos em que a expressão physionomica é um extasi; em que todos os sentidos se percebem empolgados, e a alma voa n'um resplendor, batendo as azas largamente ao sol. Os olhos dizem tudo, tanta luz irradiam! e a respiração como que fica suspensa, como que nós queremos voar tambem...

—Minha mãe, minha mãe, sinto-me bom de todo.

E novamente a doce velhinha, agradecendo do coração, rompia n'um chôro de infinito prazer...

Santa Isabel ia seguindo humildemente, sem esplendores de sequito, mas tam simples como se não fosse a Rainha.

A' porta das casas vinham mulheres admiradas, fiando ao sol: cães ladravam nos portaes fechados, e quando a quando, ranchos de raparigas alternavam nas eiras cantigas e risadas. Um ou outro pobre mendigava, de tristes barbas brancas, saudoso e resignado, estendendo o braço: e n'um ou n'outro casal a Rainha parava a pedir um tarro de agoa fresca...

Foram seguindo, foram seguindo sempre, sem receio da solidão dos caminhos, da aspereza da viagem, das contrariedades e dos maus. De noite pediam pouosa-

da, abençoados peregrinos, nas herdades do caminho:— e que recepção festiva, que alegria ineffavel ter debaixo dos tectos a Rainha Santa, escutar a melodia d'aquella voz, receber o conforto da sua benção!

Ao romper da manhã, quando o sol despejava no oriente cascatas de oiro e leite, á primeira luz fina que despertava as aves aturdidadas, a pequena comitiva abalava, entusiastica e espiritualisada com os primeiros clarões frescos do arrebol. Todos iam absortos nas palavras da Santa, onde se escondia uma intelligencia radiosa, ao serviço d'uma alma immensamente pura.

—Vejam como o sol se ergueu para todos, e como as aves cantam, recordando Deus... E lembrar-me que ha tyrannos no mundo, e almas sem crenças...

E todos seguiam lentamente, enlevados nas phrases da Rainha, como n'um berço de oiro que um seraphim fosse emballando...

Quando fez a romagem a Compostella por alma de D. Diniz apeou-se com a comitiva a uma legoa da cidade, e ajoelhando depois como simples peregrina deante do altar de S. Thiago, no dia da sua festa em 25 de julho, fez a offerenda mais rica e mais sumptuosa que ha na memoria dos homens. Offereceu-lhe uma coroa de ouro, onde as pedras preciosas punham tons verdes claros de esmeralda, vermelho fogo de rubis e de granadas, azul de saphiras e o lacteo dos aljofares: offereceu-lhe vasos de prata com arabescos, um pontifical nunca visto, vestidos opulentos que raro trouxera na sua vida passada, pannos de grande preço com as armas de Portugal e

d'Aragão, abundante dinheiro para esmolas e para o templo, e a propria mula que trouxera os presentes com o seu freio de prata fina.

Estando em Coimbra, veio á presença da Rainha um feitor de longe, e esta lhe perguntou se algumas noticias trazia, algumas novidades interessantes que contar. Santa Isabel, inquirindo isto, apenas tinha em vista, caso tivesse conhecimento d'alguma desventura ou perigo, dar-lhe allivio ou remedio—abrandar meigamente algum martyrio, suspender, como tanta vez, alguém que fosse despenhar-se na voragem...

Não admittia Santa Isabel que lhe apresentassem ninguem como culpado, porquanto bem sabia que as mais das vezes o accusado está illibado de culpas, e que a opinião é cruel, prompta sempre a cobrir de opprobrio, raro a deixar-se levar pelo caminho imparcial, deduzindo das faltas e das provas, quando essas provas são claras, a pena justa—ou a absolvição do accusado.

N'aquelle espirito superior, no alcance finissimo dos seus dotes intellectuaes, pois que Santa Isabel tinha peregrinos conhecimentos, aclarava-se logo a verdade e a razão, e a palavra condemnadora ou libertadora que proferisse era o dictame inspirado e nobre da justiça.

Nos lares tumultuosos, sobre que fatalmente caia ameaçadora e triste qualquer tormenta familiar, a Rainha serviu de abonançar os animos, mostrando a luz, a razão, muitas vezes a innocencia,—formosa e irradiante como o sol apparecendo entre nuvens caliginosas e tristes, que o vento vae tocando para longe...

A sua voz, ainda entre a maior turbulencia, era ouvida anciosamente, inspirada e tocante, tal se fosse a voz adamantina e serena da Verdade. Como era esperada avidamente a sua intervenção em tudo, e especialmente n'aquillo em que varresse duvidas, como o vento arrasta folhas seccas em monte!

Não era, portanto, por uma curiosidade frivola que Santa Isabel interrogava o feitor sobre o que sabia: demais bem conhecedora estava a Rainha que alguma coisa inexplicada inda se passava por lá.

—A unica coisa que vos posso dizer, Senhora, é que para lá do rio Zezere se escutam uns suspiros prolongados e doloridos, mas de que ninguem sabe a razão —respondeu o feitor.

Os olhos da Rainha illuminaram-se.

—Pois esses suspiros são de Nossa Senhora das Dores. Procurae-a, trouxe-a depois para as minhas terras, onde lhe haveis de levantar uma igreja.

Voltando o feitor ahi, levado pelo brando echo dos ais, encontrou de feito, perfektissima, talhada em pedra, a imagem da Mãe de Deus, de tamanho natural, e tendo nos braços Jesus Christo. Estava num logar ermo, entre silvados e arvores agrestes.

O concurso de povo foi então grande, e cada vez mais consideravel a essa terra, onde a igreja foi fundada segundo a vontade respeitada de Santa Isabel, e em que os milagres foram immensos. De dia para dia era maior o numero de romeiros, as promessas cresciam, e devido a este movimento foi-se formando pouco e pouco a povoação que mais tarde foi a Villa de Dornes,

nome que certo derivou de Dores e que o tempo foi alterando lentamente.

Com os annos, e quem sabe se devido aos ais de soffrimento que tanto tempo se tinham escutado, chamaram Nossa Senhora do Pranto a essa imagem que não teria sido encontrada sem a indicação de Santa Isabel.

Certamente alguma visão celeste tinha ensinada á benditosa Rainha que esses gritos ora lancinantes, ora brandos como soluços, eram d'Aquella que tudo ordena e tudo pode, e que outrora aljofrou com o pranto dos seus olhos pizados de amarguras as urzes do Calvario, aos pés da cruz ensanguentada onde Jesus morria pelo mundo iniquo e falso!

E sempre, para o futuro, Santa Isabel mostrou o seu desprendimento pelas coisas terrenas, elevando-se ao ceu nas azas branquissimas da prece, ascendendo á eterna região das almas. Mas nunca deixaram de haver palavras confortativas para os que soffriam, esmolas abençoadas para a pobreza, a sua protecção e o seu amor postos ao serviço da humanidade louca: Santa mil vezes abençoada, recordação nunca mais esvaecida!

E a rapidos traços, não consecutivamente, mas fazendo sobresahir a toda a luz os mais gloriosos milagres d'esta Santa, não pela sua ordem chronologica, o que nada importava n'esta historia que apenas quer pôr em realce bem nitido alguns passos d'essa Visão celeste, que tam pouco tempo veio viver na terra,—ahi fica esboçada em paginas despidas de galas eruditas e de imagens grandiosas, por factos que distinctamente a accen-

tuam, a vida—caminho de cilícios e de flores — d'esta Rainha abençoada por todas as gerações christãs. Restamos agora fallar ainda da sua morte e da sua trasladação, para dar uma ideia pallida do muito que era amada, e de como a sua imagem ficou nos corações de todos, aureolada no diadema celestial das Santas.

## VII

### Morte de Santa Isabel

A Rainha adoecera em Extremoz. Com 65 annos de uma vida passada entre privações e soffrimentos, enfraqueceu o corpo, posto que a alma já pertencesse ao ceu. Regularizou o seu testamento antes da agonia: e já no leito, tendo ao lado a rainha D. Brites, sua nora, precavida como estava para o supremo desenlace, quiz o Ceu dar-lhe ainda a ventura sublime da visita da Rainha da Gloria, á que ia deixar de ser Rainha na terra. Não obstante, nem D. Brites, nem as outras fidalgas que estavam na camara podiam ver essa fulgida apparição, envolta por certo no manto côr de neve purissima, polvilhado de estrellas, que vinha na ultima estancia terrena da Rainha indicar-lhe o caminho aurifloreo, que é só pisado pelos infinitamente puros.

—Dae logar á Senhora que chega, disse-lhes Santa Isabel, banhada de esplendor. E como lhe perguntassem qual era a Senhora que ninguem tinha a gloria de ver: —Essa que chega, toda de branco, e que se encaminha para mim sorrindo!

Viram então D. Brites e as fidalgas que eram demais alli; que eram indignas ainda de poderem contemplar rosto a rosto a doce Rainha do Ceu, que vinha consolar a enferma, e sahiram. Isto era n'uma segunda-feira. Na quinta seguinte a Rainha expirava, depois de ter ouvido missa, entre os soluços de tantos que a amavam, murmurando como um cicio de vento que agitasse flores: *Maria, mater gratiae, dulcis parens clementiae, tu nos ab hoste proteges, et mortis hora suscipe...* „ Então, expirando aquella que tinha sido o apoio de todos, a ventura, a protecção e a esmola, no paço os gritos cortavam os corações mais duros, el-rei caiu desfeito em lagrimas sentidas, D. Brites viu que lhe ia faltar o coração mais casto e a consciencia mais limpida e mais nobre. Todos queriam vir vel-a uma derradeira vez ainda, dizer-lhe o derradeiro adeus magoado. E a orchestra melancolica e funerea dos soluços, das lamentações afflictas—como custa a perder quem devéras amamos!—echoava por todos os recantos do palacio em lucto.

El-rei seu filho rompera depois em lamentações, e o pranto jorrava-lhe dos olhos, caindo-lhe copiosamente pelas faces. E' que perder a pessoa que mais nos quer, a nossa mãe, aquella que é capaz de todos os sacrificios, de todos os rasgos generosos, a que por nós é capaz de se metter por entre lingoas de chammas, de atravessar legoas e legoas, com os pés sangrando dos espinhos acerados, cheia de sede e sem ver as fontes, cheia de fome e sem bater á porta dos casaes! Perder a alma aonde a nossa alma se refugia, o coração que entende o nosso coração, o balsamo que allivia a dôr

que padecemos, a luz que relampeja unicamente quando a treva abre as azas negras sobre nós! Mãe! como esta palavra curta e melodiosa exprime todo um poema infundavel de affectos! Como suspira e geme em nossos ouvidos, ainda quando nenhum outro nome já os desperte. Naufragos, que andaes de vaga em vaga, ao som dos ventos o das agoas, como um *requiem* gigante da natureza! vós, exilados, que lembraes a patria e estendeis os pensamentos por tam longe, dizei como é triste e saudosa essa recordação magoada, como é pungente não poder vel-a e ouvil-a, — pobre velhinha encanecida e doce!

A rainha D. Brites via tambem adormecer para sempre aquella que lhe tinha servido de conselho em todos os lances da sua vida agitada, via que cessava de pulsar o coração sanctissimo que partilhava das dores que a dilaceravam e das alegrias que lhe enthusiasmavam a existencia. Os sacerdotes resavam lugubrememente, ennublado-se-lhes os olhos quando recordavam que era a alma mais candida da terra que tinha ascendido a paragens remotas e luminosas; os fidalgos magoavam-se; e os creados, n'um côro de lamentos, erguendo as mãos ao ceu, passavam uns pelos outros afflictos e chorosos, porque viam bem que lhes faltava no paço quem tinha sempre uma desculpa para as suas faltas, e uma palavra de justiça nos labios...

Era um borborinho confuso. Alguns que chegavam, desconhecendo ainda o extremo lance da doença de Santa Isabel, que não pensavam de perigo, perguntavam

pasmados, entre todo aquelle vae-vem de pagens, de aias, de servos banhados em pranto :

—Que aconteceu? Sua Magestade está peor?

—Já falleceu... soluçavam num supremo desespero os interrogados, e logo vinham aos olhos de quem chegava duas grandes lagrimas mudas que iam rolando...

Ninguem podia saber do passamento da Rainha, sem que os soluços lhe embargassem a voz, e sem que o peito se abalasse de saudade. E' que no fallecimento d'esta creatura sublime desapparecia uma extremosa mãe de todos, a protectora dos humildes e dos tristes, que no seu caminho nada mais deixára do que esmolas e bençãos, e que n'aquelle momento era recebida no céu, n'esse reino de paz onde tudo é infinitamente puro e tranquillo...

—Agora do alto, do throno diamantino e longinquo que vos deram, minha Santa Mãe, desparzi sobre nós a vossa misericordia e a vossa graça! E' um povo que ficaria sem todo o auxilio, se não tivesse a esperanza da vossa protecção eterna e doce... Abençoe-me, abençoe-me!

Taes foram as ultimas palavras de el-rei, e mais se ouviriam se os soluços não viessem agital-o tanto como o vento agita os cannaviaes d'um rio.

## VIII

## Trasladação

A vontade da Rainha era ser sepultada no convento de Santa Clara, em Coimbra: isso, porém, era d'uma difficuldade insuperavel, vista a distancia que separava as duas terras, os pessimos meios de transporte e o calor pesado auxiliando a decomposição do cadaver—pensava-se! El-rei, entretanto, quiz que se cumprisse a todo o transe, como filho que a idolatrava, a ultima vontade de sua Mãe, e o corpo foi conduzido para a cidade que tinha sido theatro de tantas magnanimas acções, de tanto sorriso de esperanza e de tantas lagrimas de desconforto da Rainha Santa. Amortalhado em linho alvo, sobre que se poz uma fina colcha, o corpo foi envolto n'um panno de linho cru, sobre que ainda ia outra colcha de algodão branco, muito grossa.

Depois liado com uma corda de linho, foi encerrado n'um feretro de madeira, coberto de coiro de boi sobre que um bordão assentava. Com este ia uma muleta e sobre ella uma bolsa—e posto o feretro em andas, coberto d'um panno carmezim, ao outro dia do fallecimento, n'uma liteira, abalou de Extremoz o cadaver, acompanhado por el-rei e toda a côrte. Pelos caminhos faziam-se alas de povo ajoelhado, luctuoso, resando; outros queriam beijar o panno do caixão, e havia exclamações compungidas de todos, como um grande rio de affecto que trasbordasse em cheia. O sol radiava em todo o seu

resplendor cegante; o calor era ardentissimo; e nas varzeas, nas arvores folhudas, nas rechãs, nas moitas, as aves soltavam melodias graciosas, doces gorgeios crystallinos e canções. A pouca altura da estrada, d'uma suave tinta bucolica, com murmurios de agoa nas margens e toda a gloria da natureza alegre, como a celebrar um triumpho, começou de apparecer, escorrendo pelas rimas do feretro, um liquido que se attribuiu á decomposição do corpo; mas em breve foi desfeito esse pensamento, pois quanto mais o liquido caia, tanto mais doce perfume se espalhava nos ares, suave como nenhuma fragrancia do mundo, que ia deixando por todo o caminho um rasto de frescura no meio d'aquella calma tropical,—um aroma nunca aspirado nas flores da terra, nas rosas ou nos lyrios brancos. Immediatamente, circumdado por todo o povo, o prestito tinha de parar.

E cada um, á porfia, queria impregnar o lenço d'aquelle perfume, molhando-o no liquido transparente e claro que manava, loucos da felicidade d'aquelle prodigio, querendo guardar aquelle lenço como uma reliquia de oiro coalhada de diamantes valiosos.

Havia em muitos olhos embaciados de lagrimas uma indizivel saudade, uma recordação afflictiva, porque viam todos para sempre apagado o fulgor divinal d'aquelles olhos meigos, que tanto choraram pelos seus vassallos, que eram todos como filhos para ella.

Mulheres levantavam nos braços creanças que sorriam, como para lhes mostrarem pela ultima vez a Rainha Santa. Os lavradores tostados corriam a vêr o prestito magestoso, ajoelhando no pó do caminho, desco-

brindo as frentes quasi bronzeadas das calmas, no fatigante e honrado laborar das terras; velhinhas chegavam, fiando, com as cabeças nevadas de cãs, em cujos labios já sem côr preces tremulas passavam... As creanças, erguidas nos braços das mães, batidas do sol claro, ficavam frescas como morangos, graciosas e ridentes, com os cabellos de oiro levemente agitados pelas brisas da tarde: e os labios d'ellas ciciavam phrases deliciosas, d'uma ingenuidade transparente, estendendo os bracinhos rosados, doces como os anjos amoraveis de Botticelli.

— Alli é que vae a Rainha Santa, minha mãe?

Entre a verdura, ao longe, casaes branquejavam; no azul purissimo, como um docel de saphiras, voava um ou outro pedaço de nuvem branca, lenta como cysne n'algum lago tranquillo: ao calor da sesta as flôres silvestres desmaiavam languidas: pela natureza e pelas almas corria uma pacificação elysea, um bem estar sem fim, e sentia-se menos o calor intensissimo do sol, como se a sombra de ramos verdes cobrisse a gente que accorria ao trajecto, na esperanza de vêr mais uma só vez a Rainha.

Consentiam os fidalgos e comitiva que o povo se approximasse para molhar os lenços no aromatico liquido que do feretro manava: e era uma sofreguidão inenarravel de todos, inebriando-se depois na finissima essencia que brando se evolava.

N'um ponto do caminho appareceu, penosamente arrastado n'um pequeno carro, um homem que havia

annos, em consequencia d'uma paralyisia, estava inutilizado para tudo. Mas a fé que lhe enchia o coração de esperanças, a sua vida sempre serena e pura, a devoção que tinha por Santa Isabel, fizeram com que os visinhos compadecidos o trouxessem á estrada, tantos foram os pedidos que o doente lhes fazia:

—Levae-me, levae-me a vêr uma vez ao menos a nossa Rainha. Tenho fé em que se ha de compadecer de mim. Levae-me por amor de Deus!

Os visinhos, a muito custo conseguiram que elle podêsse vêr o caixão mortuario, que ia oscillando nas andas, sob o sol chammejante.

O paralytico, cheio de contentamento exclamava:

—Piedade! piedade! Da Gloria onde estaes olhae para a minha desgraça, e como o sol faz crescer a flôr roxa do cardo, deixae cair um raio da vossa graça sobre a minha miseria, uma gotta de agoa na minha sede!

Mas o andamento afrouxára; então approximaram do ataude o desgraçado, que molhou o lenço no perfumado liquido, aspirando-o loucamente — e como por encanto, viram-no erguer-se do carro que era o leito onde repousava sem conforto, e correr pela estrada entre o povo boquiaberto, exclamando n'um enthusiasmo febricitante:

—Viva Santa Isabel! Viva Santa Isabel!

Depois cahiu de joelhos, são como um guerreiro antigo, as lagrimas caindo-lhe em fio pelas faces cavas, agora animadas d'uma pincelada sanguinea. Com elle o povo rodeara o cortejo, que se vira obrigado a parar de novo. Todos oravam de joelhos, e essa prece sinceris-

sima e longa era o intimo agradecimento de milhares de almas—oração que tinha a acompanhá-la os soluços, a palpação dos corações contentes e o sorriso limpido das creanças!

Era perante um quadro da grandeza d'estes que nós queríamos perguntar aos despotas do globo se não actuam muito mais a clemencia e o amor, se não vale mil vezes mais uma lagrima ou uma benção do que o ferro vencedor das pelejas, regando a sangue as flores rubras e venenosas da maldição e do odio! Se não é mil vezes mais nobre e mais alta esta corrente espontanea e sympathica de corações, que batem n'um côro de harmonia e de jubilo, agitados n'uma onda de affecto alvoroçante, e fazendo explodir um hymno de victoria!

—Viva Santa Isabel!

Nos concavos dos valles, no longinquo das serras, o echo repetia estas palavras pronunciadas por todas as bocas. A' tristeza da morte contrapunha-se agora a alegria nascida d'este acontecimento verdadeiramente grande. Na sua vida, a Rainha tinha ouvido estas exclamações muitas vezes, quando pela primeira vez appareceu em Trancoso, em Coimbra tantas vezes, tantas! e em Santarem quando á sua voz supplice e doce a mãe pôde ver o filho salvo em seus braços. Agora parecerá incoherente esta exclamação, mas julguem o entusiasmo ilimitado d'esse povo, que a Santa continuava sempre a ouvir e amparar de bem longe,—para lá d'essa cupula azul onde o Senhor espalhou sementeiras de estrellas.

E assim era este povo portuguez, prompto para os maiores commettimentos, heroico e glorioso, valente

como os leões, cuja alma sempre se abriu sem reluctancia a tudo que fosse generoso e largo.

Robustos peitos d'aço, que ora se offerciam ao gume dos alfanges, ora arquejavam batidos de saudades.

Mas lento e lento o sequito adiantava-se. Povoações iam ficando para traz, e nova gente e novos povoados se avistavam. Um facto curioso se conta, digno de mencionar-se, simples e repassado de poesia etherea, como a tradicção oral singellamente nol-o diz.

N'um dos pontos mais largos do caminho, como frequentemente acontecia, o cortejo parou!

Ia o sol já no declinio, como um guerreiro cansado que atirasse ao mar o escudo de oiro, em seguida a um prelio: já no oriente a lua se erguia, de jaspe; os olhos de todos divagavam pelo azul, á evocação da bem amada Rainha. Subitamente começaram de ver-se duas pombas brancas, voando a par, lá muito alto e longe, que se iam aproximando pouco e pouco, deslizando no espaço deliciosamente, e que ao passarem sobre o prestito foram descendo, descendo, até que poisaram no feretro...

Isto causou em todos um movimento de assombro, e todos os olhos cahiram avidamente n'essas aves celestes, que, partindo d'algun pombal invisivel, vinham poisar ali sobre o esquiße d'uma irmã!...

Eram brancas como o arminho, d'uma belleza nunca vista nos pombaes da terra, da alvura que devem ter as almas candidas dos anjos. Ninguem, entretanto, se atreveu a tocar-lhes.

Tam sómente um fidalgo velho, achando-as lindas,

alimentou a ideia de as prender; mas logo tomaram vôo, subindo lentamente para o muito alto, n'aquella tarde docemente azul, até se perderem de vista...

Não era bem por certo do mundo esse par alvissimo de pombas, que ninguem soubera d'onde tinham vindo, nem ninguem sabia onde poisar tam alto. Almas gemeas que voavam, immaculadamente, e que todos viam fugir com saudade, para o pombal doirado e intangivel do Ceu.

— Minha mãe, minha mãe, que lindas pombas! dizia uma creança apontando para o azul.

— Pede-lhe que te deem fortuna, respondeu-lhe a mãe, com os olhos fitos no vôo manso d'ellas.

— Então ellas são ricas?

— Pois tu não vês que ellas são do Senlhor...

Ao trajecto cada vez chegava mais gente: e convictos de que a sua Rainha entrava na Gloria como as pombas, os olhos erguiam-se ao profundo azul, e nos corações reinava um puro sentimento indefinivel... Os milagres foram immensos na jornada, até chegar a Coimbra. No ardor do caminho, muitos caíram extenuados e febris; mas chegados ao pé do athaude e implorando, o remedio immediato nascia, e de novo seguiam cheios de saude e de esperança. Com crianças doentes ao collo, chegavam mães com os olhos molhados implorar a protecção da Rainha: e logo as creanças sorriam curadas, como flôres roseas de damasqueiros, enquanto as mães agradecidas caíam beijando a terra, erguendo as mãos para o ceu d'uma tranquillidade azul e religiosa. Em Coimbra, na

egreja de Santa Clara onde o corpo foi depositado, continuaram os milagres sem termo. A admiração e o fervor justo da crença ahi attingiu o maximo, ao vêr o corpo intacto da Rainha, sem o minimo signal de decomposição, fresco e perfumado, com um eterno sorriso nos labios, parecendo em plena adolescencia aquella que, atravessado um mundo de mentiras e supplicios, ia entrar na algidez mysteriosa dos tumulos. Era tanta a gente, tam difficil a entrada na igreja, que el-rei resolveu com os antigos fidalgos que o athaude fosse de noite introduzido no monumento. Entretanto nenhum despertára de tantos, signal certo de Santa Izabel querer o seu enterro á vista da gente que tanto amára, alumiado gloriosamente pelo sol. E assim se fez.

Enumerar os milagres extraordinarios, verdadeiramente assombrosos, que por esta occasião se deram em Coimbra, molestias incuraveis a que bastava para a sua cura radical chegar uma reliquia — um pedaço do panno carmezim que cobria o feretro, um bocado da madeira da liteira dividida, por exemplo — seria necessario que esta narração se prolongasse immenso. O certo é que a fama dos milagres da Rainha já em vida, prolongados agora depois de morta, fizeram com que todo um povo admirado e grato acclamasse como Santo que era o seu nome — nome eternamente respeitado, nome por todos os seculos bemdicto. Não tinha chegado, comtudo, o dia fulgente da canonisação. Em 26 de março de 1612, varias individualidades, cujos nomes se encontram nas chronicas de então, doutores, padres e fidalgos, foram á igreja onde se encontrava o santissimo cadaver, no

convento de Santa Clara, junto ao côro alto das religiosas; e o pasmo foi indescritivel ao vêrem que alguém desconhecido acrescentara ao primitivo tumulo dois anjos á cabeceira com thuribulos de prata, incensando o corpo, um capitel de pedra lavrada e dourada, e, na parte exterior a figura d'um anjo, donde pendia uma toalha alva, com uma figura levemente esboçada:—oito escudos com as armas de Portugal e Aragão, e n'uma pedra doirada, em letras negras, o seguinte epitaphio:

Elisabetha jacet sacro hoc Regina sepulchro,  
quæ meritis nitidi fulget in arce poli,  
Nempe ita, dum vixit, cæco segessit in orbe  
virtute ut morum vixerit omne genus.  
Quo fit ut a summo diva hæc selecta Tonante  
Regnet, et Angelico nos juvet usque choro.

Cercou-se este tumulo de grades de ferro da sua mesma altura. Sobre elle estendeu-se um docel de madeira doirada, em cujo vão outro escudo com as armas partidas de Portugal e Aragão, e na parede da igreja, na cabeceira do sepulchro, uma lapide de marmore onde se achava gravada em caracteres de ouro antigos uma inscripção latina — mais explicito epitaphio, explanando a traços rapidos quem era Santa Isabel, doce e adorada Rainha de Portugal.

Assim visto o sepulchro, tal qual a Rainha lavrara em sua vida, correu-se a pedra superior que encerrava o cadaver bemdicto, e a admiração foi crescente quando encontraram o mesmo panno carmezim sobre o feretro,

um pouco apenas consumido pelo tempo. O coiro de boi, que envolvia o ataude, tinha sobre si um bordão do comprimento de seis palmos, coberto com lamina de latão doirado e lavrado com conchas de S. Thiago : a este bordão estava ligada com fiadores de latão prateados uma moleta de jaspe vermelho com carrancas lavradas,—e sobre o bordão uma escarcella quadrada de seda côr de avelã por fóra, dentro de coiro fino, onde se encontrou um bentinho com uma cruz de fios de ouro, lavrada. Estas reliquias foram religiosamente recolhidas, e o ataude foi aberto por um sacerdote da Companhia de Jesus.

Um vago aroma enchera o templo santo, fragrança nunca aspirada no mundo, emanação aromática do ceu; e em todos os semblantes passava um raio de alegria infinita, de bem estar sem termo, como se um jardim do empyreo, aberto par em par, deixasse vir na evolução dos seus perfumes o ante gosto das delicias sonhadas n'essas regiões de inquebrantável paz.

Depois, tirada a taboa superior do caixão, encontrou-se o corpo envolto n'uma colcha grossa de algodão, por cima d'um panno de linho cru; este envoltorio aberto, encontrava-se outra colcha mais pequena e mais tenue, e por ultimo a mortalha de linho puro, incorrupta e alva. O aroma cada vez era mais suave, mais delicioso, enchendo o ambiente... Repuxada religiosamente a mortalha da cabeça até ao peito, Santa Isabel appareceu como se dormira, purificada e doce,—oh incorruptabilidade das Santas!—com os cabellos loiros da adolescencia, a rosa das faces, a alvura lactea do seu

collo benedicto,—uma das mãos finas, como outrora quando dava flores, pousada sobre o peito, como se fosse jaspe onde uma saphira se liquifizesse em fios!

Como se fosse uma evocação radiosa, a saudade reacendeu-se em todos os corações. Oh! Rainha adorada e Rainha pura, ó Santa! ó Torre da pureza e da graça! —e em todos os corações o affecto transbordava como a cheia d'um rio, inundando as margens. No côro, as religiosas, que por meio d'um espelho tinham visto esta operação sacratissima, entoavam harmoniosamente o cantico do—*Nunc dimittis servum tuum, Domine!* e as vozes elevavam-se e fluctuavam como nuvens de harmoniosas caricias, como incenso de almas ascendendo de thuribulos de oiro à eterna Cidade do Senhor!

De novo cobriram o abençoado corpo, sem atarem os envoltorios comtudo; e fechado o caixão, guarnecido agora com uma cobertura de velludo púrpuro, de novo a pedra encerrou a maravilha, que um momento apenas foi dado contemplar-se, presos todos d'um extasis e d'uma admiração sem fim. Os sacrosantos despojos foram causa de mil pedidos, de mil supplicas. Uma só d'aquellas reliquias, um pequeno fragmento tam sómente era a suprema aspiração de todos. D. Affonso de Castello Branco, prelado d'aquella diocese, offereceu a bolsa e o bordão ás religiosas, cuja alegria por isso foi indescriptivel, a qual bolsa com parte do bordão enviaram a el-rei Philippe III, que junto da Curia Romana instava pela canonisação da beata Rainha. Com as restantes reliquias muitos milagres se effectuaram sublimes,—como outrora com um simples pedaço da tunica de S. Paulo

os tysicos saravam na Judeia, os paralyticos caminhavam cantando.

Feito rigorosamente o exame, foram para Roma enviados os processos. Instado o Summo Pontifice Urbano VIII para a canonisação da Rainha Santa Isabel, este opposera-se, mostrando pouca vontade ainda. Pediram-lhe que examinasse o processo e que quizesse aceitar um retrato da Santa, que immediatamente foi recebido. E na seguinte noite, tal como estava no retrato, Santa Isabel appareceu-lhe em sonhos e lhe disse, já aureolada em diamantinas luzes:—E' Deus servido que eu seja canonisada. Espera-me o catalogo dos Santos, que eu tanto e tanto amei.

Ao outro dia, o dr. Miguel Soares Pereira, ao tempo agente portuguez junto á Curia, era mandado chamar pelo Summo Pontifice, que lhe contava o que houvera, a apparição cheia de luz e de fragrancia, a voz que ainda lhe murmurava aos ouvidos, como se fossem violinos que resoassem, citharas que os anjos dedilhassem, chorando. Depois d'esta maravilhosa visão, algum tempo passado, Urbano VIII caiu doente, já desesperançado de salvação: foi ainda Santa Isabel que o fez erguer do leito, Santa Isabel que nunca mais se esvaecera na memoria do Papa, cujo retrato jámais o deixou de acompanhar por toda a parte, como um astro de primeira grandeza.

## IX

## Canonisação

Sabida em Portugal a vontade de Urbano VIII, o bispo de Coimbra immediatamente enviou para Roma trinta mil cruzados para a canonisação esplendorosa, e ourives vieram fazer um caixão de prata lavrada, onde as esmeraldas, espineis e diamantes punham fulgurações iriadas, e cuja tampa era de limpidissimo crystal, para que bem se visse esse adorado corpo. Veio então uma camisa de cambraia fina, com as mais ricas rendas, um habito de setim, almofadas de riquissimos tecidos côr de purpura para reclinar o corpo da Rainha. Além d'este sumptuoso feretro, outro se fez de madeira dourada por fóra, forrada de setim bordado a ouro e colmado de algofares côr de leite, onde se metteria o caixão de prata. Depois tudo foi coberto por uma colcha de brocado magnifico.

... Celebrada com uma magnificencia jámais vista a canonisação em Roma de Santa Isabel, a nova chegou a Coimbra, ao mosteiro de Santa Clara. A alegria irrompeu victoriosamente. Os sinos dos templos repicavam em festa, e divulgada a canonisação, ia nas torres o alarme do jubilo, iam nas ruas as expansões d'um povo. A cidade foi illuminada: de longe dir-se-hia um paiz encantado perdido no azul entre constellações. Levantou-se em Coimbra um colliseu pomposo: correram-se touros destramente; a alegria pulsava nos corações de todos.

Saiam quadrilhas dos paços episcopaes, d'uma belleza rutila de sedas, cambiante de pedrarias: — tres cavalleiros, fazendo resoar trombetas, abriam a quadrilha, dando uma nota hilariante e bellicosa á cidade festiva, cheia de amor, d'enthusiasmos e brilho; vestiam vaqueiros de seda, com girões verdes e côr de sangue; os chapéus forrados da sêda dos vaqueiros, com touquilhas de prata volante, e os forros de telilha da mesma prata, com reflexos crús ao sol em plena gloria de luz. Iam depois os atabaleiros, depois dois azemeis com chapéus de girões de côr e duas azemolas que conduziam as cannas, com fiadores de retroz vermelho, nos peitoraes franjas doiradas e guisos de prata tilintando finamente entre plumagens iriadas e tremulas, todas resplandecentes de arreatas vermelhas e de ferragens doiradas ao sol. As cannas iam cobertas com reposteiros caros, onde se viam as armas da Rainha Santa, e eram apertadas com arroschos de prata fina. Vinte homens em libré, dez de cada côr, segundo a quadrilha a que pertenciam, conduziam vinte cavallos á mão com jaezes e telizes bordados a ouro e prata. Vinham em seguida, dois a dois, os cavalleiros reluzentes e galhardos de riqueza e de radiações, e chegados á praça, feitas as cortezias, o jogo das cannas começou donairosamente, com todo o garbo de fidalgos valentes e destros, ao passo que as trombetas licenciavam os animos, as bandeiras tremiam gloriosamente no alto — e sobre tudo caia uma paz indefinivel do azul limpido como um sonho, menos flammejante que a arena colmada de irisações de côres, de reflexos metallicos e cegantes. E as festas, concorridas como nunca, varia-

das e magnificas, continuaram sempre entre a feliz expansão entusiastica d'um povo. Ao oitavo dia, que de mais era domingo, as religiosas de Santa Clara fizeram a procissão d'uma pompa e d'uma esplendidez nunca vistas, d'uma fina originalidade rutilante. E pelo seu esplendor, aqui deixamos a singelos traços o esboço que certo não traduz o oiro, as sedas, a preciosidade das pedras e as doces imagens levadas entre flôres. — Como sempre, adiante, iam atabaleiros vestidos de sêdas variegadas, charamelas tocando, despertando as ruas em borborinho jubiloso, e logo em seguida, n'um cavallo magnifico, de jaezes ricos, uma figura toda em carmezim claro, colmada de pedras finissimas, arvorava um lindissimo guião de sêda alva, d'uma parte com as armas de Portugal e Aragão, de outra o retrato da Rainha Santa. Seguiam-se côros harmoniosos, festivas danças ao som de instrumentos curiosos, e esta figura symbolica da Alegria, nimbada no reflexo do sol, enchia as ruas d'um derramamento de luz rosea, d'um nunca visto clarão de aurora boreal. — Seguia-se um carro azul celeste, com brutescos de bronze, puxado por um avestruz côr de rosa: ia n'elle sentado o propheta David, coroadado, segurando o sceptro de oiro lavrado, cheio de simplicidade na physionomia doce, tambem vestido de vermelho, um vermelho de chamma, a rendas de oiro guarnecido, com sobre roupa, mangas e sobre mangas da mesma sêda com guarnições de prata, e uma especie de tunica que lhe chegava ao artelho era tambem rubra, com passemanes de oiro. As meias eram de seda amarella tostada; as alparcas de lhama riscada de perolas e es-

meraldas. No mesmo carro, ao lado do throno, destacavam os vultos heroicos de Hercules e Atlante, sustentando nos hombros espheras celestiaes. N'uma das mãos David segurava uma tarja onde se lia em nitidos caracteres — *Laudate Dominum de Caelis in Canonisatione Sanctæ Elisabethæ*, a que vozes em côro, argentinamente, respondiam n'uma angelica toada, entre musicas, — *Laudate eum in excelsis*.

Seguiam-se os anjos S. Miguel, S. Gabriel, S. Raphael, com vestes d'um luxo deslumbrante. N'este distico latino que levavam ia uma exhortação angelica:— *Laudate eum omnes Angeli ejus*. Vinham depois o Sol, os planetas, a lua, não de carro como as outras figuras, mas a pé, para mostrar que os proprios astros desciam n'este dia á miseranda terra... O symbolo do sol ia vestido de amarello vivo, e sobre o amarello d'uma couraça romana, o ouro scintillava em artificios de labor: em pleno peito levava uma especie de gyrasol de oiro e topazios. A Lua, depois, vinha envolta n'uma tunica branca, sobre que vestira um collete de prata: diademas de pedras claras na cabeça brilhavam como pequeninos astros.—Jupiter, com coroa e scepto; Marte, com armaduras brancas; Venus vestida de primavera, grinaldada de flores, galantissima e fresca, levando pela mão Cupido sem a venda. Mercurio, Saturno e depois Atlante, ao hombro o globo azul salpicado de astros de oiro.

A Terra ia n'um carro erguido sobre uma serpente: no carro iam pintadas as arvores, as plantas, flores e fructos, e no throno a figura symbolica sopeava um

leão fulvo. Sobre a cabeça erguia-se uma torre, emblema de força e grandeza, e adiante dois gigantes, seus filhos, de cerca dezoito palmos de altura. De cada lado, a Terra levava duas figuras vestidas de frondes, toucadas de flores, nas mãos liberaes copia de fructos—para mostrar como era ubere e feliz o nosso planeta tam cheio de lagrimas. Junto vinham dois dragões ferozes. E todos traziam legendas latinas de louvor e de graça. — Vinha em seguida Neptuno n'um carro puxado por dois cavallos marinhos. Vinha todo vestido de verde-mar, fulgido de esmeraldas sob uma concha de prata lavrada: dos lados paineis representando peixes, dansas de sereias, barcos, tritões, e esfumados longiquos de praias com penhascos.—N'outro carro uma figura joven, representando o elemento do ar: ia erecta, d'uma gracilidade de quem voasse, pousada sobre um camaleão furta-cores, levando na mão uma ave, pairando-lhe na cabeça uma nuvem. Variadissimas aves, caçadores em elegantes vestes montanhezas, tudo isto no carro do Ar.—Seguiam-se o Fogo, a Neve, o Gelo, a Saraiva, todos seguindo a a pé. Representava o Fogo o monte Etna, todo rubro, vomitando chammas, cheio de rubis, de espineis e de grenates; as outras figuras iam vestidas de algodão asiatico, onde pedras brancas e preciosos tremeluziam—cadeiados de perolas e aljofres—*Ignis, Grando, Nix, Glacies*.

Um carro representava um monte e sobre elle Eolo, com mais quatro figuras dos principaes ventos, todos vestidos de pennas, com azas—*spiritus procellarum*. Depois outro carro tirado por duas salamandras, onde ia Vulcano, da cinta para cima couraçado de laminas,

para baixo de brazas; adiante uma forja, que Esteropes e Brentes accendiam; á frente do carro Cupido, de olhos vendados, levava ao hombro o carcaz mythologico e na mão pequena e cruel o arco e a aljava. A este carro seguia-se n'um cavallo branco a figura adoravel da Concordia: levava erguido um pendão branco com duas mãos apertando-se, coroadas de ouro, e junto a ellas dois corações unidos. Depois arcabuzeiros, quatro cavalleiros e D. Jayne de Aragão e D. Fernando de Castella, com as espadas tranquillias e luzentes em que se entrelaçavam ramos viridentes do oliveiras.—Vinha após D. Diniz entre o infante D. Affonso seu irmão e o infante D. Affonso seu filho, todos a cavallo, figuras recordativas da harmonia que entre elles fôra feita pela sempre chorada e sempre amada Rainha, e assim vinha tambem Santa Isabel n'um carro magestoso, trazendo ao seu lado a figura da Paz, toda de branco, que docemente lhe pousava na cabeça uma coroa alvissima de flores e lhe dava a palma verde das victorias, e onde se lia em flavas letras de ouro: — *Nam tu sola potes tranquilla pace juvare mortales*. Mais duas figuras symbolicas vinham no carro da Rainha Sancta: a Segurança, vestida de azul claro, tudo em seda, que reclinada na mão direita a cabeça loira, dormia tranquilla como um lago ao luar; a Alegria, em costume de primavera, na mão um canistrel de flores frescas, na cabeça uma grinalda pura. E em torno, no mesmo carro, um côro de Anjos cantava, cantava louvores ao Ceu... Mais um carro com uma figura que representava a cidade de Coimbra; outro o reino de Portugal; outro o mosteiro

de Santa Clara. Depois outro em que se erguia um monte coberto de arvores agrestes e fructiferas—e os pomos pendentes, que eram de cêra, dir-se-iam batidos da luz, de tam bem feitos que iam, naturaes e maduras—*Montes et omnes coles, ligna fructifera et omnes cedri*. Seguia-se a Arca de Noé, cheia de animaes variados; vinham depois, em magestosos ginetes, todos os reis e alguns principes potentados da Eurôpa, todos em purpura, com as insignias respectivas: seguiam-se doze tribus armadas e logo os juizes que governavam o povo hebreu, vestidos á antiga, evocando docemente lendas passadas e amadas, entre os quaes resplandecia Samuel.

Vinha depois Abel, cercada de creanças cobertas de flôres; outro carro com as Sciencias; uma nau toda galharda, com flammulas de côr, dentro Santa Isabel com o trajo de religiosa de Santa Clara, e na frente quatro figuras cantando, representando as principaes virtudes da Rainha. Vinham depois Santo Antonio de Padua, S. Luiz, rei de França, Santo Ignacio de Loyola e S. Bento de Palermo, com uma riqueza jámais vista na terra, coruscantes de oiro, de pedraria, de setins valiosos; seguiam-se os religiosos de S. Francisco, a pé, psalmeando, e debaixo do pallio o sacerdote trazendo na mão o bordão com que Santa Isabel tinha ido a pé e peregrinamente a S. Thiago da Galliza. Por detraz do pallio vinham todas as pessoas gradas, as justiças, a camara da cidade—e por fim as populações alegres, exclamando e erguendo ao paiz da Gloria, entre palmas e flores e aclamações enthusiasticas de hymnos o maior nome de Santa portugueza, a maior gloria d'um reino e

d'um povo. No ultimo dia, segunda-feira, levantou-se um theatro e as festas continuaram estrepitosamente. Nunca Coimbra viu tanta alegria; nunca o Mondego levou nas suas aguas claras um echo mais expontaneo de corações saudando um Coração que fôra na vida o receptaculo de oiro de lagrimas magoadas; jámais um nome foi aureolado em mais brilho, uma imagem coberta de mais flôres: triumpho justo d'aquella cuja vida foi um caminho de piedade, e cuja morte foi uma hossana de benções.

Mais tarde, no reinado de D. João I, como o Mondego tendesse a aluir o antigo mosteiro, houve a grandiosa trasladação de Santa Isabel para o convento que de novo se mandára edificar em sitio livre de todo o perigo, onde o Mondego não chegasse e onde o sol batesse melhor e mais doirado. O corpo santissimo da Rainha estava ainda incorrupto e puro, guardando aquella côr de rosa esbatida da mocidade. O transito foi concorridissimo, descançando o feretro pelo caminho em tres altares erigidos de proposito para esse fim, d'uma riqueza quasi phantastica de ornamentação fulgida. De novo se effectuaram milagres admiraveis, de cada vez era mais crescente a adoração ininterrupta por Santa Isabel, e á sua lembrança, do que ella fizera e do muito que a amaram, havia ainda vozes que se suffocavam de pranto, como uma recordação de caricia nunca mais encontrada, de bem e de protecção que nunca mais houvesse. Á passagem da Rainha Santa havia, como abelhas que pousassem em rosas, um murmurio brando de pre-

ces para o ar: — eram os corações que fallavam. E ainda d'esta vez, para mostrar o seu amor infindo, Santa Isabel salvou da morte varias pessoas, que em seu serviço se viram maltratadas. Monteiro Pain, descendo uma escada, no alto da egreja, desequilibrou-se e caiu, dando com o corpo nas lages, batendo com a cabeça nos degraus de pedra. Houve um murmurio de afflicção suprema, um grito de pavor dos circumstantes; mas tudo se dissipou vendo-o erguer sem uma beliscadura, sem uma queixa, sem um ai apenas. Fôra decerto o manto da Rainha que se estendera para o amparar na queda. Abençoada! mil vezes abençoada! E que as edades repitam o echo d'essas eras, onde se evola uma fragrançia de rosas colhidas e frescas, um perfume hoje raro de bondade infinita, de crença e de amor casto, que nos inunda a alma, necessitada de se retemperar nos exemplos da grandeza humana — grandeza que nada seria sem o nome de Deus.

Fim do volume I





